

# India, Vedanta e Educação :

## A Experiência Ramakrishna

**Osunfemi Elebuibon (Ivan da Silva Poli)**

**e-mail – [ivan.poli@usp.br](mailto:ivan.poli@usp.br)**

**[ife\\_ife\\_ni@yahoo.com.br](mailto:ife_ife_ni@yahoo.com.br)**

**fone – ( 11 ) 3641- 6163**

Versão impressa possível no site da Editora Biblioteca24horas seção de  
Educação

[www.biblioteca24horas.com](http://www.biblioteca24horas.com)

## **Prefácio**

Este livro é o retrato do seu autor : Ivan da Silva Poli, uma pessoa inteira, conectada: polidescendente, como seu sobrenome indica e esta obra nos esclarece : 13 povos formam esta 'pessoa'. Ele é militante, curioso, pesquisador; doce e terno. Sendo assim, o leitor, ao tomar contato com seu trabalho, conhecerá um homem que constrói e preserva a sua integridade a partir da sua vivência, pesquisa, engajamento com as questões educacionais e com bom humor.

Tive o prazer de ler o livro e agradeço ao Ivan por prefaciá-lo, uma dentre suas obras : *Índia, Vedanta e educação- a experiência Ramakrishna*.

Na introdução deste livro, Ivan começa por nos contar suas origens diversas como as do povo brasileiro. Ele nos apresenta a sua história de vida. A partir desta, nós, leitores, devemos nos preparar para fazer uma verdadeira viagem pelo globo : Turquia, Egito, Tailândia, Espanha, Itália, Marrocos, Croácia, Irlanda, Holanda, França, Portugal, Suíça, Bélgica, Canadá , Estados Unidos, Argentina, Brasil e, sobretudo, Índia.

Neste país, ex-colônia britânica, Ivan conhece Vaishali, uma indiana de *Hyderabad* que o introduziu aos Vedas e à cultura Vedantina. Foram muitas as correspondências trocadas. Sem esta relação, não teríamos esta obra hoje em nossas mãos.

Um outro aspecto que permitiu a existência deste trabalho foi o posto de trabalho ocupado por Ivan quando atuou em uma empresa relacionada ao Turismo , que lhe abriu as portas para tantos mundos.

O autor aproveitou esta oportunidade para saborear as diferenças culturais com as quais se deparava : as religiões, os costumes, as línguas, os monumentos, as artes. Ou seja, as pessoas e seus universos simbólicos. Não por isso, esta obra se refere ao abandono da própria cultura pelo autor. Ivan, ao contrário, abre caminho para a valorização de sua própria identidade.

Há que se ressaltar também o encontro que Ivan teve com uma feminista do Cairo que usava bermudas para receber turistas e *shador* em sinal de religiosidade quando ia às mesquitas. Aqui, este livro apresenta discussões verdadeiramente interessantes sobre a resistência feminina às violências dos homens no passado e no presente contra as quais as mulheres tinham e têm que lutar das quais o autor é solidário.

A obra nos faz conhecer diferentes instituições escolares pelo mundo que nos introduzem, pouco a pouco, no universo educacional, revisitado pelo autor, no momento em que, decepcionado com a recusa de emprego na França, retorna, bem-vindo, à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para prosseguir seus estudos.

Foi no ano de 2007, na iniciação científica, que Ivan começa a sistematizar e a refletir sobre sua experiência na Índia na fundação Ramakrishna.

Em seguida, sempre perseguindo seus deais, Ivan ingressa no mestrado da mesma instituição de ensino superior e começa a se dedicar ao estudo da cultura africana yorubá, de seus ancestrais, mais precisamente sobre a viabilidade da temática racial em sala de aula apoiada pela lei 10.639/03.

Deste modo, Ivan vem demonstrando que o problema do racismo e da discriminação velados que existem em nosso país é um problema social e não somente de um segmento da sociedade. Há que se buscar uma solução ao problema que não faça do Brasil a sociedade fragmentária e excludente na qual vivemos hoje.

Além desta imersão em diferentes culturas, esta obra nos apresenta as grandes linhas do *Vedanta* :

Uma das seis escolas filosóficas principais baseadas nos *Vedas* (escolas ortodoxas baseadas nos *Vedas*). Neste sentido, o estudo apresentando os *Upanishads* é extremamente importante. A apresentação de Sri Ramakrishna e Swami Vivekananda , importantes figuras dentro das reformas religiosas e culturais do Renascimento Hindu, é acessível aos não iniciados na cultura oriental.

De acordo com os filósofos da Fundação Ramakrishna, aprendemos por meio da obra de Ivan, os Yogas nos levam à transcendência e à liberação que ocorrem por meio dos 'caminhos' :Bhakti (devoção), Jnana (conhecimento), Karma (ação) e Raja (meditação), fazendo com que ultrapassemos os meros objetivos da vida mundana.

De um modo sucinto, é este o saber que Ivan entende como fundamental no âmbito da prática educacional. No âmago desta Filosofia da Educação, encontra-se a relação Mestre e discípulo. Ou seja, Ivan nos mostra o caminho para que alunos deixem de ser meros reprodutores do conhecimento pré-estabelecido e passem a reconstruí-lo. Este saberá partir dos seus saberes.

Dito de outro modo, ele defende que o conhecimento deixe de ser simplesmente transmitido pelo Mestre; o discípulo é um recriador; a relação pedagógica é horizontal.

Além deste conhecimento oriental, a obra de Ivan nos remete a grandes nomes da Educação dos nossos dias e de outros tempos. Destacamos : Platão, Gusdorf (1970), Pieper (2003), Winnicott (1975), Bourdieu (várias obras), dentre outros.

E assim, ancorado nestes homens, Ivan escreve sua experiência como 'educador- pesquisador', por meio de pesquisa- intervenção, em que nos fala de seus alunos, professores, futuros professores, em contato com o conhecimento baseado em leituras de textos e de obras indianas, assim como, de autores ocidentais.

Algumas das questões atuais que mais inquietam profissionais da Educação são abordadas nesta obra : Na sala de aula, como levar em consideração o conhecimento prévio de nossos alunos? Como favorecer o aprendizado nos dias atuais? Como promover a criatividade? Como incluir na escola? E na sociedade? Em suma, como ser um Mestre para nossos alunos?

Finalmente, o leitor encontrará uma série de condições para o nascimento do Mestre, aquele que está preparado para perder o controle e o domínio do conhecimento ao permitir que o seu discípulo o reconstrua e dele se aproprie definitivamente. O Mestre permite que o discípulo o ultrapasse.

E assim, por todos os motivos aqui destacados, desejamos a todos: boa viagem e boa leitura envolvidos pelas palavras de Swami Vivekananda (POLI, p. ???) :

*Se a teologia e o dogma se tornarem obstáculos  
em sua busca pela Verdade , abandone-os.*

*Aprenda a pensar sem preconceito,  
a amar todos os seres somente por amor,  
a expressar suas convicções sem medo ,  
a levar uma vida de pureza  
e o Sol da Verdade o iluminará.*

*Nilce da Silva, Fevereiro de 2012*

Quebec

## I – O FILHO DAS ÁGUAS A CAMINHO DAS INDIAS E DOS ORIENTES

Antes de começar qualquer coisa falando de mim , é necessário que fale de minhas origens familiares ancestrais ( que conheço ) . Sou descendente de 13 povos diferentes e em minhas andanças pelo mundo pude conhecer bastante sobre eles e estas origens.

Estes povos são , em resumo 5 da Europa – portugueses, italianos, gregos, holandeses, espanhóis, 3 do Oriente Médio – ciganos, judeus sefaraditas ( por origem materna ) e mouros islamizados ( por origem paterna ), 3 da África – Congo , Angola e Yorubás ( sudaneses da região do Golfo de Guiné, sendo que deste povo vêm minha origem mais nobre ) 1 – Ameríndia – Tupinambás de Pernambuco ( Tupi or not Tupi ?), 1 da Ásia – Japoneses.

Além disso como bom paulistano antropofágico tenho ascendências de pessoas de outros estados. Como diria Chico Buarque e comigo ocorre o mesmo: O meu pai era paulista , meu avô pernambucano, o meu bisavô mineiro e meu tataravô baiano , apesar de meu maestro soberano não ser Antonio Brasileiro, mas sim Caetano Veloso na sua música “ Um Índio “ por pertencer a outra geração amando igualmente muito o meu país pelos caminhos que andei pelo mundo que me fazem acreditar que meu povo um dia virá “ *impávido que nem Mohammed Ali, apaixonadamente como Peri e tranqüilo e impassível feito Bruce Lee*” ( e fará tudo mais que a música diz ) e me fizeram amar cada vez mais minha Nação que não pode estar desvinculada de minha origem familiar, a quem aprendeu que mais vale ser brasileiro que uma cópia mal feita de europeus.

Em 92 Começo a frequentar com amigos da Federal o Centro Cultural São Paulo e todos os sábados das 8 da manhã às 6 da tarde passávamos em um grupo de estudos de línguas de umas doze pessoas estudando espanhol, alemão, francês, inglês e italiano , contratávamos professores destas línguas que se alternavam em nosso grupo e no tempo restante monopolizávamos as cabines de cursos de línguas e os métodos da biblioteca. Os que estudávamos e os outros como holandês, sueco, árabe, chinês, e todas as línguas disponíveis aí.

## ***Cartas para Vaishali.***

Com meu primeiro salário de monitor na Escola Técnica Federal de São Paulo me inscrevi em uma instituição para conseguir endereços de pen-pals interessados em se corresponder comigo em outras línguas ( sobretudo francês, inglês, alemão e espanhol) . Como somente era possível escolher 4 amigos e minha lista era de 28 diferentes países mais da Áfricae Asia pelo interesse desde a época por cultura Afro-Asiática, criei 6 outros pseudônimos inspirado na heteronimia de Fernando Pessoa que estudava na época e desdobrei minha personalidade em 7 com um traço mais marcante delas e uma ou duas línguas específicas e um grupo de países afim para se corresponder para cada um dos meus heterônimos. Um dos meus heterônimos ganhou um premio no concurso de literatura da Federal com um texto intimista sobre um homem idealista que se encanta por uma mulher comum e sem nome que se vai em um ônibus que podia levar seu nome e era tudo que este homem sabia dela , falando do encanto da poesia inteligente de pessoas anônimas e comuns em contraposição aos sonhos de se virar uma sub-celebridade acéfala incentivados pela mídia e meios de comunicação de massa, muito comum no início dos anos 90 e pelo o que vemos até hoje.

Meu segundo salário gastei quase todos em selos internacionais nas mais de 30 cartas que mandei para todo o mundo para praticar minhas línguas

Bem lembro de minhas amigas de Portugal, Itália, Austria, Grécia, Irlanda ( únicos países europeus que me correspondia), Turquia, Egito, Sudão, Togo, Benin, Camarões, Nigéria, Guiana, Sri Lanka, Indonésia, Malásia, Tailândia, Vietnam,China, Japão,Martinica e sobretudo Índia. Foi uma época que escrevi tanta carta que quase me igualei ao personagem de Fernanda Montenegro em Central do Brasil , com a diferença que mandava todas as cartas e eu mesmo e meus heterônimos eram os autores.

Nesta época cheguei a me corresponder até mesmo em yorubá com o Benim e descobri muito sobre a escravidão linhageira e origens pessoais de uma família africana de descendentes da corte do reino africano de Oyo que acabou me adotando por ter origens semelhantes em minha família.

Nesta época também fiz grande amizade com Menaka , minha amiga cingalesa que me ensinou um pouco da língua e costumes do Sri Lanka e da

tradição do Budismo Theravada. O caminho óctuplo e as quatro nobres verdades de Buda , nos escrevemos até os dias de hoje e um dia antes de morrer planejo conhecer o Sri Lanka e visitá-la.

Porém acho que a pessoa mais importante no contexto de minha vida que conheci nesta época foi Vaishali, Uma indiana de Hyderabad que me introduziu aos Vedas e à cultura Vedantina. Nos correspondíamos pelo menos duas vezes por mês e trocávamos impressões sobre nossas culturas . Eu falando dos deuses afro-brasileiros e ela falando dos deuses indianos e da Fundação Ramakrishna. Fui introduzido nesta época a um dos filósofos mais importantes de minha vida , Vivekananda. Vaishali era uma espécie de esposa de alma que me casei pelo correio do destino. Certo dia para selar nosso relacionamento ela me envia um grão de arroz com meu nome escrito nele por ela mesma para dizer que minha amizade era como o arroz que a alimentava e eu a envio minha primeira guia de Oxum para que guardasse próximo a suas deusas das águas para que Oxum a protegesse.

Dentre todas as cartas uma falava a história de Valmiki , o escritor do Ramaiana que é o que transcrevo abaixo.

*Hyderabad, Índia , 5 de abril de 1994*

*Meu querido amigo Ivan*

*Olá !! espero que minha carta o encontre em bons humores. Espero que tenha recebido a carta de Nilesh, nosso amigo . Desta vez estou enviando duas cartas ao mesmo tempo e rezo a Deus para que você as receba rapidamente, e que cheguem a suas mãos sem nenhuma dificuldade.*

*Desta vez estou escrevendo para você uma história de nosso épico chamado Ramayana. De quem escreveu o Ramayana. O autor também tem o mérito de ter escrito esta obra. Contarei como o autor do Ramayana mudou sua própria vida e se envolveu em amor a Rama. “ Rama “ , o consideramos um Deus , e o chamamos de Sri Rama. Nos tempos antigos as pessoas não tinham fé em Deus . Por que não conheciam sua força. Quem cria e destrói a vida . Até mesmo a ciência tem algo por trás de si. Algo que o homem não alcança. É fácil alcançar a lua ou outro satélite, mas é difícil alcançar a Deus. Não é necessário*

*nenhum foguete ou avião para ir a ele . O caminho começa no coração. e termina com o Amor, afeto e paz , em muitos e incontáveis corações. Quando controlamos muitos corações ganhamos o sentido de Amor a Deus.*

*Valmiki, o autor foi um destes. Primeiramente em sua vida ele foi um bandido. Que fez sua casa e sua família em uma densa floresta. Ele roubava e matava as pessoas que moravam na floresta e a visitavam . Ele não podia distinguir o bom do mau , o divino e o diabólico, alegria ou tristeza,e o sentido da vida. Um dia um mensageiro de Deus viajava pela floresta e não tinha nada com ele e seu nome era Narada. Valmiki amarrou suas pernas e braços e perguntou qual era seu ultimo desejo na vida. O mensageiro então falou que queria apenas a resposta para uma questão. Ele disse, por favor vá e pergunte a sua mulher e filho se eles estão de acordo com este trabalho maléfico? Ele foi e perguntou a sua família e eles disseram que não estavam de acordo, e então ele percebeu que era egoísta , assim como a verdade da vida . Então caiu aos pés do mensageiro e o pede perdão. Se sentiu culpado pelas coisas que fez em sua vida. A solução para se purificar dos seus erros foi se unir ao nome de Rama. Ele era um ignorante e não conseguia pronunciar Rama e pronunciava Mara , que é exatamente o contrário. Após muitos anos conseguiu pronunciar Rama. Ele fez todos acreditarem que há força no nome de Deus que torna as pessoas boas e amando por todos. “ Alguém que é amado por todos é amado por Deus” é uma afirmação verdadeira. Após isto ele ficou tão impressionado pelo nome Rama que foi inspirado por isso e começou a escrever o Ramayana. “ O Senhor Rama é um oceano de doçura” . Quando vi sua maravilhosa beleza. Me senti feliz com sua presença na minha vida. Eu não posso mais dormir , ó Deus! Sem a sua presença em minha vida. Eu estou incompleto, minha vida é sem sentido . Então peço que derrame suas bênçãos em minha vida”.*

*Este é o sentido das linhas escritas por Valmiki em sua obra. Vou citar isto em Marathi , e espero que veja a beleza disso ao ver isso “ ( E ela cita o trecho em alfabeto Marathi )*

*Voce gostou ???*

*Estou enviando um Japa Mala . Se possível use isso e será feliz na vida. Eu gostaria de compartilhar isso com você .Isto fará você livre dos males e tristezas da vida. Esta é a filosofia por trás da história.*

*Estou muito ansiosa para ouvir a música brasileira na próxima carta. Como está indo seu trabalho? Aproveite o máximo a alegria da vida e a beleza da natureza. Espero que tenha recebido minha foto com a ultima carta. Voce poderá me ver ali. Nem tudo o que desejamos pode se realizar sempre , não é mesmo ??? Eu não posso vê-lo na realidade ao vivo , mas quando leio sua carta posso sentir sua presença próxima ao meu coração e imaginar a situação. Em minha imaginação posso voar ao Brasil também . E meus pensamentos acham maravilhoso de estarmos próximos. “ a grama é verde, o Céu é Azul mas amigos como você são muito poucos “ Te encontro na próxima carta .*

*Paz e Amor*

*Vaishali .*

Esta era a tônica das cartas de Vaishali e nossas correspondências em geral.

***Paris pela primeira vez, encontro com meu irmão Sikh Punit.***

***O filho das águas a caminho das Índias.***

Em 1993 vou trabalhar na Mitsubishi Heavy Industries como comprador técnico e no final do ano vou para a Bahia com minha mãe de ônibus depois de 7 anos sem pisar em nossa Terra Santa.

Na volta entro em uma multinacional da área de automação industrial como estagiário . Não gostava de testar painéis elétricos e pedia para o meu chefe para traduzir os guias e manuais do francês, inglês, espanhol e alemão para o português. Um dia o chefe do departamento comercial precisou de uma tradução de guia e me chamou. Daí em diante depois que venceu meu contrato de estágio fui efetivado no Departamento Comercial e trabalhava como Vendedor, Tradutor Técnico e Suporte Comercial. Traduzia normas técnicas . Nesta época faço um teste de nivelamento na Aliança Francesa e vou direto para o 6º ano (aperfeiçoamento) e no semestre seguinte presto os DELFs e

sou aprovado, sendo este o único certificado formal de língua estrangeira que tenho até hoje.

Nunca gostei do ambiente de engenharia, onde o papo predominante era futebol e vulgarização da mulher. Raros se interessavam por cinema não americano, cultura, antropologia, teatro, música, política, literatura, viagens e tudo mais que gostava.

Resolvi que mudaria de ramo e enviei meu currículo para todas as companhias de aviação e turismo e uma empresa de transporte aéreo me chamou para um processo seletivo no qual fui aprovado e comecei a trabalhar em 1º de fevereiro de 1996. (Um dia antes do dia de Yemanjá). Minha chefe era uma greco-egípcia que é minha amiga até hoje e éramos uma equipe de reservas bem interessante. Era realmente muito engraçado quando simulávamos uma sessão de candomblé quando os chefes saíam e nosso amigo Fernando jogava os clips no teclado simulando o jogo de búzios.

Era muito engraçado quando nossa chefe portuguesa implicava comigo e com minha irmã de alma Christiane (uma descendente de armênios e egípcios que morou no Canadá e hoje mora na Alemanha) quando antes de tudo começar no dia acendíamos incenso e líamos versos do Dhamapadda Budista. Os versos sobre a cólera eram nossos preferidos e líamos todas as segundas, o que irritava profundamente nossa chefe madeirense sempre nervosa que tomava isso como provocação.

Nesta época, fui morar sozinho e coincidentemente minha mãe se separa de meu pai e vem com minha irmã que Santa Sara Kali nos presenteou, para minha casa... Bem, depois que ela entrou pela porta começou minha viagem pelo mundo em uma aventura louca tal qual Macunaíma fez em seu segundo momento pelo mundo atrás do Gigante em busca do Muiraquitã que foi terminar (ou nem sei se terminou) muitos anos depois quando esta mesma irmã nos deixou para se casar e teve que rezar para que Santa Sara Kali não lhe secasse o ventre e lhe desse um filho em uma gravidez de risco.

Fiquei nesta empresa por 9 anos e desempenhei diversas funções, mas para centrar no que é interessante no aqui e agora, durante este tempo visitei 22 países em 5 continentes e em cada um deles algumas de suas instituições religiosas e educacionais e passei quase três anos fora do Brasil

Em 1996, fui pela primeira vez para fora do Brasil e a primeira cidade que conheci foi Paris. Neste curso começa minha vida de Analista de Treinamento. No curso conheci gente do mundo inteiro e fiz grande amizade com um indiano Sikh , Punit.

Era a primeira vez que saía do Brasil e a primeira cidade que estive foi justamente Paris, logo que cheguei fui aos monumentos. No curso tinha gente do Mundo inteiro e faço amizade com todos. O curso era em francês e meu amigo indiano falava pouco esta língua, por isso passei a traduzir tudo para ele. Formamos um trio, Diego, da Argentina, Punit da Índia e eu e no ano do sucesso da Macarena, colocamos todos pra dançar o Tchan no refeitório onde almoçávamos. Senti grande afinidade com todos e Punit me acolheu como irmão. Passeamos por toda Paris e conhecemos todos os subúrbios onde viviam os estrangeiros na cidade. Pude conhecer aí a Paris destes imigrantes, bem diferentes daquela dos cartões postais. Voltamos para nossos países e ele me convidou para passar férias em sua casa na Índia. Estive entre 1997 e 1999 várias vezes na Índia.

Na casa de Punit fui adotado por sua família que me coloca o turbante Sikh e roupas indianas para que saíssemos para o centro de Delhi para fazer compras. Dizia que era um filho de indiano que vivia na Inglaterra e por isso não falava bem punjabi nem hindi. Conheci na época a história dos gurus Sikhs , como Guru Nanak e do poeta Kabir que está em seu livro sagrado e que deu a vida pela união entre muçulmanos e hindus e no momento de sua morte quando os hindus queriam cremá-lo e os muçulmanos enterrá-lo quando vão até seu cadáver para serrá-lo ao meio encontram apenas pétalas de rosas e mesmo assim dividem nas e os hindus as cremam e os muçulmanos as enterram.

As Histórias de Kabir e Guru Nanak me marcam profundamente nesta época e por isso começo a estudar as histórias dos dez gurus Sikhs, a vida e os poemas de Kabir.

Dentre estes poemas, destaco os versos abaixo que me dizem muito até hoje.

Sobre Deus

*Onde me procuras?*

*Estou contigo.*

*Não nas peregrinações ou nos ídolos,  
tampouco na solidão.  
Não nos templos ou nas mesquitas,  
tampouco na Caaba ou no Kailash.  
Estou contigo, ó homem,  
estou contigo.  
Não nas preces ou na meditação,  
tampouco no jejum.  
Não nos exercícios iogues ou na renúncia,  
tampouco na força vital ou no corpo.  
Estou contigo, ó homem,  
estou contigo.  
Não no espaço etéreo ou no útero da Terra,  
tampouco na respiração da respiração.  
Procura ardentemente e descobre,  
num instante único de busca.  
Kabir diz: escuta, com atenção!  
Onde está tua fé, lá eu estou.*

Na primeira viagem fui até Jaipur e lá fiquei dois dias com os ciganos Kalderash que vivem ao ar livre e pude conhecer as danças deste povo inspiradas nas danças sufis, que viria a conhecer melhor mais tarde quando fosse à Turquia. Lembrei do advento de minha irmã em nossa família, abençoada pela Santa Sara Kali dos ciganos da Europa. E depois dessa experiência com os ciganos do Rajastão ( a origem dos ciganos de todo mundo ) até hoje quando posso peço a benção das ciganas na rua quando as vejo e posso pagar por sua reza.

Fomos também ao Taj Mahal em Agra onde fui com Punit, Mameet ( a sua esposa) e meus outros irmãos( Sunit e Ravi ) . Pude conhecer o monumento em nome de um grande amor e as artes dos artistas que herdaram as técnicas de mosaicos em mármore. Achei curioso e interessante o fato dos indianos não comprarem miniaturas do Taj Mahal por ser um lugar de respeito aos mortos e por isso não ser de bom agouro, para eles tê-lo em casa.

Na segunda viagem fui até a casa de Vaishali em Hyderabad e ela ao abrir a porta de camisola se surpreende ao me ver e não acredita. Vamos até seu serviço e ela pede dispensa para me levar para todos os lados de Hyderabad.

Ela me leva até a fundação Ramakrishna e conheço o centro de línguas da fundação onde a metodologia de ensino me chama a atenção por reafirmar a identidade indiana no ensino de outras culturas, enriquecendo o universo simbólico dos alunos a partir de seus próprios referenciais ao invés de eclipsar a cultura local para ressaltar a cultura européia das línguas que eram ensinadas. O trabalho daqueles educadores se centrava no enriquecimento do universo simbólico daqueles aprendizes através da valorização de sua cultura, identidade e tradições para que dessa forma com a ampliação e valorização de seu próprio universo simbólico, pudessem se apropriar de outros padrões cultos de linguagens. O caminho para esta apropriação de novas linguagens passava pela valorização destas culturas originais e não a desvalorização de suas próprias identidade e cultura indianas ( no caso telugu ) em detrimento de uma identidade britânica, francesa, germânica , hispânica como na maioria das metodologias de ensino de línguas que observamos em escolas de línguas no Brasil e Ocidente.

Além disso o Vedanta e sua filosofia me envolveram muito e por isso e por Vaishali , com quem me envolvi à indiana , fiquei bastante tempo em Hyderabad. Havia comprado em Paris uma versão resumida e comentada em francês dos principais Upanishads ( textos centrais dos Hindus ) e percebi nestes textos nas relações entre mestres e discípulos muito da metodologia e ética das instituições educacionais Ramakrishna que vieram a ser tema de minha iniciação científica na USP entre 2007 e 2009. Quase fui morar na Índia para ficar com Vaishali lá , mas não me adaptei , pois sempre seria um estrangeiro , e na época resisti em ficar por mais que amasse a Índia como uma segunda pátria. Conheci nas minhas idas a Índia, as cidades de Jaipur e o deserto de Thar no Rajastão onde passei dois dias entre os ciganos Kalderash deste deserto. Agra, onde conheci o Taj Mahal, Delhi , onde fiquei na casa de minha família Sikh Indiana, Mattura a cidade de Krishna , Chandigarh e a cidade do templo dourado dos Sikhs, onde fui a diversas Gurdwaras ( templos Sikhs ) e participei de um Langar ( distribuição de comida para a comunidade a partir do templo Sikh ) oferecido por meu pai Sikh e lembrei das festas de Cosme e Damião que meus pais no Brasil ofereciam em minha infância e na época que morava na Bahia que tinha o mesmo sentido de comunhão e alegria na religiosidade do Langar dos Sikhs indianos ,

Hyderabad , Madras, Bombaim e Goa que cheguei a escrever um depoimento para uma revista acadêmica sobre o assunto que trascrevo abaixo e onde vi um pouco do Brasil, especialmente da minha amada Bahia.

### *Depoimento*

*Quando estive em Goa em 1997, esperava encontrar uma bela praia, parecida com a Praia do Forte da Bahia o que de certa forma foi o que encontrei.*

*Ao observar os letreiros locais, vi todos escritos em português e tranqüilizei-me ao pensar que não precisava tentar me esforçar para entender o sotaque inglês da Índia. Além disso, acrescento que a pessoa que me reservou a pousada onde eu iria ficar hospedado se correspondia comigo o tempo todo na língua portuguesa em português. Mesmo assim imaginei que deveria existir ter outras normas cultas para comunicação neste local, antiga-colônia portuguesa, com certo sotaque regional, pelos telegramas recebidos. Estava curioso pra saber qual era a essa língua de Goa.*

*Contudo, minha alegria durou muito pouco tempo , pois logo que cheguei , desejei um bom dia ao motorista que me levaria à pousada ao Norte de Goa e recebi como resposta um “Good Morning”.*

*Inferi que deveria ter muito turista inglês no local e, por isso, ele respondera em inglês. Tentando estabelecer uma conversa com ele, cheguei à conclusão que o mesmo não falava sequer uma palavra em português. Era uma pessoa de vinte anos e não era de Goa, mas de Mumbay. Sendo assim, tal situação não me deixou frustrado.*

*Quando cheguei à pousada, vi que só tinha turista inglês mesmo. Aqui, Fui recebido por meu guia, Sr. Pinto, que me cumprimentou em inglês.*

*Não agüentando a curiosidade, perguntei por que ninguém falava português na ilha e meu guia disse, em bom inglês, que não sabia realmente, mas não se ensinava mais português nas escolas.*

*Marcamos um passeio até a Igreja de Bom Jesus e me senti, mais uma vez, frustrado ao ver que ninguém falava português naquela ex-colônia de Portugal! . Finalmente, encontrei um senhor que perguntou de onde eu vinha. Quando disse que era do Brasil, ele me falou um “Bom Dia” e mostrou contentamento dizendo, em reservado, que, finalmente, encontrara*

*alguém para falar em português fora de casa. Em seguida, eu lhe perguntei por que não falavam português em Goa e ele me explicou que os portugueses resistiram à Independência da Índia e foram os últimos a abandonar o território indiano, resistiram pra sair e por isso houve até mesmo uma guerra.*

*Ao ouvir a palavra guerra, espantei-me. Pedi esclarecimentos e ele me respondeu que houvera uma guerra na quais os indianos jogaram uma bomba dentro do rio principal de Goa que, apesar de nunca ter explodido, fez com que todos os portugueses da administração local fugissem para Portugal<sup>1</sup>. Contudo, ele prosseguiu seu discurso afirmando que devido a este fato pararam de ensinar português nas escolas, pois, para o governo indiano, falar português passara a ser sinal de resistência e não era nada bem visto. Dessa forma pude entender a razão pela qual ele falava tão baixo. Coloque este parte que eu marquei em azul como nota de rodapé*

*Finalmente, chegamos à Igreja de Bom Jesus e ele me pediu para tirar os sapatos para entrar. Percebi que o interior da mesma lembrava um templo hindu. Perguntei o motivo para meu guia e ele me explica que Goa é o único lugar da Índia onde existem casamentos entre hindus e cristãos, daí o sincretismo religioso expresso no local. Explicou-me também que no seio destas famílias híbridas, o catolicismo é predominante.*

*Em conclusão, do ponto de vista deste taxista, e também pelo que pude apreender desta visita, o povo de Goa não poderá mais ter a língua dos portugueses. Apesar disto, este local mantém vivo o espírito de miscigenação fruto da colonização portuguesa, tal como, há no Brasil, mais particularmente na Bahia.*

Outras viagens do período

Em minhas idas à Índia, duas vezes passei também pela Tailândia, na primeira conheci todo o país, o Mercado Flutuante, o trânsito infernal de Bangkok, os murais dos Templos de Bangkok recriando o Ramaiana, os palácios do Buda de Jade, O Buda Deitado, e vários templos que contam a história do Budismo na Tailândia e a expansão do budismo como uma religião de Estado, como também aconteceu na Coreia, Sri Lanka e Japão. Porém

---

<sup>1</sup>Fato que me fez lembrar a saída da corte de D João para o Brasil quando somente oito soldados de Napoleão efetivamente invadiram Portugal

para não me dispersar em minhas visitas aos coloridos templos de Kali da comunidade indiana de Bangkok ,nos significados simbólicos das danças sagradas das dançarinas tailandesas em homenagem a Buda , nas viagens pelo rio Chao Phraya , ou aos templos taoístas e leituras do Tao Te King pela comunidade chinesa taoísta de Bangkok , me atenho a descrever o tempo que passei em um templo budista com os monges em seu processo educativo que lembrava a Sangha do Budismo Theravada ... A importância do consenso e a legitimação do poder pelo consenso da Sangha e do caminho óctuplo que davam autoridade ou depunham aos reis do Sião, antes que uma origem divina por consangüinidade. Neste contexto os transgressores são vistos como aqueles que agregam novas visões ao consenso e não como criminosos e isto reflete diretamente no padrão de educação budista tailandesa, pela qual quase todo jovem passa na Tailândia. A idéia da educação budista hinayana é que o consenso imponha a ordem que deve ser seguida de forma autônoma pela auto-disciplina ao que é de consenso e não por uma mão de ferro de um poder heterônomo que vi na crítica de Foucault na Faculdade que está presente na educação e estrutura política do Ocidente que surge a partir das ordens de reis que se legitimaram no poder a partir da concessão deste Deus autoritário de nossas sociedades ocidentais judaico – cristãs. Para nós que descendemos do jugo desta ordem heterônoma é difícil compreender o conceito de auto-disciplina que é estabelecido por um consenso onde não existe a figura central de um Deus , mas que pode se dizer acéfala dentro do budismo neste sentido onde a figura central é um código moral que vem do consenso e se renova a partir de seus transgressores que são debatidos e ouvidos dentro desta Sangha dos monges budistas. É difícil para nós, por mais democráticos que nos digamos no ocidente , entender e mesmo aceitar uma ordem acéfala que se rege por um código consensual que antes de condenar, tenta absolver seus transgressores e seus atos neste consenso. E pensar que Hegel desprezava tanto o Oriente e a África.... Ao me sentir neste contexto de proposta educativa me perguntei quem eram realmente os bárbaros???

Minhas idas à Índia foram entre 1997 e 1999, e como na época não quis viver na Índia, nem Vaishali queria viver no Brasil e seu pai gostou da idéia de que ela casasse comigo por ter dispensado a família do tradicional dote, fui procurar minha nacionalidade italiana , pois ouvira dizer que meu bisavô era

italiano nativo da cidade de Lucca na Toscana. Ao voltar da Índia na primeira vez , passei pela Croácia por uma semana para visitar uma amiga croata que me retribuiria a visita no ano seguinte , e conheci de perto o esfacelamento do Leste Europeu pós Perestroyka e os conflitos dos povos eslavos pois ainda muito da Croácia estava destruído. Pude entender bem o sentido de guerra tribal, apesar de estar fora da África e de um país que se reconstruía após tanto ódio calado pelas mãos de ferro de um líder por dezenas de anos e entendi por que a primeira guerra começou naquela região aproveitando dos ódios entre aqueles povos. Bem, Zagreb me lembrou Blumenau e Dubrovnik aquelas cidades medievais dos contos de fada. Vi a prioridade de investimentos em educação em um país recente em reconstrução e construção de uma ideologia de memória nacional.

No final de 1997 aproveitei restos de passagens que não tinha usado e alguns feriados para que emendei para visitar Portugal , Suíça, Bélgica e França, onde visitei diversos colégios , incluindo um famoso colégio privado suíço onde não raro a elite mundial mandava seus filhos e participei no Collège de France ,em Paris, da primeira das quatro aulas que assisti do Bourdieu após te-lo visto na televisão no dia anterior em uma reprise de sua fala na TV durante a greve de 1995 criticando o neo-liberalismo em um documentário que falava do posicionamento francês que resistia de alguma forma ao Consenso de Washington por causa de seus intelectuais como Bourdieu e que criticava intelectuais que em muitos pontos eram pró-globalização como Touraine. Gostei da aula apesar de achar meio chato o Bourdieu (de quem não conhecia nenhum texto ou livro até começar minhas aulas na USP em 2004) falar somente da infância dele em Pau e o tempo que passou na Argélia. No ano seguinte assisti mais três aulas suas em outras ocasiões que estava em Paris, sempre mesclando parte de suas teorias ( que vim a entender melhor somente depois de ler textos sobre elas nas aulas de sociologia na USP ) e detalhes sua vivência pessoal como intelectual ( que achava um porre , por não entender que se tratava de parte de sua obra sobre o perfil do sociólogo). No final de 1997 passei também a frequentar aulas de antropologia africana ( sobretudo sobre a obra de Georges Balandier com seus seguidores e orientandos de orientandos ) na Universidade de Paris VIII Sorbonne Vincennes Saint Denis e de fundamentos de educação na Universidade de Paris XIII Sorbonne Paris

Nord , sem muito direcionamento e mais ouvindo as aulas do que fazendo leituras profundas ( que só vim a realizar com direcionamento depois que entrei na USP). Visitava quase todas exposições do Instituto do Mundo Árabe, do Centro de Estudos Africanos de Vincennes Saint Denis e sobre o oriente que ocorriam em Paris quando estava. Paralelamente a isso fiz um curso de uma semana de Tarô e visitei o Grande Oriente da França em honra a um ancestral paterno que foi maçom. Conheci a história dos maçons do Grande Oriente e quando podia ia visitar catedrais francesas para ver em sua arquitetura e em seus vitrais os mesmos simbolismos que via no Tarot que comecei a ler aos 15 anos por curiosidade e por meu pai dizer que seus ancestrais maçons ficariam contentes que me interessasse por esoterismo como eram eles interessados, em minha casa, aos sábados, para atender as filas de clientes que me procuravam por não cobrar a leitura e de vez em quando compravam , por isso, algo que minha mãe costurava na época em nossa casa na periferia de São Paulo.

Em 1998 fui à Itália atrás de levantar as origens de meu bisavô , contudo no carnaval de 1998 eu e dois amigos fomos no Carnaval para a Espanha passar a semana na Andaluzia.

Chegamos a Madri e alugamos um carro, fomos para Granada , visitamos o Alhambra e vimos o Valle Nevado, na catedral de Granada um dos meus amigos ficou com medo da praga de uma cigana e deu pra ela quase todo o dinheiro que tinha no bolso quando disse que ele engravidaria uma mulher em Granada e ali casaria em sua estadia, claro , ela falou isso pra ele sem saber que ele era gay. Ela não chegou perto de mim talvez por sentir minhas origens ciganas. Fomos para Sevilha, onde visitamos a Catedral de La Giralda e escrevi as seguintes frases e recitei um verso do sufi Al Hallâj em homenagem a esta fachada no meu “ cahier de voyage “ de uma rede social ,

*La Giralda Seville, façade de trois demie lunes musulmanes se croisent pour former une étoile de Israel et se ferment dans trois roses de la passion du Christ. Ce qui me remet au soufi Al-Hallaj lorsqu'il dit " J'ai beaucoup pensé aux religions pour les comprendre, et j'ai découvert qui sont les plusieurs branches d'une seule Source. Ne doit pas l'homme prétendre dire qui suit une entre celles ci, car comme ça il s'éloignera de la vraie Source. C'est bien au contraire , cette Source , magnifique e*

*pleine de significations qui va lui chercher , et l'homme comprendra. Sachez que le Judaïsme, le Cristianisme et l'Íslam ainsi que les autres religions ont des differents appellatifs e plusieurs noms ,cependant leurs objectifs ne changent pas et ne sont pas variés(Akhbar Al Hallaj , cit 70 )" suite cela il me reste dire tout simplement . Shema Israel ...Adonai Eloheinu...Adonai Ehad...Shema Israel ...Ahava Eloheinu...Ahava Ehad.../La Illah ila Allah/Kyrie eleison.Krystie Eleison/Salam.shalom.Pax.Agape.Bheb..Hoveh..*

*La Giralda, Sevilha, fachada de três meia luas muçulmanas que se cruzam para formar uma estrela de Israel e se fecham em três rosas da Paixão de Cristo. O que me remete ao sufi Al Hallâj quando diz “ Pensei muito nas religiões para lhes compreender, e descobri que são os muitos ramos de uma única Fonte. Não deve portanto o homem pretender dizer que segue uma delas, pois assim se distanciará da verdadeirta Fonte. É bem ao contrário , esta Fonte, magnífica e plena de significados que irá procurá-lo e o homem compreenderá. Saiba que o Judaísmo, o Cristianismoe o Íslam assim como as outras religiões têm apelativos diversos e muitos nomes , mas seus objetivos não variam . (Akhbar Al Hallaj , cit 70 )" . A partir disso me resta dizer simplesmente: Shema Israel ...Adonai Eloheinu...Adonai Ehad...Shema Israel ...Ahava Eloheinu...Ahava Ehad.../La Illah ila Allah/Kyrie eleison.Krystie Eleison/Salam.shalom.Pax.Agape.Bheb..Hoveh..*

Depois de Sevilla fomos para Córdoba onde conhecemos sua Catedral ( Mesquita ) e as ruas típicas, onde mais uma vez me lembro de Al Hallâj e de Ibn Arabi, dois sufis que amo profundamente a obra e nos portais da Catedral de Córdoba podia praticamente ouvir os versos da Sura 112 do Alcorão que me fez lembrar sua história na Idade Média e a proximidade das três religiões mosaicas .

E que anotei no meu “cahier de Voyage” :

*..Cathédrale de Cordoue ou j'écoute encore: Salam..."Au nom de Dieu, le Clément et Misericordieux. Dites : `Il est le Dieu Unique, l'éternel refuge, N'a pas geré ni a été geré. Personne c'est comme Lui". Sura 112 du Coran , La sincerité.*

*Catedral de Cordoba onde escuto : “ Em nome de Deus , o Clemente e Misericordioso . Diga – “Ele eh o Deus único, o eterno refugio, não gerou nem foi gerado. Ninguem eh como ele “ Sura 112 do Corão, A Sinceridade.*

Bem, devo explicar que anotava minhas coisas em francês em meu “ cahier de Voyage” para compartilhar informações com meus amigos estrangeiros que convencionaram que a língua para suas trocas de experiências seria o francês, já que todos falávamos francês.

Depois de Córdoba , fomos para Ciudad Real , a cidade de Don Quijote..e não havia nada de tão interessante lá das épocas históricas da Mancha. Tinha tanta usina atômica antes da cidade que, como falou um amigo, chegamos ao centro da cidade quase com cara de Césio 137 e vibrando ,, , uom ... uom... uom ... de tantas usinas atômicas que cruzamos. Bem o que melhor tinha na cidade eram os pudins próprios da Espanha e o Carnaval sem graça do interior da Espanha com aquelas crianças se batendo com tubos de papelão. Tinha tanta criança que parecia que tínhamos chegado à Terra do Nunca , e metade de todas crianças espanholas vivia naquela cidade.

No dia seguinte fomos para Toledo, já na Castela, no caminho de volta pra Madrid. Toledo, a cidade medieval que meu pai havia recomendado que passasse no bairro judeu na casa de El Greco para ver o quadro “ La muerte del conde de Orgaz” que era seu sonho. Bem este quadro estava em outro museu que fui em Toledo. Passamos pelas lojas de marzipan próprias de Toledo , pela mesquita, pela casa de Santa Teresa de Ávila , pela catedral que fora erigida pelos reis de Castela em homenagem à perseguição dos judeus,e nos dispersamos. Fui então até a casa de El Greco e em frente estava a sinagoga de Toledo onde estava ocorrendo uma aula de Cabala sobre a árvore da vida e suas Sefirot dada por um rabino espanhol. Entrei apesar de todo o controle de segurança e assisti à aula que durou mais ou menos umas duas horas. Após isso fui ver os murais e o livro das famílias que freqüentavam a sinagoga e vi no século XIV o nome de duas famílias minhas por parte de minha avó materna ( Silvestre e Vieira ) com seus correspondentes nomes hebraicos em frente... Perguntei ao rabino que nomes eram aqueles em hebraico e disse que estavam em frente aos nomes de minha bisavó materna

e ele responde que somente me revelaria se me convertesse novamente ao judaísmo, pois por ser por origem materna descendente de sefaraditas poderia fazê-lo segundo a tradição judaica. Aí lembrei que minha avó falava que seu avô materno lia um livro em segredo em Minas Gerais que era a Torá Judaica, já seus filhos não prosseguiram com esta tradição, pois todos se tornaram protestantes, o que talvez fosse menos ofensivo do que ser judeu em uma Minas Gerais predominantemente católica do final do século XIX. Talvez seja necessário introduzir aqui uma parte do meu livro anterior sobre a religiosidade de minha avó para que se entenda melhor esta parte.

***“Depoimento : Como Exu transformou minha mãe em protestante como minha avó, e porque nunca abandonou meu pai.***

*Gostaria de aproveitar esta parte do texto para fazer um depoimento. Creio que seja importante na medida em que normalmente pela maioria de nossas fontes serem européias, estudamos a África e os africanos assim como seus mitos, como se fossem um objeto de estudo de uma cultura exótica que não nos diz respeito. Esquecemos que podem estar presentes em nossa constituição de alguma forma e por isso faço este depoimento, Me inspiro nas narrativas que temos nos Odus de Ifá nos Itan Ifá que tratam de histórias de Mitos, Deuses e ancestrais. Falo de histórias de meus ancestrais e sua relação com este mito, e sempre que puder e tiver algo a dizer ao final de um texto assim o farei.*

*Gostaria de falar de minha avó materna, que nasceu no Sul de Minas Gerais, negra e filha de um homem negro , que por sua vez foi neta de uma ex-escrava e filha de uma mulher de pele clara descendente de cristãos novos e negros. Poderia tentar explicar a religiosidade de minha avó por alguma teoria de Max Weber, e que sua família teria se tornado protestante por razões que a teoria econômica de formação de uma América Latina capitalista explica. Mas como quero recriar um Itan Ifa tenho que dizer que não fora outro senão Exu que os fez assim, pois ser Protestante em Minas Gerais naquela época em que todos eram católicos, era ser um transgressor. Meu bisavô negro dizia que não tinha nada demais em comer carne na sexta feira santa e que o que importava era a relação direta com aquele que os criara e não as fórmulas e*

costumes sociais. Desta forma passou para minha avó uma relação com o sagrado diferente do senso comum de onde vivia. Minha bisavó chegava a se esconder dentro de casa quando os que tinham fome vinham lhe roubar as galinhas no seu quintal para que estes não se envergonhassem do que estavam fazendo, ao vê-la, como ela mesma disse ao ser questionada pelos vizinhos que não a entendiam. Exu fez de minha bisavó uma transgressora, pois havia fugido com um homem negro que era filho de uma ex-escrava de seu pai, que fora criado com ela como irmão de criação e a roubou fugindo para outra cidade pra trabalhar como funcionário da estrada de ferro e assim percorrer os caminhos de Exu (assim como fala um verso de seu oriki) . Com esses pais que ao serem protestantes eram tão legitimamente protestantes no espírito das leis que Lutero fixou nos muros, ao contestar os abusos da ordem vigente que criou uma inquisição e esqueceu-se do próprio código moral..Posso afirmar que Exu também o quis fazer contestar para fazer o “ Torto endireitar”. Minha avó casou-se com um homem católico e teve duas filhas, uma como sua mãe de pele branca que é minha mãe e outra de pele negra que é minha tia. Exu fez minha mãe abraçar a bandeira de Aruanda junto com meu pai que foi também levado por Ogum pra Umbanda. Minha avó, como legítima protestante por graça de Exu e de seus ancestrais africanos ficou muito feliz ao saber que sua filha, através de seus guias aconselhava e curava feridas graves dos que não conseguiam orientação e cura na sociedade formal. Para ela que viu meu bisavô ser morto em emboscada por não aceitar passivamente regras e costumes sociais que para ele não eram relevantes, não podia ver na religião que herdou de meus bisavós motivos pra segregar, discriminar, deixar de se informar, ter qualquer forma de preconceito, ou fazer o mal em nome do bem e da ignorância ou de uma culpa que não era de seu povo. Ela ficou muito feliz, pois, como seus pais que abraçaram uma religião em nome da transformação da sociedade, sua filha fazia magias com o mesmo propósito e em uma época em que a sociedade em nossa Nação era algo muito distante do que queriam os guias da Nação de Aruanda. Acho que ela lembrou também de seus ancestrais maternos, cristãos novos, que ao chegarem

em Minas tinham que ler a Torá Judaica em segredo, assim como dizem na cidade de Oxum que Oduduá fazia em Meca. Por isso, estes ancestrais também vinham à Terra fazer suas curas e dar seus conselhos, como os deuses vinham e ainda vem nos visitar com a graça de Exu. Já eu quis seguir a bandeira de muitas tradições em nome de Oxum, Ifá e de Olodumare, pois era filho dos que seguiam a bandeira de Aruanda e quando quis dedicar a seiva da minha vida e meus atos como uma oferenda pra minha mãe Oxum, fui traído por sacerdotes da religião dos Eguns que esqueceram que o caráter ( Iwá ) é mais do que dinheiro ( owo ) na religião e no código moral de nossos ancestrais nagôs. Algo que muitos sacerdotes ainda esquecem ou nem sabem. Por isso Exu levou minha mãe à religião de seus ancestrais protestantes, fazendo o direito entortar para que prevalecesse iwá ( o caráter). Quando ela viu que na religião de seus ancestrais, seus próprios princípios mais sagrados eram corrompidos e Owó (dinheiro) também era mais importante que Iwá (caráter) e que para isso usavam a culpa da qual sua mãe nunca aceitou em nome de nenhuma interpretação do que lhe era sagrado desde que seus ancestrais da África em nome desta culpa foram privados da liberdade, ela a abandonou com a graça de Exu em nome do culto aos nossos ancestrais do Oriente. Enquanto aqui Iwá ( caráter) , for maior que Owo ( dinheiro) Exu a manterá aí, como boa filha de Xangô e Yansã que ela é e sempre será. De qualquer forma ela ficou muito feliz quando meu irmão mais velho resolveu abraçar a bandeira de Aruanda que ela ainda ama e respeita em nome de Exu e Ogum. Por isso que guardou e colocou na porta (que Exu vigia) os dizeres bíblicos de seus ancestrais protestantes que ouço na voz de Exu “ Bendito serás quando entrares e quando saíres”, pois de pé na entrada está Exu e atrás da dobradiça da porta está Exu ostentando estes dizeres. Assim como meu pai, que mesmo quando quebrou em revolta, na beira do mar e entregou a sua mãe Yemanjá todas suas estátuas de Exu, na mesma desilusão que teve Abraão quando quebrou seus ídolos, ele afastou com esta sua revolta todas formas dos Orixás de seu caminho, menos Exu, que o seguiu em seus caminhos até o final da vida neste Aiye. Hoje está muito

*feliz no Orun por meu Irmão mais velho resolveu seguir o chamado de Ogum e abraçar a bandeira de Aruanda pra aprender a curar feridas no corpo e nas almas assim como ele e minha mãe faziam quando nascemos. Tudo isso com a graça de Exu, pois como diz seu oriki Ele atirou uma pedra ontem para atingir o pássaro hoje. E é com a graça do Senhor do Caminho que continuo por isso no caminho de vários caminhos que o Aiye me fez aprendiz em nome de Ifá, Oxum e Olodumare através de todas linhagens de meus ancestrais.*

*Laroye.*

*Assim Exu me ensinou as primeiras transgressões e seu valor.*

Neste mesmo ano fui à Itália e ao Egito, pois ganhei como prêmio um cruzeiro de luxo no Nilo, destes dos livros da Gata Triste ( Agatha Christie ) que me deu muita alegria e adiei minha ida a Índia em alguns meses. Passei por Roma para tratar da documentação de minha cidadania, porém não achava a certidão de nascimento de meu bisavô. Segui para o Egito e cheguei ao Cairo onde visitei as pirâmides , O mercado Khan el Khalili e o museu do Cairo. Porém o que mais me interessavam eram as conversas com minha guia, Fadwa, uma egípcia que viveu no Brasil e tomava conta no Cairo da agência de seu pai que vivia no Brasil. Conversávamos sobre feminismo dentro do Islã pois como falava vulgarmente e sem profundidade o folhetim de nossa TV , ela era uma legítima feminista do Cairo , que dirigia para todo lado recebendo os turistas, usava bermudas e quando ia a mesquita usava seu shador em sinal de religiosidade e respeito às mulheres que durante as invasões dos árabes do leste e dos fatímidas do oeste foram estupradas no Egito e que por isso passavam a usar os véus para se encobrir e que para elas tinha sentido de que os homens deviam se aproximar delas não pelos seus atributos sensuais. Para estas mulheres que não eram obrigadas por seus pais, este era o sentido do uso do véu. Que os homens as vissem pelo o que pensavam e as olhassem nos olhos e não o que aparentavam. Na nossa visão estereotipada do mundo árabe islâmico nunca pensei que o véu pudesse representar para estas mulheres um sinal de resistência, identidade cultural e até mesmo feminismo dentro do que entendiam ser as violências contra a identidade feminina. Contudo Fadwa, no Brasil, dificilmente usava seu véu em público por

ser vista por nós como uma alienígena e pelo estereótipo de sempre representar a opressão a mulher que ele tem no ocidente, por vermos as culturas dos outros por olhos dos países centrais dos que as têm como exóticas e não pelos nossos próprios olhos. Acho que esta foi uma das primeiras vezes que entendi isso , e foi através das palavras da brava egípcia Fadwa que no Cairo era uma feminista e justamente por isso não deixava de em ambientes religiosos de usar o véu que para ela expressava sua identidade cultural e a resistência feminina às violências dos homens no passado contra as quais as mulheres tinham que lutar.

Falou-me de sua mãe e sua passagem para o outro mundo e sobre metafísica islâmica e a obediência à lei mosaica no Islã.

Depois do Cairo fui conhecer Tebas, a Casa de Ptah e que deu origem ao nome Egito , tirei uma foto ao lado da deusa Ptah e visitei a estátua de Ramsés , o pai dos egípcios. Ao chegar lá um menino egípcio de 4 anos olha pra mim e pra estátua de Ramsés e diz: Ele é Ramsés .... Ele também é filho de Ramsés como nós papai . Percebi que parecia um egípcio e entendi por que sempre era barrado nos aeroportos europeus .

Entendi a identificação do Egito com seu passado apesar da islamização que mudou o nome do país do referencial copta e as tentativas dos pesquisadores americanos em querer dissociar a identidade do antigo Egito da do atual interessados em igualmente justificar assim que já que o povo egípcio atual não é mais fidedigno geneticamente ao Antigo Egito, também não o é culturalmente e assim o patrimônio do antigo Egito pertence a humanidade ( dos museus do primeiro mundo , leia- se ) e não ao povo egípcio. Ao ver Ramsés e os egípcios de hoje que ainda se consideram seus filhos apesar da islamização, vemos que isso não tem muito sentido de fato no imaginário deste povo.

Do Cairo fui para Assuam e lá começou o cruzeiro de 4 dias até Luxor. Meu guia Adel Mohammed falava espanhol e por isso acabou sendo um guia exclusivo e um amigo. Fui visitar o souk de Assuam e fui confundido com o filho da feiticeira núbia e o comerciante grego de Alexandria , até começar a falar em inglês quando o árabe que estudei por três anos na Catedral Antioquina de São Paulo onde participava da Juventude Ortodoxa Cristã por causa do grupo de dança dabki me falhou e me faltou... Até então passava como um perfeito

egípcio. O comerciante até me entregou as folhas para que minha suposta mãe núbia evocasse, com suas matracas, os mortos nos rituais que eram feitos após as oferendas que eram feitas as sextas feiras nos cemitérios de Assuam, para alimentar os mortos, misturando assim práticas islâmicas com práticas do Antigo Egito e Núbia.

Pude visitar uma escola de meninas em Assuam, onde aprendiam árabe e sua estrutura lingüística trina que entendi um pouco com o parco árabe clássico que tinha. Achei interessantíssima a metodologia já que o árabe dialetal egípcio varia bem em relação ao árabe clássico corânico, que dá a versão escrita que unifica todos os dialetos árabes. Achei interessante não estarem usando nenhum texto religioso apesar de estarem usando o árabe corânico.

No cruzeiro ficava na mesa dos guias aprendendo músicas egípcias e ríamos juntos de nossos respectivos árabe e português mal falados, e como bons terceiro mundistas falávamos e cantávamos bem alto e destoávamos do restante das pessoas do cruzeiro de luxo. Me emocionei ao visitar o templo de mãe Ísis, Philae e ver na parede a primeira imagem de Ísis amamentando seu filho, que na época que o templo se transformou em uma igreja cristã pelos monges siríacos foi de onde saiu a primeira imagem de Maria segurando Cristo. Vi que as colunas egípcias, ao contrário das gregas, não se repetem nos templos e são umas diferentes das outras, ao que o meu guia me explica que significava que as pessoas são únicas como os deuses e assim como sustentavam a fé dos deuses, as colunas sustentavam os templos e por isso, como os homens, eram aparentemente iguais, se vistas de longe, mas tinham características únicas quando vistas de perto e com atenção e assim tinham que ser considerados e educados respeitando suas características individuais. Nos templos do Egito, assim como nas catedrais francesas aproveitei para ver os significados esotéricos de seus desenhos, como bom aprendiz de Tarô (que na verdade vem do oráculo egípcio) e vi as semelhanças em alguns simbolismos das arquiteturas das catedrais francesas e dos templos egípcios. Em Assuam os egípcios chegaram coincidentemente a dizer que o nome Paris vem do grego per – Isis que significaria, a casa de Ísis e que quando os romanos estiveram em Paris, fizeram onde hoje é a Catedral de Notre Dame, um pequeno templo para Ísis ... Bem, nenhum francês me confirmou esta história que os egípcios de Assuam afirmam com tanta veemência e não quis ir

atrás de comprovação histórica, mas depois disso passei a sempre quando ia a Paris, jogar uma rosa amarela ao lado dos vitrais de Notre Dame no Rio Sena em homenagem a Oxum e as mulheres e mães do mundo em uma grande licença poética sincrética multi-religiosa. Passei por vários templos egípcios até chegar a Luxor onde está 50% do patrimônio histórico mundial segundo a Unesco. Lá vi nos templos e nas colunas toda história da relação dos egípcios antigos com os outros povos da antiguidade e me chamou a atenção a relação e representação dos egípcios dos outros povos africanos (subsaarianos) não egípcios ou núbios que quando estudamos o Egito no ocidente passam na invisibilidade, como se o Egito não estivesse na África e não tivesse se relacionado com povos negros subsaarianos.

Me chamou atenção que as camponesas de Luxor não cuidavam tanto assim de seus filhos e quando interrogo uma delas o por que ela me diz que excesso de zelo não educa, ao que me faz lembrar o oriki de Oxum que diz : *Ela cuida mais de suas jóias que de seus filhos* e mais tarde relatei com o que li em um dos textos de Rousseau ao fazer o elogio ao homem natural e às civilizações ameríndias que deixavam livres na natureza seus rebentos.

Na noite em Luxor tivemos uma festa no Navio e comemorei meu aniversário dançando danças núbias com a criadagem do navio que eram núbios em maioria e os guias nos acompanharam. Depois da festa sai vestido com minha galabeia (roupa típica) pelas ruas de Luxor e com um dos guias fui tomar chá em uma praça onde fumavam narguilé, jogavam gamão e conversamos até o amanhecer sobre as diferenças e semelhanças entre meu país e o Egito e o que o Brasil tinha além de Romário e Ronaldo e a manipulação de massa do futebol nos países de terceiro mundo, sobretudo. Todos os guias me chamavam de gitan (cigano) do Delta pois achavam que falava muito como os ciganos egípcios do Delta e ficavam bravos quando falava que não sabia de nenhuma ascendência egípcia em minha família.

Ao chegar ao Cairo pego o ônibus diretamente para Santa Catarina do Sinai.... e fiz um depoimento sobre este fato para uma amiga que transcrevo abaixo.

*Egito – Subido ao Sinai*

*Era 1998, e na volta de um cruzeiro que ganhei de minha empresa pelos templos do Nilo e pelo Cairo histórica, decidi subir o Monte Sinai.*

*Minha acolhida pelo povo egípcio foi espetacular em todos os lugares, mas digna de depoimento, ao menos nesta parte da viagem.*

*Ao sentar no ônibus que levaria seis horas para fazer o percurso entre a Cairo e a vila do Mosteiro de Santa Catarina, que fica aos pés do Sinai, sentei ao lado de um núbio que me chamando por outro nome me confunde com alguém da sua família; um primo distante pra ser mais exato.*

*Logo que o ônibus partiu, esclareci que vinha do Brasil e não tinha nenhuma relação como Egito, mas, de certa forma, ele acabou me adotando. Como toda hora ele me oferecia coisas pra comer e eu não estava com fome, recusava e observava que ele nada comia.*

*Na televisão do ônibus, passava um programa egípcio, uma espécie de novela em que a mãe falava com a filha e a defumava. Tal ritual era parecido com os que viveram, pois meus pais, quando nasci, eram umbandistas. O que mais me impressionou, é que a moça que aparecia na tela era a cara da irmã de meu pai.*

*Quando chegamos à vila do Sinai, o núbio que estava ao meu lado continuou a viagem, pois ia para o litoral e eu descí. Ele me deu um forte abraço de despedida e agradeceu por minha atenção.*

*No dia seguinte o guia me explicou por que ele não comia apenas me oferecia comida. Disse-me que, entre os núbios, há um ditado que diz: Se meu companheiro não comer, eu não como (o que me fez lembrar diretamente o que está escrito quase com as mesmas palavras no oriki – canto sagrado – do orixá Oxalá – que era núbio segundo a lenda – pregando o mesmo preceito, pois no candomblé, Oxalá é o último a comer e o verdadeiro rei, segundo a tradição dos Yorubás, só se alimenta honradamente se seu povo se alimentar).*

*Na mesma madrugada, eu me dirigi ao Sinai vestindo uma camiseta com a figura de Oxalá e, por cima desta, uma camisa de flanela xadrez, pois no deserto faz um pouco de frio à noite.*

*Neste momento, encontrei um rapaz do povo Jabalaia (descendente de gregos que vieram ao Sinai construir o mosteiro de Santa Catarina) que se dispôs a me conduzir ao alto do Sinai.*

*Ele, ao conversar, mostrava uma grande curiosidade sobre o Brasil. E Simpatizamos muito um com o outro.*

*No meio do caminho, já no início da manhã, eu encontrei três israelenses. Discutimos sobre Moisés e neste momento pego algumas pedras que estavam no chão e brinco, dizendo que deveria receber uma mensagem ao chegar ao cume daquele monte.*

*Ao chegar lá em cima, observo diferentes grupos: de italianos, alguns israelenses e um grupo de padres brasileiros de Santa Catarina, que eram os únicos que sabiam o que queria dizer o Oxalá que trazia estampado em minha camiseta.*

*Mas não me intimidei e cantei com todos seus cantos de louvação.*

*Interessante destacar o fato de que quando fui perguntar quanto deveria pagar ao meu guia ele me dissera que não era necessário dar lhe nada, que só queria a minha amizade e pediu que lhe desse a minha camisa, pois assim quando a vestisse lembraria de mim e do bom tempo que havíamos passado juntos naquela subida, pois ela era fruto de meu trabalho.*

*Logo em seguida, em sinal de reciprocidade ele me dá uma fita de música egípcia e me diz em árabe: -“ Fique em Paz “ .*

*Ao nascer do Sol a partir do Sinai é mágico. Fiquei alguns instantes ali e descí, mas desta vez parecia que alguém, alguma força, me guiava...*

*Ao chegar aos pés do monte, onde fica o mosteiro, abracei uma brasileira que estava com o grupo de padres do sul do Brasil. Tal manifestação chocou os egípcios que ali estavam vendendo colares de contas de Santa Catarina que eram parecidos com os colares da divindade Oxum do candomblé.*

*Estas mulheres egípcias que se chocaram com nosso abraço, também vendiam colares líbios de prata e estavam cobertas com os*

*véus islâmicos, os chamados shadors, contudo, apesar deste fato, elas se pareciam demais com a brasileira que havia abraçado.*

*No alto do Sinai , pedi por uma muito amada amiga matriarca judia já então falecida, Sra Clara , que me recebia em sua casa e me explicava os simbolismos judaicos como das raízes amargas que vem antes do peixe durante o Pessach Judaico para lembrar os tempos de servidão no Egito*

*Às vezes o mundo parece ser menor do que é por trás dos olhos e das memórias que temos das mulheres de nossas vidas.*

Depois disso fui ao Mar Vermelho que por mais que pedisse não se abriu pra mim mesmo depois dos mandamentos que os Orixás em nome de Oxalá me pediram para pegar pra eles no Sinai e depois voltei ao Cairo e em compensação minha egípcia feminista do Cairo Fadwa abre clarões nas avenidas e pára o trânsito caótico do Cairo para parar o meu ônibus antes que me levasse ao destino errado, pois ela soube que havia pego o ônibus que ia para a região errada do Cairo. Realmente depois disso, pra quem conhece o trânsito do Cairo, abrir o Mar Vermelho em dois é truque simples e somente uma feminista do Cairo para fazer o que Moisés não conseguiria certamente.

Ao deixar o Cairo sentei do lado da Sra Aida, como aquela da ópera que me achou parecido com seu filho Ibrahim e que se parecia, por sua vez com minha avó paterna que tinha origem moura e berbere por ter vindo da Madeira. Bem , ela era mulher do Embaixador do Egito em Roma e ia encontrar seu marido . Conversamos tanto e em tantas línguas ( exceto em inglês para que o pesquisador inglês que sentou do nosso lado não nos interrompesse e não entrasse em nossa conversa quase familiar ) que ela me convida para da próxima vez que fosse ao Egito que ela me levaria , como levou em outra ocasião que estive, nesta que é a minha terceira pátria, aos Monastérios do Delta ( onde vi tribos ciganas muçulmanas e cristãs egípcias) e do deserto entre Cairo e Alexandria onde os monges siríacos iam enfrentar as tentações do diabo e buscar a paz antes de se adentrar ao Nilo pra transformar os velhos templos em igrejas e seguir por suas missões cristianizadoras pela Núbia e Etiópia, nos cursos do Nilo Branco e Azul. Nilo este no qual hoje somente ouvimos nos ventos as evocações de fiéis que vêm dos minaretes das

mesquitas para quebrar o silêncio do passado deste antigo Egito, esquina obrigatória das civilizações.

Do que poderia poupar seus ouvidos, comprovei nestas viagens ao Egito, entre outras coisas, que a verdadeira mistura do Brasil com o Egito está muito além da música do “ É o Tchan” dos anos 90 nas quais Carla Perez dançava freneticamente com Sheila Carvalho vestidas de odaliscas e faziam o máximo sucesso no mundo das sub-celebridades da revista Contigo e dos programas de final de semana da televisão.

No retorno em Roma sou roubado no hotel e levam todas as jóias que comprei no Monastério de Santa Catarina do Sinai que deixaria em meu altar ao lado de Oxum.

Além disso sou confundido com um cigano egípcio no aeroporto de Roma e por isso quase sou preso por dois carabinieri. Só não me detiveram por que lhes falei em italiano e reconheceram um sobrenome italiano em meu passaporte que por ser verde acreditavam ser da Líbia. O que mais os intrigara foi o fato de apesar de ter sobrenome italiano e falar italiano fluentemente não tinha passaporte italiano. Como se ser da Comunidade Européia fosse uma condição que elevasse o valor moral e ético das pessoas. Se não fosse por Vaishali, neste momento teria desistido de buscar minha dupla nacionalidade.

Volto para o Brasil e um mês depois retorno à Itália com uma amigos que iam a turismo (que era diferente de minha motivação principal de descobrir as origens de meu bisavô para poder tirar a nacionalidade européia e ir viver com Vaishali em Londres). Bem, tirando a parte turística pelas ruínas de Pompéia, Napoli, Roma, Costa Amalfitana, o que ressaltou é a busca familiar. Fomos para a Toscana rumo a Pisa e de lá para Lucca a cidade natal dos meus tataravós italianos que havia encontrado registro. Encontrei diversos parentes distantes donos de uma bicicletaria que me contaram a história da família de meu pai, que chegara a Lucca, a terra de Puccini, na época do Renascimento para construir os mosaicos da Igreja de San Frediano e depois disso ganham terras nos campos ao redor de Lucca e uma taverna, pois muitos na família eram artistas que além da técnica dos mosaicos que haviam trazido de Bizâncio de onde os mecenas de Veneza os trouxeram na época das cruzadas no século XII (portanto originalmente gregos) eram cantores extremamente boêmios e construtores de embarcações. Pelo o que me contaram em Lucca

pela sua boemia e serem donos das tavernas, os homens da família eram mal vistos pelas mulheres de outras famílias geralmente beatas das cidades da região. Por isso, em determinadas ocasiões, iam até as aldeias zíngaras e roubavam ciganas destas aldeias que queriam ter uma maior estabilidade do que com seus maridos ciganos, mas que não mudariam tanto assim seus estilos de vida já que se tratavam dos boêmios e alegres donos da taverna de Lucca que não as forçariam a tornarem-se mulheres beatas. Por isso dizem que os Poli de Lucca tem sangue cigano em grande parte. Pela origem grega da família os filhos mais velhos levavam um nome que remetesse à Grécia ( meu bisavô foi o último desta tradição e seu nome era Aristo Demo, era Filho de Filipo e na linha de ancestralidade na comuna de Lucca achei nomes bem mais gregos ou outros nomes gregos italianizados ). Estas origens gregas e sobretudo ciganas explicam a pele amorenada de meu bisavô que era filho de pais italianos. Contudo não achei a certidão de nascimento de meu bisavô em Lucca nem em Livorno e resolvi ir atrás das origens da família, que me levou a Florença no Renascimento onde encontrei duas gerações da família que viera de Veneza. Fui a Veneza passando por Pádua onde me emocionei com a catedral católica mais bela que jamais vira até então, que era a Basilica del Santo de Santo Antonio de Pádua. Em Veneza fui até a comuna na Pesquisa Anagráfica com os nomes que havia achado em Florença no século XV e achei outros ancestrais anteriores e a origem do nome da família que realmente teria vindo do grego.

Segundo diziam os documentos de Veneza, os Poli eram diversas famílias gregas ortodoxas que no século XII teriam vindo para a cidade fugidos das Cruzadas de Bizâncio e contratados pelos senhores ricos da cidade para fazer os Mosaicos da Catedral de San Marco e posteriormente San Giorgio Maggiore e que em parte ( não meus ancestrais ) se tornaram uma família poderosa por fazerem embarcações na época da expansão comercial de Veneza no Mediterrâneo e por isso em Veneza há até mesmo o Castelo dos Poli, que nunca chegaram a participar na sucessão dos Doges de Veneza pelo o que vi no Palazzo Ducale por serem originalmente bizantinos, sendo que famílias de origem não veneziana, como os judeus ou gregos por mais ricos pudessem ser jamais poderiam aspirar ao cargo de Doges ou outros cargos na administração veneziana.

Dizem que o nome Poli vem do fato que ao chegarem em Veneza aquelas famílias gregas ao serem perguntadas em italiano sobre o que poderiam fazer , respondiam em grego : Poli , Poli ( muito , muita coisa ) , pela versatilidade que a necessidade os obrigou a ter e daí todas elas ficaram se chamando os Poli, que na verdade eram antes de tudo artistas construtores de mosaicos. Disse ao saber destas origens que iria a Istambul, tão logo pudesse, tentar conhecer em Santa Sofia e no patriarcado ecumênico de Fener, onde está o papa ortodoxo, as origens primeiras dos povos que deram origem ao nome que carrego por origem paterna.

Bem, turismo a parte, visitei escolas de ensino infantil e fundamental na Toscana em Lucca e Florença entre a ida em um museu ou outro para ver as obras de Michelangelo e Boticelli e conhecer a história dos Medici em Florença e dos povos que formaram os Lucchesi. Pois meu avô paterno dizia: “ *è meglio avere un ladro al letto che un lucchese a la porta* “ sobre suas origens paternas e verifiquei que ainda hoje se fala isso por toda província da mais pura e original língua de Dante ( a Toscana ), na qual aprendi com meu avô e pai na infância as primeiras palavras e frases em italiano .

O fato é que não achei a certidão do meu bisavô , que ao chegar ao Brasil soube que fora tirada pelos seus pais no porto de Santos e não no porto de Livorno de onde saíram com o bebê , para que meu bisavô não fosse prejudicado por ser italiano e não brasileiro segundo os aconselharam no navio na Itália , já que era filho de imigrantes e se ele também fosse italiano poderia na idade adulta perder, por exemplo, a chance de concorrer a cargos públicos ou ter outros direitos dos brasileiros nativos nas novas terras.

Por isso não pude tirar minha dupla nacionalidade e conversei com Vaishali e nos liberamos de compromissos enquanto a situação não se resolvesse. A partir disso seus tios na Índia que tinham posses, aproveitam a chance e resolvem pagar seu dote para que casasse com um noivo indiano e os livrasse do estigma de terem uma sobrinha casada com um estrangeiro. Alguns meses depois recebo uma carta de despedida dizendo que não estava se casando forçada, mas que gostava de seu novo noivo com o convite de casamento. Fiquei abalado , mas compreendi . Por meu trabalho não pude ir a seu casamento em Hyderabad na época , mas prometi que em dois meses a visitaria assim como a toda sua família e voltaria a Índia.

Estava já programando para ir à Índia e ao ligar para sua casa em Hyderabad. Sua irmã atende e conversamos. Ao perguntar sobre Vaishali, sua irmã me diz que ela havia sido queimada viva em uma pira, como diz a tradição, pela família não ter tido dinheiro suficiente para o dote exigido na última hora do casamento, para que assim o noivo ficasse livre para escolher outra mulher. Bem isso é tido como crime na Índia, contudo é uma prática que ainda ocorre, sobretudo em pequenas cidades e no interior.

Neste momento o choque é tão grande que uma substância deixa de ser gerada em meu cérebro e em uma alucinação tátil sinto meu corpo inteiro queimar, como se estivesse junto com ela naquele momento. Tive alucinações de estar em um casamento hindu queimando junto com Vaishali e sentia tão forte a sensação de ardor do fogo em meu corpo que criei dermatites no peito. Saí de casa e andei por quilômetros sem destino. Sentia culpa por não poder ter ido a Índia, pois se estivesse lá pagaria o seu dote de qualquer forma. Poderia suportar que uma pessoa amada casasse com outra pessoa, mas não que fosse brutalmente queimada e morta por qualquer motivo que fosse. Meus pais não faziam idéia do que ocorria e me levaram a todos os médicos que puderam, até que o psiquiatra me deu um repositivo da substância química que fora deixada de ser gerada em meu cérebro e que terei que tomar provavelmente até o final de minha vida. O que me fez e faz até hoje vítima de inúmeros preconceitos, inclusive por parte de amigos que se dizem extremamente espiritualizados.

Ao melhorar, lembrei que Vaishali na carta que me escrevera pediu que não deixasse os meus estudos de Vedanta, dos Upanishads, Swami Vivekananda e sobre o Baghavad Gita, o evangelho do Hinduísmo. Neste mesmo ano comecei a estudar o Baghavad Gita em um grupo de estudos e traduzi os Upanishads que tinha em francês para o português. Contudo o sentimento de anulação, vazio e incapacidade de reagir era muito grande e não conseguia falar sobre o assunto com ninguém. Nem meu médico ou minha mãe sabia o motivo de minha crise, atribuindo ao stress somente.

Sentia o verdadeiro Desalento de Arjuna do qual fala o Gita, nesta falta de coragem para lutar e prosseguir igual à do guerreiro que desiste de lutar no carro conduzido pela Divindade na figura de Krishna no clássico hindu.

Ao invés da Índia acabei indo para o Marrocos para entre outras coisas visitar uma família judaica sefaradita que vivia em Casablanca.

Cheguei em Casablanca e dali fui para Marrakesh. Na praça Jemaa el Fna onde ficavam os encantadores de serpente e todas atrações culturais da cidade uma mulher negra da tribo dos Gnaoua ( descendente dos povos sudaneses que foram escravizados pelos Reis marroquinos nas guerras travadas nas rotas das Kasbahs e estabelecimento das rotas comerciais Áfricaadentro através dos desertos ) diz que eu era um irmão seu e que iria rezar por mim . Então ela acende uma vela e começa a recitar os 99 nomes de Allah e girar em suas saias ao meu lado. A cada nome apontava para uma direção com a outra mão simbolizando uma parte da natureza. Disse que fizera isso por que via que como ela também tinha ascendência de povos sudaneses como ela ouvira do vento ao me ver se aproximar dela, que ali se aproximava um irmão de sangue. Tento pagar pela oração mas ela não aceita e agradece poder ter orado a Allah por um irmão de sangue.

Saio emocionado sem saber direito por que ,e vejo que ela some na multidão das pessoas da praça Jemaa el Fna que se dirigiam para a Mesquita. De Marrakesh , fui para Fez e Rabat onde faço amizade com uma senhora no trem que pede que seu filho me leve para conhecer a cidade no dia seguinte. Vou visitar uma escola corânica de meninos e vejo as diferenças entre o que houvera visto em Assuam e a metodologia de repetição do Alcorão em árabe clássico sem ser entendido pela maior parte dos que ali estavam pois o árabe do Magreb e o berbere falados no Marrocos são muito diferentes do árabe corânico , como do português para o latim. Ali funcionava mais um espaço de socialização de diferentes grupos sociais que se encontravam sob o propósito da religião e da linguagem do sagrado e das tradições em uma linguagem que para a maioria era a memória das instituições universitárias primeiras do mundo árabe, que há dois séculos havia se popularizado na forma , contudo mantido a linguagem e forma original das primeiras aulas das escolas que se inspiravam nos cientistas da longínqua Escola de Bagdad. A escola corânica para aqueles jovens representava de alguma forma a padronização de comportamentos que as escolas públicas no ocidente reproduzem. Contudo , apesar desta padronização não poder ocorrer no nível da linguagem, pois o árabe corânico é entendido por poucos dos ali presentes. Vemos antes de

tudo, neste lugar, o espaço da socialização e padronização de comportamentos das diferentes etnias que formam o Marrocos e que desde os idos tempos formavam as rotas de comércio pelo interior da África e tinham nestas escolas corânicas o papel da padronização de comportamentos através da socialização de diversos povos de diversas etnias que servissem ao propósito desta ordem social da expansão do Islã Deserto e Áfricaadentro. Pude conhecer uma Kasbah em Rabat e ai vi que este entreposto funcionava como uma verdadeira estrutura essencial para a expansão dos reinos islamizados do Norte e Leste pelas rotas que chegavam até as savanas e tiveram seu auge em reinos negros como o Mali ( de onde vinham os gnaoua, como a mulher que me abençoou em Marrakesh ) e Songhai as beiras do Rio Niger e até onde iam as rotas das Kasbahs, que nos contam bastante sobre uma das primeiras formas de escravização comercial da ÁfricaSubsaariana pelo mundo árabe e até a Europa. Entendendo melhor tudo isso pude compreender, observando o que observei na escola corânica de Marrakesh o porquê, no processo de islamização dos povos da África, não havia a tendência de com uma novo dogma suprimir os costumes e estruturas culturais e sociais de característica africana,o que distoa bastante das missões católicas e cristãs em geral assim como fundamentalistas islâmicas sobretudo na atualidade na África e entre os povos ameríndios na America Latina.

Fora da Kasbah em Rabat estava havendo um festival berbere de casamentos semanal onde as mulheres escolhiam os homens que se dispunham como verdadeira mercadoria na feira... Vejo mulheres parecidíssimas com minha avó madeirense e meu amigo me fala que na Madeira a maioria da população tem origem árabe-berbere e que no passado antes da ilha pertencer a Portugal, as mulheres mouras da Madeira iam aos portos escolher os seus maridos que chegavam do Marrocos, já que os mouros podiam ter mulheres em várias cidades. Acho que entendi porquê minha avó paterna era tão brava como aquelas mouras com meu avô ao ver o comportamento daquelas kabyles marroquinas. Percebi que minhas origens me davam tanto a possibilidade de ser judeu por origem materna quanto islâmico por origem paterna pelo o que descobri do povo da Madeira de onde vinha minha avó.

Fui para Casablanca de trem para retornar a Europa e visito uma família e escola judaica sefaradita para meninos onde ainda aprendiam o ladino que é

muito parecido com o espanhol e português era língua falada por ancestrais maternos e no dia seguinte pego o avião pra Europa.

No final do ano vou para Istambul como havia me decidido quando estive na Itália e pude ver na catedral de Santa Sofia os primeiros mosaicos bizantinos do século V que deram origem aos mosaicos que faziam meus ancestrais bizantinos quando fugiram para a Itália na época que os cruzados invadiram Bizâncio. Fui até o patriarcado ecumênico e entrei na Mesquita Azul de Istambul, contudo não ultrapassei do lugar onde ficavam as mulheres pois, se minha mãe Oxum não ultrapassaria, eu mesmo não o faria. Entrei em contato com alguns sufis do grupo Mevlana e li pela primeira vez algumas poesias de Rumi durante o show dos dervixes, que em seu transe girante imitando elementos da natureza e do universo me lembraram o candomblé brasileiro de alguma forma.

Na época ao visitar os templos de Istambul anoto no meu "cahier de Voyage".

*L'odeur des fleurs qui je sens à la Cathédrale de Sainte Sophie c'est le Même qui je sens à la Mosque Bleue ou a la Sinagogue de la Ville, Ce parfum qui je sens aussi dans tous les âmes est issu de la demeure où habite mon Seigneur*

*O odor de flores que sinto na Catedral de Santa Sofia é o mesmo que sinto na Mesquita Azul ou na Sinagoga da Cidade. Este perfume que sinto também em todas almas vem da morada onde vive meu Senhor.*

Algum tempo depois voltei a Espanha, fui para Madrid e Barcelona onde visitei escolas e universidades, além do museu do Prado, das obras de Gaudi, o museu Picasso e as Ramblas.

Em 2004 decidi na época que iria reagir em minha vida e iria retomar meus estudos. No trabalho consigo que não me mandassem para fora do Brasil em épocas longas no meio de semestre e me incentivam a ter uma formação universitária. Foi quando entro na USP no curso de Pedagogia, dez anos depois de ter deixado o ensino médio e já com 31 anos.

Fiquei em dúvida na época se Vaishali teria mesmo sido morta já que seus pais pareciam ser tão liberais e aquela barbárie contradizer a filosofia Vedantina de Sankaracharya e da Fundação Ramakrishna que Vaishali freqüentava e me iniciou. Faço contato com um hindu que queria aprender português, lhe conto a história e peço para que ligue para a casa de Vaishali como se fosse um amigo

de seu marido ( que tinha o nome pelo convite que recebi cinco anos antes).  
Descubro que na realidade Vaishali estava viva e casada com dois filhos e morava em Delhi. Meu correspondente Rajesh, me explica que o que houvera provavelmente é o que se chama de cumprimento do código de Sita ( sim , Sita, mulher de Rama do Ramaiana que pude ver estampado nos templos de Bangkok e que Vaishali me contou em carta) , que é o código de fidelidade das indianas ,que como Sita foi a Rama mesmo quando raptada pelos demônios e levada ao Ceilão até que Rama a resgatasse, como conta o Ramaiana. Este código de fidelidade faz com que a mulher cumpra alguns pedidos que o marido lhe faça e o marido tradicional indiano de Vaishali certamente lhe pediu que nunca mais tivesse contato comigo por ciúmes e ela teve que obedecer. No momento que recebi a notícia estava na Irlanda após uma visita ao lendário Livro de Kells que transformou as tradições druidas em cristãs no século VIII e que está presente no clássico das Brumas de Avalon . Realmente o simbolismo deste livro e a dedicação dos druidas a seus ideais originais mesmo cristianizados é tocante. Talvez isto tenha me inspirado a fazer o juramento que fiz para Oxum , que pela felicidade de saber que Vaishali estava viva e pela tristeza de saber que esta barbárie ainda acontecia com mulheres indianas , assim como outras mulheres do mundo sofrem em suas culturas humilhações e violências sem tamanho que dedicaria minha vida a luta contra estas violências e contra toda forma de discriminação de raça, religião , ou gênero. Escrevo então a poesia que mando para uma grande amiga irlandesa que encontraria na casa de James Joyce em alguns instantes;

*Dorian (Gray) is over .*

*Dorian Gray is over .  
The image which I see in the mirror  
it's not the same I've seen till now...  
the mirror becomes sand again  
and the shine of its silver reflect  
are now my tears...  
I see now my real fears...  
The lies of the tradition  
doesn't construct a sacred truth anymore...  
I don't recognize anymore what I see...  
Each day a new reality...  
unchangeable...  
Dorian is over  
because his reflect can't make an illusion anymore...*

*Dorian is over  
because now he feels your steps coming  
and walking to your happiness  
even in silence.  
Dorian is over  
and without guilty of his past acts...  
because he knows  
his own way...  
and why the mirror has to be broken for itself...  
to construct a way to guide you...  
even in silence...  
but with the words of the soul...  
Written on images of cloud  
in a rainy monsoon day...  
Recited by alived statues of saint poets  
In the temples of trees  
on the forests of renunciation...*

*Dorian is over  
because now in the old reflect of myself  
I feel your smile ...  
and the eyes which looks me on the mirror  
see your simple desires...*

*and now I discovered the peace....  
because Dorian is over in us....*

Começo a estudar o Alcorão com uma amiga feminista iraniana com quem trocava poesia iraniana sufi por capítulos de novelas brasileiras por internet com o objetivo de lutar contra a excisão para verificar onde no Alcorão havia justificativa para tal crueldade que é feita com mais de 8 milhões de mulheres africanas por ano. Não encontramos nada, mais tarde vim a descobrir a real justificativa da excisão nas tradições rituais pré-islâmicas o que ajudaria bem nossas amigas africanas no combate a esta prática em seus países. Andava com o Alcorão e outros livros iranianos sufis pra cima e pra baixo até que em uma aula de sociologia na USP abro este livro pra explicar uma lei que funcionava em países islâmicos, por puro interesse sociológico e como já tinha uma amiga iraniana com quem me correspondia e outra iraquiana em plena era Bush , fui considerado por alguns professores e alunos da minha faculdade como simpatizante de terroristas fundamentalistas islâmicos , sem ao menos ser islâmico e no mundo muçulmano não ser nada além de um infiel. Em uma determinada aula um professor me critica severamente e defende que

devemos defender nossas origens culturais européias e ocidentais em detrimento de qualquer outra cultura , como se elas já não fossem hegemônicas no meio acadêmico brasileiro e precisassem de defesa, legitimando assim o arbitrário cultural e o processo de reprodução social gerado por nossa educação. Ele critica abertamente o meu ato de abrir o Alcorão em classe, como se fosse para fazer uma pregação religiosa ( ainda mais eu apesar dos meus conhecimentos em árabe francês e inglês, fora preterido em uma vaga em uma instituição árabe por ser excessivamente comunicativo e brasileiro e assumir que cultuava os Orixás, e sendo desta forma um infiel segundo o Islã dos fundamentalistas e sobretudo cultuador de coisas do demônio segundo minha entrevistadora que era pentecostal) quando na verdade tinha interesse sociológico por estar tratando de um livro legalista em alguns países do mundo , o que nas universidades que freqüentei na Europa não causaria nenhum espanto. Neste momento senti como se estivesse de frente do próprio George Bush e sua intolerância arrogante e puritana pra quem se lembra do que isso significou para o mundo. O que se refoçou após os ataques diretos a minha pessoa a partir de críticas a comentários que havia feito a outros colegas que certamente lhe contaram. Me senti extremamente decepcionado com o meio acadêmico brasileiro por estar em uma universidade de elite que permitiu que isso acontecesse e fiquei extremamente triste. Abandonei meu curso neste momento , não sentindo mais confortável para voltar as aulas daquele e de outros professores .

Resolvi que devido a tradição de meus ancestrais africanos do Reino de Oyo ( de Xangô ) iria começar um projeto na Bahia em favor das crianças e mulheres contra exploração sexual apoiado por uma ONG que fiz contato em minha ultima viagem a Europa.

Os versos de Oriki de Xangô que me inspiraram foram

*“Alguém que balança os braços com ostentação provoca ciúmes”*

*“Se uma pessoa importante tem dinheiro provoca ciúmes”*

*“Se alguém faz seu penis funcionar, provoca ciúmes”*

*“Ele não é como a criança que jamais teve relações”*

*“Ou como alguém que envelheceu”*

*“A vagina que não é suficientemente formada não pode reunir-se ao pênis”*

No mesmo momento em que decido isso, pois também estava insatisfeito no serviço com a desonestidade e falta de ética dos métodos de meus chefes para me tirar de circulação por contrariar meus interesses, deixei meu serviço de 9 anos em nome de meu ideal. Porém devido a revolta que passei com a deslealdade de meus antigos chefes escrevi um texto , que talvez tenha sido a coisa mais idiota que tenha escrito até hoje e que define tudo o que passei neste período e ironiza suas personalidades que fazem tudo por poder e pela fama efêmera dos noticiários que são esquecidos no dia seguinte.

Por causa deste texto até hoje sou perseguido e difamado no mercado e prejudicado de toda forma que podem me prejudicar os poderosos do meio empresarial em que trabalhei.

Como resultado da raiva dos meus chefes por este texto , chegaram mesmo a me boicotar na ONG que trabalhava para que não me abrigasse mais a mim nem meus projetos. E o padrinho político de um tradicional partido ligado a uma tradicional família da Bahia e a líder da ONG que me abrigou no Brasil insinuam que meu projeto ( por combater na raiz o problema da exploração sexual infantil ) espantava turistas e que minha moral e conduta familiar não eram apropriadas para trabalhar com eles ( Lógico , depois dos benefícios que receberam de uma ONG européia a qual se associaram, coincidentemente depois de meus ex-chefes descobrirem que estava ligado a eles na Bahia.)

Quase morri na ocasião perseguido pelos que se interessavam na exploração sexual infantil na Bahia e em 2005 com uma passagem que ainda tinha fui até a Turquia novamente visitar escolas . Tinha 100 dólares no bolso quando cheguei e fui trabalhar em um Café lendo Tarot para turistas aonde consegui dinheiro para passar 10 dias na Turquia viajando antes de seguir para Paris para uma entrevista de emprego . Conheci as ruínas clássicas e a casa de Maria no Efeso onde visitei uma escola, Troia e outros lugares e em Istambul visitei o colégio do bairro do Patriarcado Ecumenico, um colégio laico e fiquei uns dias próximos aos monges sufis do Mevlana. Fiquei uma semana em Paris tentando buscar apoio de ONGs para meus projetos , contudo sentia um maior interesse destas em estabelecer zonas de influencia para suas instituições e interesses políticos do que apoio para meus projetos. Tive algumas promessas mas que não se concretizaram, assim como o emprego no hotel que fui desclassificado por ser educado demais para tratar com o público habitual de

um hotel três estrelas de alta rotatividade dos muros de Paris e me recomendaram voltar e tentar um hotel de luxo em uma próxima vez. Fui para Amsterdam onde visitei uma escola técnica e fiquei para as festividades do Queen's Day em Maio . Fiquei espantado em meu passeio pelos canais de Amsterdam ao ver ao vivo em frente do Banco Mundial uma legítima caravela da Companhia das Índias do século XIV , como a que trouxe meus ancestrais batavos a Pernambuco nas expedições de Maurício de Nassau na época das invasões holandesas e um navio negreiro como o que trouxe meus ancestrais da África durante quatro séculos de escravidão.

Voltei decepcionado com a recusa de emprego na França de toda forma, sobretudo pela justificativa dada o que minou meus objetivos e com o apoio de alguns professores no ano seguinte consigo reingressar na USP e minha esperança de cumprir meu juramento para Oxum retorna.

Fiz em 2007 uma iniciação científica sobre minha experiência na Índia na fundação Ramakrishna , contudo o parecerista que não conhecia meus autores me desincentiva dizendo que usava autores menores e recomenda que usasse autores afins com suas prováveis convicções filosóficas que divergiam em muito da experiência que vivi na Índia. Foi outra decepção com o meio acadêmico brasileiro, mas não desisti e mudei minha pesquisa para a lei 10639/03 no ano seguinte.

Em 2010 comecei a escrever meu primeiro livro que publiquei este ano e em uma oferenda que faço na África ganho meu nome de filho de Oxum e este ano conheço o rei da cidade de Oxum que narro no seguinte depoimento em toda minha relação pessoal com esse mito africano .

*Osunfemi : O Amor de Oxum*

*Quando tinha 2 anos de idade minha mãe foi consultar uma mãe de santo na Bahia que diz que ela tinha três filhos homens e um deles tinha de frente uma Orixá mulher , o que quer dizer que teria também uma missão na vida com as mulheres. Meu irmão mais velho já era batizado para Ogum, meu irmão mais novo era consagrado a Oxóssi, restando somente a mim como podendo ser este filho de Orixá mulher.*

*Dizem que os filhos de Orixás mulheres tem o dom da vidência, assim como as filhas de Orixás homens. Coincidentemente comecei aos 14 anos a me*

*interessar por Tarô e aos 15 anos já recebia clientes para consulta. Contudo minha missão na vida em favor das mulheres inicia-se depois dos 25 anos. Tinha uma grande amiga indiana que morava em Hyderabad chegou a ser minha noiva e que por uma longa história deixamos de nos casar e ela me convida para seu casamento na Índia ao qual não pude comparecer por motivos de trabalho.*

*Um mês depois quando ligo para a casa dos pais dela descubro que, segundo me fala sua irmã, ela tinha sido queimada viva pois a família não teve dinheiro para pagar o dote e assim o noivo poderia ficar livre para escolher outra mulher.*

*Ao ouvir isso sinto todo meu corpo queimar em uma alucinação tátil que foi parte de uma grande alucinação na qual me vi no meio de um casamento como se estivesse no lugar de minha amiga indiana na ocasião de sua morte.*

*Descobri 5 anos depois que minha amiga não tinha sido queimada na realidade, mas que estava viva e a família me falou aquilo para que me afastasse dela por um pedido de seu marido, segundo o que fala o código de Sita ( do épico Ramaiana )que é o código de fidelidade das indianas.*

*Contudo desde aquele momento fiquei chocado com o fato de que mesmo que minha amiga não tivesse sido queimada, esta prática poderia ocorrer na minha tão amada mãe Índia. Daí para frente fiz um juramento para minha mãe Oxum que dedicaria a seiva de minha vida pela defesa das mulheres em oferenda a ela.*

*Fui então estudar o Alcorão para ver onde se encontrava a justificativa para a excisão neste livro, orientado por uma amiga feminista do Irã com a qual trocava aulas de português por aulas de poesia persa ( escrevendo assim minhas próprias “Cartas Persas”). Não encontramos nenhuma justificativa religiosa para a excisão tal no livro, mas sim continuação de práticas ancestrais, o que seria útil para africanas que lutavam contra a excisão em seus países.*

*Contudo, mesmo não sendo islâmico, não deixei de ser discriminado e taxado de fanático religioso e simpatizante de terrorismo em minha universidade somente por ser visto com o Alcorão por explicar a colegas em uma aula de*

*sociologia os aspectos legalistas que levam a organização social dos países que baseiam suas leis neste livro e contar minha experiência com os sufis na Turquia ( que são perseguidos e mortos atualmente pelos fundamentalistas islâmicos no Paquistão). E quem fez isto,crê que o fez certamente em nome da Liberdade.*

*Achei um absurdo a falta de conhecimento e abertura cultural ao que não é o arbitrário da pura cultura de consumo ocidental que é branca, cristã e pelo capital em uma universidade que é tida como elite do pensamento acadêmico de meu país e fui me dedicar a um projeto na Bahia contra a violência e exploração sexual de mulheres, jovens e crianças seguindo meu juramento a Oxum e a Xangô.*

*Fui perseguido politicamente e vi muito fisiologismo em ONGs no terceiro setor que não se interessam pela erradicação total destes problemas para continuar a justificar suas existências a ponto de ter que desistir e depois de um ano voltar para a universidade com apoio de alguns professores. Contudo não desisti de meus ideais, resolvi me dedicar a cultura africana yorubá de meus ancestrais e me preparar para o mestrado na área. Ano passado comecei novamente a ter contato com a África Yorubá através do filho do Araba ( líder espiritual ) de Osogbo ( cidade de Oxum ) e em agosto daquele ano, no festival de Oxum fiz uma oferenda para esta deusa. Neste ínterim, o rei ( Ataojá ) de Osogbo falece e no dia no qual é feita minha oferenda assume o novo Ataojá, o que permite que meu nome de descendente de Oxum pudesse ser revelado pela Sacerdotisa Mor do Templo de minha mãe Oxum em sua cidade, Osogbo.*

*Este nome é Osunfemi que é a contração de Osun nife mi ( Oxum me Ama ) ou Osun fe mi (Oxum me quer) e em outras palavras também quer dizer! O Amor de Oxum", que designaria finalmente que minha missão com Oxum seria seguir seu caminho de cuidar de suas mulheres . A partir disso passei a ajudar o projeto educacional do templo de Osun em Osogbo com doações e oferendas mensais nas quais as comunidades carentes dos bairros próximos ao templo são alimentadas na ocasião e estou com o objetivo de ajudá-las a*

*consolidar uma cooperativa de mulheres a partir do projeto que fui aplicar na Bahia e que por vários motivos, naquela ocasião tive que desistir. Durante as festas que são feitas para Oxum em Osogbo no momento das oferendas que lhe são feitas, como as que faço todos os meses, são passadas tradições orais sobre a Deusa pelas sacerdotisas para as devotas e segundo meu projeto educativo este momento deve ser aproveitado para alfabetizar mulheres em yorubá, como estamos iniciando*

*Este é meu ideal ao qual me preparo e dedico meu mestrado e inclusive doe todo o lucro do lançamento do meu livro para este propósito como oferenda. Recentemente isso foi reforçado quando encontrei em um evento o atual rei( Ataojá ) de Osogbo e lhe ofereci meu livro com uma dedicatória em inglês e yorubá ao que ele agradece e abençoa. Lhe falei de meu projeto e da possibilidade de fazer a pesquisa de campo de meu mestrado em Osogbo no templo de Oxum ao que ele concorda e abençoa ( pois precisaria da autorização do Ataojá seja por questões administrativas ou espirituais para fazê-lo).*

*Antes de me despedir, falo ao Ataojá, em yoruba , as palavras que selaram o pacto do primeiro Ataojá de Osogbo com a deusa Oxum e que permitiu que a cidade se estabelecesse às margens do rio onde mora esta deusa. Neste momento, vejo a emoção em seus olhos marejados, por ver que todas aquelas heroínas africanas nossas ancestrais e deusas estão vivas na diáspora e presentes em nossa Nação tanto tempo depois. Neste momento o Ataojá ( rei ) de Osgobo reitera o convite e me abençoa com o seu cajado e suas plumas. Este ato sela meu pacto e compromisso do juramento que fiz a Oxum assim como fizera o primeiro Ataojá quando Oxum lhe concedeu a graça de que seu povo poderia viver próximo a ela. Assim consagrei meu nome " Osunfemi" e minha missão de representar assim como qualquer um de seus filhos na diáspora, o "Amor de Oxum" presente no brilho dos olhos de todas nossas mulheres, mães, irmãs, educadoras, amigas e companheiras deste país*

*A lenda da fundação de Osogbo que falo e pela qual o Ataojá se emocionou quando fiz menção está no corpus de Odus de Ifá no seguinte Itan Ifá :*

*“ A festa anual das oferendas a Oxum realizada e, Osogbo, na Nigéria, é uma reatualização do pacto que o primeiro rei local contraiu com o rio:*

*Laro o antepassado do atual rei, após prolongadas atribuições, procurando um lugar favorável onde pudesse instalar-se com seu povo, chegou perto do rio Osun onde a água corria permanentemente. Segundo se conta, um dia mais tarde uma das suas filhas desapareceu nas águas quando se banhava no rio e, passado algum tempo, dela saiu, esplendidamente vestida. Declarou a seus pais que fora admiravelmente recebida e tratada pela divindade que ali morava.*

*Laro foi fazer oferendas de agradecimento ao rio. Muitos peixes, mensageiros da divindade, em sinal de aceitação, vieram comer o que o rei jogou na água. Um peixe de grande tamanho veio nadar perto do lugar onde ele se encontrava e cuspiu água.*

*Laro recolheu esta água em uma cabaça e bebeu-a, celebrando assim o pacto de aliança com o rio. Em seguida estendeu as mãos e o grande peixe saltou nelas. Ele assume o título de Ataojá, contração da frase Yoruba “ a lewo gba eja”, aquele que estende as mãos e pega o peixe. Ele declara : Osun gbo “ , ou seja , Osun está em estado de maturidade, suas águas sempre serão abundantes. Daí origina-se o nome da cidade de Osogbo que é dedicada a Osun. “*

Na minha estada na Europa percebi que não era branco como achava e a violência simbólica dos meios de comunicação de meu país me fizeram acreditar até então, mas sim mestiço por ser tratado lá sempre como o outro e me orgulho disso pois conhecendo o que o movimento eugenista e as coisas bárbaras que alguns povos da humanidade fizeram ( inclusive com dos hindus ) em nome deste pensamento eugenista, teria poucos motivos para me orgulhar em ser branco e muito mais para se envergonhar. De qualquer forma acho incrível que nossa academia veja maravilhas em nossa mestiçagem através de célebres personagens de nossa história. Contudo é incrível como os títulos acadêmicos no Brasil embranquecem as pessoas e as fazem esquecer o processo de criolização de nosso país, pois quando se referem a estes mestiços o fazem de maneira tão europeizada e como não lhes dissesse respeito a suas próprias condições de mestiços em maioria. Realmente dificilmente nos liberaremos de nossa dependência intelectual e nosso pensamento acadêmico terá o real vulto de uma nação que quer tomar espaço na comunidade internacional enquanto não reconhecermos nossas origens

integrais e fizermos com que estas origens saiam da invisibilidade e assumam seu lugar em nossa academia. Na Europa ao deixar de ser uma cópia de europeus, afirmar minha identidade mestiça e começar a me apropriar do universo simbólico de todas minhas origens valorizadas ou desvalorizadas por nosso senso comum ocidental como muitas vezes tive a oportunidade de realizar in loco como narrei, fez com que meu universo simbólico aumentasse de tal forma que ampliei meu universo lingüístico e hoje falo por isso francês, inglês, espanhol e italiano, tenho o básico do holandês e alemão, noções de yorubá, árabe, turco, romeno e grego e leio perfeitamente em galego e catalão além de algum conhecimento em outros códigos culturais que minha vivência me possibilitou. Por estes fatores cheguei a conclusão que a imersão na invisibilidade de parte de nosso universo cultural em nosso meio acadêmico e a discriminação e os preconceitos barram nosso desenvolvimento como nação, que só ocorrerá quando afirmarmos integralmente nossa identidade coletiva com todas as cores e matizes que lhe são próprias o que nos tornará uma sociedade mais igualitária.

Por isso em 2007 resolvi me voltar ao tema da Igualdade Racial e da lei 10639/03, como mestiço que sou e por estar ciente que independentemente de nossa cor de pele, o problema do racismo e discriminação velados que existem em nosso país é um problema social e não somente de um segmento da sociedade, que precisa buscar uma solução ao problema que não faça dela a sociedade fragmentária e excludente na qual vivemos hoje e que por isso terá grandes problemas em se tornar uma sociedade sustentável se não resolver este problema. Pois me pergunto, a parte das importantíssimas questões humanitárias e sociais decorrentes do racismo velado que existe em nosso país, qual o modelo econômico que um país como o Brasil quer adotar excluindo mais da metade de sua população, se quiser se tornar um país relativamente desenvolvido algum dia? Por isso escrevi o livro “Antropologia dos Orixás” que é o primeiro de uma trilogia sobre o assunto e em breve espero poder desenvolver o tema dentro do contexto de toda experiência que adquiri em meu Mestrado.

II - VEDANTA

Nesta parte convém conceituar o que é Vedanta assim como situar dentro dos sistemas filosóficos da Índia baseado na tradução de partes que tratam do assunto na obra de Swami Satprakashananda da Fundação Ramakrishna.

Vedanta é uma das seis escolas filosóficas principais baseadas nos Vedas ( escolas ortodoxas ) , pois existem aquelas que não se baseiam nos Vedas ( que são as heterodoxas) todas chamadas darshanas. Os seis sistemas védicos podem ser arranjados em três conjuntos de dois sistemas que são complementares um ao outro.

1 – Nyaya e Vaisheshika

2 - Samkhya e Yoga

3 – Mimamsa e Vedanta

Todos os textos hindus possuem textos que se chamam sutras . Em sânscrito darshana significa filosofia ou literalmente visão da verdade. A finalidade de todas estas escolas é a liberação do homem de todos os sofrimentos e o alcançar do verdadeiro conhecimento, contudo cada um deles tem o seu próprio conceito de liberação.

Os outros três sistemas não védicos principais são basicamente

1- Materialismo , conhecido como Charvaka ou Lokayata Darshana

2- Jainismo

3- Budismo , que tem 3 sub divisões

1- Vaibhashika – Realismo direto

2- Sautrantika – Realismo indireto

3- Yogacara – Idealismo

4- Madhyamika – Niilismo

1 – Nyaya e Vaisheshika

Nyaya significa primeiramente lógica, o processo de inferência. O sistema investiga tanto assuntos físicos quanto metafísicos pelo método silogístico. Desta forma inclui a metafísica como uma ciência da lógica. É um sistema baseado nas Nyaya Sutras de Gautama ( também chamado Gotama ) que viveu não muito mais tarde do que o terceiro século antes de Cristo. Sua escola complementar o Vaisheshika é a primeira das duas e exerceu considerável influencia sobre o Nyaya. Ambos sistemas buscam uma análise crítica do universo por métodos lógicos. O fundador do Vaisheshika é conhecido como

Kanada (aquele que come as partículas dos grãos, por seu modo austero de vida). O nome Vaisheshika, deriva de Vishesha, que se refere a particularidade do caráter individual das coisas que o sistema enfatiza. Nas primeiras partes de sua Filosofia, Kanada declara que o objeto de sua filosofia é interpretar o dharma (virtude que leva ao verdadeiro conhecimento), que conduz ao desenvolvimento da vida e ao alcance do supremo Deus. Devemos notar que todos os sistemas védicos defendem o dharma e condenam o adharma, seu oposto. Cada uma é uma filosofia de vida.

Assim Nyaya e Vaisheshika são dois sistemas separados, eles tem mais similaridades do que diferenças. Ambos sistemas são realistas e pluralistas. Na visão de ambos Deus é a causa do Universo. Objetos físicos existem independentemente da mente, sendo que sua percepção depende da mente auxiliada pelos órgãos de sentido. Sete categorias (padarthas) são reais. E são substância (dravya), qualidade (guna), atividade (karma), generalidade (samanya), particularidade (vishesha), inerência (a relação de samavaya) e não existência (abhava). Destas, substância é a única entidade independente, o restante pertence a ela. As nove substâncias fundamentais são – Terra, água, fogo, ar, éter (akasa), tempo (kala), espaço (dik), Ser (Atman) e mente (manas). Os sete primeiros compõem o universo físico. Cada um dos elementos – terra, água, fogo e ar – está em seu estado atômico original. Quatro tipos diferentes de átomos são os constituintes básicos destes elementos. éter (akasa), tempo (kala) e espaço (dik) são infinitos e intepenetraram tudo.

Enquanto o Ser (Atman) é eterno e impregna a tudo, a mente é eterna. Estando associado a mente, órgãos de sentido e ao corpo o Ser é limitado. Quando dissociado de tudo isso pelo verdadeiro conhecimento o Ser atinge a liberação (apavarga). O Vaisheshika começa com a concepção de ser e desenvolve suas idéias a partir disto: o Nyaya começa pelo conhecer.

## 2 – Samkhya e Yoga

O sistema Samkhya de Kapila forma (com algumas diferenças) a base filosófica do método yóguico de Patanjali, em seu Yoga-Sutras (tratado de Yoga). Ele é dualístico e mantém em si dois princípios básicos: purusha (a substância auto inteligente) e prakriti (o potencial não inteligente causa do

universo objetivo ) . Purusha é imutável, enquanto prakriti é mutável, existem diversos purushas , porém prakriti , somente um , apesar de múltiplo . Todo o universo objetivo – físico e psíquico – foi envolvido por prakriti. Ele compreende 24 categorias incluindo as subordinadas. Com purusha eles constituem-se em 25 categorias ou princípios ( tattvas ) como enumerados no texto abaixo :

1. Purusha
2. Prakriti
3. Mahat ( o grande princípio , também chamado “ buddhi “ , o princípio intelectual universal subjacente a auto consciência)
4. Ahankara ( Egoísmo )
5. Manas ( mente)
- 6-10. Cinco órgãos de sentido ( audição, visão, olfato, paladar e tato )
- 11-15. Cinco órgãos motores ( fala , compressão, movimento, excreção, reprodução)
- 16-20- Cinco elementos sutis – Som , toque, cor, sabor, cheiro
- 21-25- Cinco elementos brutos- akasa ( éter, ar, luz , água , terra )

A principal diferença entre Samkhya e Yoga em suas visões é basicamente : o Samkhya não reconhece ou crê na existência de um Deus ou Criador eterno , pois Sua existência não pode ser estabelecida por provas lógicas. O único Deus que admite é `Kalpa- Niyamaka- Ishvara` um ser quase perfeito estando temporariamente a cargo do ciclo de criação. Contudo Patanjali admite um Deus Pessoa, Ser especial , intocado por qualquer tipo de miséria, que tem conhecimento infinito e que sendo ilimitado pelo tempo é o mestre primeiro de todos os mestres

### 3 – Mimamsa e Vedanta.

Das seis escolas ortodoxas, Mimamsa e Vedanta são primeiramente dependentes da autoridade Védica ( Sruti – pradana ) . Mimamsa foi fundado pelas Purva Mimamsa Sutas de Jaimini e o Vedanta pelas Uttara- Mimamsa Sutas. O nome Mimamsa comum aos dois tratados que eles originam, usualmente significa investigação própria ou racional ( pujita vicara) : neste contexto isto significa investigação racional sobre os textos védicos ( Vedarta – Vicara) . O primeiro tratado é chamado Purva-Mimamsa (investigação anterior) pois trata da porção anterior dos Vedas, particularmente às

Brâmanas, o segundo tratado é chamado Uttara-Mimamsa ( investigação posterior ) , pois trata da parte subsequente dos Vedas, os Upanishads . Tratando mais dos ritos sacrificiais e ações virtuosas prescritas pelas primeiras porções dos Vedas, Purva- Mimamsa também é chamada de Karma – Mimamsa. Usualmente o sistema de pensamento baseado nisso é simplesmente chamado Mimamsa ou como Mimamsa Darshana ( filosofia ) . Investiga o ritualismo védico. Uttara-Mimamsa, por outro lado , se ocupa da metafísica védica , o assunto dos Upanishads. Sendo antes de tudo um questionamento sobre Brahman , também é chamado Brahma Mimamsa . O sistema baseado nisso é geralmente conhecido como Vedanta ou Vedanta Darshana (filosofia).

A filosofia do Purva Mimamsa (ou Mimamsa) é baseada na tentativa de considerar o ritualismo védico por uma interpretação racional. De acordo com isso , os Vedas são a única autoridade em religião e ações corretas ( dharma) , sendo a única fonte de conhecimento suprasensorial . O homem precisa agir de acordo com o que é prescrito pelos Vedas como condutor de seu bem estar aqui e além. O cumprimento de ritos sacrificiais e outros deveres prescritos pelos Vedas reside no reconhecimento das verdades suprasensoriais como a sobrevivência da alma ou a morte, mérito e demérito provenientes do karma, recompensa no céu ou inferno e a existência da ordem ética no universo. Afim de estabelecer a infalibilidade do testemunho védico , dos filósofos do Mimamsa se ativeram por muito tempo em tópicos epistemológicos , como a natureza do conhecimento, seus diferentes métodos, sua validade, sua falsidade, sua criteriosidade, e seus objetos ( prameya) . Eles também discutiram questões metafísicas relativas à natureza do universo, a natureza da alma, a lei do karma e a liberação final desta lei. O Advaita Vedanta tem muitos pontos de acordo com o Mimamsa , contudo as visões metafísicas das duas escolas diferem em muito. Mencionamos que a uma das escolas do Mimamsa e o Advaita Vedanta aceitam os mesmos pramanas, mas que há uma divergência de opinião entre elas no que se refere a auto manifestação do conhecimento.

Como Nyaya e Vaisheshika, Mimamsa é realístico e pluralístico em sua visão do Ser e do Universo. Mas diferente deles não vê Ishvara como a causa eficiente do Universo ,embora não o negue. A lei do Karma é tida como

adequada para manter a ordem cósmica. O realismo do Mimamsa é diferente do empiricismo, que não reconhece fatos suprasensórios. Defende que o objetivo final da vida que é liberdade de todas as misérias e a chegada a maior felicidade chamada paraíso, é conquistada não por auto conhecimento, mas por meio de cumprimento de ritos cerimoniais e ações corretas prescritas nos Vedas. Mas o Advaita Vedanta afirma que nenhum paraíso atingido pelo karma pode ser o final, pois tudo o que é produzido chega a um fim: o eterno, o sem causa não pode ser produto de trabalho. Recusando as prescrições do Mimamsa, o Advaita Vedanta sustenta que os Vedas prescrevem o Karma para os não iluminados como preparatório para o auto conhecimento que é o meio direto de libertação (moksha).

4 – Filosofia Vedanta : sua base tripla e Diferentes escolas.

Falando em linhas gerais, a filosofia Vedanta tem duas divisões principais: 1- Monística ( Não Dualista) e Monoteísta. Mostramos sua classificação em diferentes escolas

Monística ( não dualística ) – Vivarana e Vacaspati

Monoteísta – As cinco escolas Vaishnavas de, 1- Ramanuja, 2- Nimbarka, 3- Madhava, 4- Vallabha, 5 – Sri Chaitanya.

De acordo com o Vedanta monístico ou não dualístico, Brahman, Consciência Pura, o Uno sem um segundo, no qual não há diferenciação de nenhum tipo, nem mesmo diferenciação entre substância e atributo, é a única Realidade. De acordo com o Vedanta monoteísta, Brahman, o repositório de todas as qualidades abençoadas, o Onisciente, Onipotente, Onipresente supremo Ser, é a Realidade Fundamental, os seres individuais e o mundo inanimado embora distintos do Supremo Soberano ( Ishvara) não tem existência separado Dele. Assim no Vedanta não há absoluto dualismo como no Samkhya. Mesmo a escola monoteísta de Madhava, que é usualmente caracterizada como dualista, não o é no mesmo sentido do Samkhya. O Advaita Vedanta reconhece a posição monoteísta, mas não a vê como a final. De acordo com ambas

escolas, o ser individual ( o jiva) é intrinsecamente consciente. Enquanto o Vedanat Monoteísta sustenta que o Jiva é aparentado com Brahman, embora distinto, e enfatiza sua relação, o Vedanta Advaita mantém sua identidade essencial , sendo que a distinção entre as duas é acidental e não absoluta.

Os princípios essenciais do Vedanta Advaita , em resumo são:

1 – A Realidade fundamental ( Brahman ) é Puro Ser – Consciência- bem aventura ( Sat- Cit- Ananda ) que sozinho existe no sentido absoluto. O múltiplo não tem realidade final. É uma existência aparente, sendo que devido a maya , um misterioso princípio que aparente diversifica a realidade indiversificável.

2- Transcendentalmente o Uno sem segundo , Brahman é imanente no mundo dos fenômenos como aquele Ser que a tudo permeia . Assim Brahman é o Regente do Interior – o criador, preservador e destrutor do Universo, o adorável Deus de amor e graça, e também a consciência interior em todo ser vivo. Assim o mesmo não dual Brahman tem diferentes aspectos em relação ao múltiplo aparente.

3 – O Ser Interior dos homens é igual a Brahman.

4 – Realizar Brahman é o objetivo da vida humana. Isto significa liberação dos ciclos de nascimentos e mortes e o alcançar da completa bem-aventurança. Todos os valores da vida devem servir a este supremo fim.

5 – A experiência do múltiplo persiste para o ser individual (jiva) enquanto ele estiver sujeito a maya e não realiza sua união essencial com Brahman.

6 – Os métodos de Realização de Deus variam dentro dos princípios fundamentais , de acordo com as tendências dos aspirantes , capacidades e condições de vida.

7 – Verdades Espirituais Universais sustentam as diferentes religiões apesar de diferenças de dogmas e práticas.

De acordo com o Vedanta, existem duas abordagens principais ao objetivo final da vida: (1) o caminho do conhecimento ( jnana – yoga ) e (2) o caminho da devoção ( bhakti yoga ). O caminho do trabalho sem ego ( karma yoga ) é preparatório para ambos. O caminho do conhecimento é estritamente falando,

a busca por Brahman. É caracterizado pela conscientização do aspirante de sua relação com Brahman. Ambos Vedantas, não dualista e monista reconhecem o caminho da devoção como o caminho direto para a realização de Brahman. De acordo com o Vedanta monoteísta este é o caminho espiritual final. Contudo o Vedanta não dualista defende que o caminho da devoção leva ao caminho do conhecimento, que é o único caminho de realização direta de Brahman. Muitos aspirantes têm que alcançar Brahman por devoção antes que alcancem por conhecimento.

Os Upanishads, trazem em si as verdades reveladas, e são a primeira fonte da Filosofia Vedanta. Os videntes védicos declaram as verdades suprasensoriais reveladas às suas visões místicas. Eles não racionam ou contestam. Apenas dizem o que vêem. Especulação não é o caminho deles. No curso do tempo surgiu a necessidade de se sistematizar os ensinamentos upanishádicos. Muitas tentativas foram feitas nesta direção, porém nenhum destes trabalhos está disponível agora, exceto o Brahma – sutras que é tido como autoridade por todas as escolas do Vedanta. De fato, cada escola do Vedanta, não dualista ou monoteísta, tem seu próprio comentário dos Brahma- sutras, para corroborar com suas visões. Assim do estágio de verdade revelada, o Vedanta atinge o estágio de verdades racionalizadas. Em outras palavras, os Brahma-sutras formam a base do Vedanta como uma filosofia racional.

O Bhagavad Gita, que consiste particularmente na aplicação dos ensinamentos upanishádicos para a vida prática, marca o terceiro estágio do Vedanta- aquela das verdades “ aplicadas”. Ele enuncia disciplinas morais e espirituais para diferentes tipos de seguidores e aponta o caminho de conformar a vida normal ao mais alto ideal. Assim os Upanishads, os Brahma-sutras e o Bhagavad Gita são as três normas ou trabalhos de base do Vedanta, formando um a base tripla ( prasthanatraya ). Eles são respectivamente chamados Sruti –prastana, Nyaya prasthanatraya e Smṛti-prasthanatraya, tendo em vista o fato que seguem o curso da revelação ( Sruti ), razão ( nyaya) e regulação da vida ( smṛti ). O termo Vedanta ( Veda+anta) denota o fim ou a culminação ( anta ) do conhecimento ( veda ), especificamente sendo o conhecimento suprasensorial ( o Veda ). Também se refere as partes que concluíram os Vedas, que tem em si o conhecimento chamado de Upanishads. Em um sentido mais amplo, Vedanta

significa os três clássicos religiosos sânscritos supra citados e todos os tratados explanatórios sobre eles.

Cada sistema da Filosofia Vedanta é primariamente uma interpretação dos Brahma sutras . Isto também é sustentado por comentários dos Upanishads e Bhagavad Gita . Contudo cada escola tem escritos originais elaborados sobre os ensinamentos das três obras primárias para reafirmar as suas visões . Notemos que ambas escolas do Advaita Vedanta são baseadas nos comentários de Shankaracarya das Brahma sutras ; mas cada uma das cinco escolas monoteístas tem seu próprio comentário sobre o tratado .

Os Upanishads .

Como nos fala Gilles Farcet o termo Upanishad vem da raiz sânscrita SHAD que significa se sentar, e dos prefixos UPA ( próximo de ) e NI ( que indica o movimento para baixo) Upanishad é portanto a ação de se sentar aos pés de alguém . Na Índia no tempo que os Upanishads foram compostos o homem desejoso de obter iluminação ia encontrar um mestre . Ele se sentava a seus pés e uma vez que seu espírito estava tranquilo , este se encontrava dentro do que é preciso para receber o ensinamento espiritual . E é dessa forma que se passa ainda nos dias de hoje.

Para que ocorra a iniciação é necessário que tanto o discípulo como o Mestre possuam as qualidades necessárias . Suposto puro e receptivo o discípulo deveria ser calmo e isento de agitação mental assim como nos fala o Mundaka Upanishad. Quanto ao Mestre , à sua vez, deve ser “ versado nas escrituras e estabelecido em Brahman “ , ou seja , iluminado .

O objetivo final da vida é realizar o infinito , ou o Absoluto, Deus, Brahman ou o Ser ( Ser Interior Supremo) . Os Upanishads insistem na necessidade de experimentar o Absoluto antes que adquirir um conhecimento livresco.

Os textos servem para distinguir o saber do conhecimento: o conhecimento é superior ao saber . Expertos em matéria de fonética, ritos, gramática, etimologia, métrica e astronomia e os sacerdotes possuem o saber. Acima do

saber está o que permite fazer diretamente a experiência com o “Eterno”. Esta experiência necessita de um apaziguamento da atividade mental – um UPA- NI- SHAD - . A atenção deve se voltar para o interior , passar do mundo em movimento da experiência quotidiana ao silêncio do absoluto além de todo pensamento.

A prática da meditação sempre foi a chave mestra dos ensinamentos dos Upanishads. E pela meditação que se experimenta o Infinito e é esta experiência que nos torna mais receptivos às chaves das Escrituras.

Os Upanishads cantam a glória de um estado além do pensamento e da razão . por definição , este domínio transcendental e indescritível e todos e qualquer esforço afim de lhes descrever será na melhor das hipóteses uma aproximação – Um Upanishad .

## Ramakrishna e Vivekananda

Sri Ramakrishna foi uma importante figura dentro das reformas religiosas do Renascimento Hindu no século XIX e seu principal discípulo foi Swami Vivekananda , o fundador da Ordem Ramakrishna. A literatura sobre a vida e obra destas duas personagens é extensa e recomendo aos que desejam se aprofundar na linha do Advaita Vedanta. O Evangelho de Ramakrishna, com trechos da vida de Ramakrishna O que é Religião e Obras Completas de Vivekananda são obras que não podem ser ignoradas neste contexto.

Swami Vivekananda nasceu em Calcutá em 12 de Janeiro de 1863, seu pai era um importante advogado da cidade e sua mãe de uma família aristocrática. Os pais o nomearam de Narendranath e a mãe acreditava que ele veio a ela em resposta a ardentes preces ao Senhor Shiva. Foi um menino muito estudioso , com talentos superlativos ambos inatos e adquiridos. Tinha uma excelente muito retentiva memória e uma qualidade racional muito além de sua idade . Era extremamente meditativo .

Narendranath era um pensador e a questão sobre Deus o intrigava. Seu intelecto era muito forte para se apegar a fé e às crenças de sua época. Ele queria provas antes de acreditar. Andou por vários lugares na busca da questão sobre Deus , mas em vão e quando ele quase desiste de descobrir sobre Deus e quase conclui que Deus era uma idéia de homens loucos ele foi

levado até Sri Ramakrishna. Ele pergunta a Ramakrishna se ele já havia visto Deus . Sri Ramakrishna respondeu com um sorriso que não somente O havia visto como poderia mostrá-Lo para Naren. Assim o racionalista encontra seu Mestre.

Por 5 anos foi treinado e ensinado por Ramakrishna e neste tempo se torna seu principal discípulo. Sri Ramakrishna desencarna em 1886 quando Narendranath tinha 22 anos . Quando vê o desafio de assumir a missão de Ramakrishna , ele renuncia ao lar e se torna Swami Vivekananda, abre um monastério e viaja por toda Índia entendendo seus problemas e achando soluções para sua regeneração.

Em 1893 , no mês de maio , o Swami vai para a América e tenta ser recebido no Parlamento das Religiões em Chicago em Setembro. Ele não houvera sido formalmente convidado . Com alguma dificuldade consegue entrar no Parlamento. Ele era muito luminoso para não ser admitido aí . Foi um caso de conquista à primeira fala. Suas palavras fascinaram o Parlamento e o Mundo Ocidental . Indo além de conflitos religiosos e discussões de dogmas ele falou de harmonia e universalismo, sua mensagem foi um suspiro de vida para um povo sufocado . Ele ficou muitos meses na América palestrando e ensinando os ocidentais a estudar filosofia hindu. Então parte para Inglaterra e o restante da Europa e foi na época uma ponte de entendimento entre Oriente e Ocidente.

Em 1897 o Swami volta a Índia e a nação se levanta para recebê-lo , as pessoas diziam que ele era o novo Shankara que nasceu para revigorar e reavivar a mãe Índia. O Swami lembra seus compatriotas do ideal nacional da Índia de renúncia, e mostrou a eles que a cultura espiritual era o segredo da existência imortal da Índia. Então ele funda a Missão Ramakrishna que é uma organização dedicada à auto realização e ao serviço à humanidade.

Swami Vivekananda não tinha nem 40 anos quando deixa seu corpo físico, e seu trabalho tem um lado Hindu e outro internacional. Em ambos os lados sua contribuição é única.

Dentre todos seus pensamentos, um dos que mais me toca até hoje é o seguinte:

*Se a teologia e o dogma se tornarem obstáculos em sua busca pela  
Verdade ,  
Abandone-os.  
Aprenda a pensar sem preconceito,  
A amar todos os seres somente por amor,  
A expressar suas convicções sem medo,  
A levar uma vida de pureza  
E o Sol da Verdade o iluminará,  
Swami Vivekananda...*

### Os Yogas e os 4 Objetivos da Vida

Dentro do Advaita Vedanta, como nos fala Swami SatPrakashananda, o caminho da transcendência e liberação ocorre através dos Yogas.

Estes caminhos de liberação são Bhakti ( devoção ) , Jnana ( conhecimento ) , Karma ( ação ) e Raja ( meditação ).

Antes, portanto da liberação e transcendência o homem segundo a tradição hindu tem três objetivos na vida mundana , que são Kama ( prazer ) , Artha ( trabalho e meio de vida ) e Dharma ( dever ) sendo que , segundo a Filosofia Vedantina, ao esgotar estes três objetivos , o homem passa a buscar o Moksha ou a transcendência. Alvo central dos Upanishads e dos textos Vedantinos.

Dentro dos Yogas, segundo o Advaita Vedanta dos estudos de Swami Satprakashananda, Karma e Raja preparam o caminho para o desenvolvimento do Bhakti Yoga que por fim conduzem ao Jnana Yoga . Contudo muitos estudiosos, falam que nos apegamos mais a um ou outro Yoga de acordo com nossas inclinações naturais e centramos nosso desenvolvimento espiritual em um deles , de acordo com estas inclinações.

### III. EDUCAÇÃO .

Neste item transporei os conceitos principais de meu relatório de pesquisa na USP .

#### **1. Título:**

A Índia e a Educação: Relações entre o mestre e discípulo e os textos Vedantinos na Educação

## 2. Resumo

Outras sociedades além da antiguidade clássica, Roma e Grécia e a Europa Ocidental Cristã, que desenvolveram seus sistemas educativos, oferecem fascinantes e riquíssimos materiais reflexivos no que tange à Filosofia da Educação, no entanto, este material passa despercebido de nós no Ocidente e poderia servir de inspiração para muitas pesquisas que viriam a enriquecer nossos métodos pedagógicos. Neste sentido, nesta pesquisa procuramos refletir sobre as contribuições das relações professor aluno, mais precisamente segundo a escola do *Advaita* Vedanta.

Dentre os objetivos centrais deste trabalho buscamos conhecer, estudar, identificar e analisar as relações entre mestre e discípulo na Índia dentro do Vedanta *Advaita* e transpor elementos destas relações para os dias atuais com o objetivo de resgatar o espírito de autonomia pedagógica presente nas relações do Vedanta *Advaita*. Para tanto, estudamos obras de autores de uma organização com sede e legitimamente reconhecida na Índia como representante fiel aos princípios, desta escola tradicional, assim como de outros autores ocidentais e ainda trabalhamos neste objetivo com Espaços de Criação.

A partir de um paralelo feito entre os conceitos de Consciência Pura do Vedanta *Advaita* e Reminiscência Platônica enfatizamos neste trabalho a importância do conhecimento prévio dos alunos e discípulos na construção do conhecimento, assim como seu capital cultural e formação micro e sócio-genética, assim como na construção de novas metodologias pedagógicas e relações mestre discípulo que sejam propícias para a aplicação do conceito de autonomia pedagógica segundo a transposição do mesmo no Vedanta *Advaita* para a prática pedagógica assim como defende Swami Vivekananda em sua obra *Education* (1910). Neste contexto os alunos deixam de ser meros reprodutores do conhecimento pré estabelecido e passam a reconstruir esse conhecimento a partir destes elementos próprios.

**Palavras- Chave: Vedanta, Educação, Upanishads**

### **3. Objetivos**

a) Identificar e analisar as relações do mestre e do discípulo presentes na literatura do Vedanta *Advaita* fazendo se um paralelo com as relações professor-aluno atuais. b) Adaptar a realidade dos textos vedantinos para a atualidade na educação, no intuito de que possam ser criados novos espaços de criação onde a relação autônoma do aluno com o conhecimento possa ser resgatada, e a partir da observação dos métodos pedagógicos dos mestres vedantinos, por meio de “espaços de criação” propor novos cenários na educação nos quais a relação de dependência ao mestre possa ser abolida e a relação entre mestre e discípulo deixe de ser uma relação de opressão na qual o discípulo vem sendo simplesmente um mero reprodutor do conhecimento transmitido e não tem a oportunidade de realizar e nem recriar ou transformar este conhecimento de base a partir de seu conhecimento prévio e capital cultural perpetuando assim o papel do ensino e da escola como um reprodutor das desigualdades.

### **4. Objeto / Problema da Pesquisa**

O objeto desta pesquisa se constitui pelo estudo das relações entre mestre e discípulo presentes na Índia dentro do Vedanta *Advaita* e das relações e práticas pedagógicas que estão presentes na transmissão de conhecimento dos Upanishads, que são os últimos textos incorporados aos Vedas e por isso levam a denominação de Vedantinos, assim como do Bhagavad Gita, que são objetos de estudo das escolas Vedantinas.

Para entender melhor a relação mestre discípulo no Vedanta e os métodos pedagógicos do mestre Vedantino temos que nos atentar que segundo a tradição Indiana que todo homem tem três objetivos na vida mundana e um quarto que é a Transcendência (ou *Moksha*). Os três objetivos da vida mundana (o *tri-varga*) são *Kama* (o prazer), *Artha* (a realização material) e *Dharma* (o dever, com o qual os outros dois objetivos devem estar alinhados), uma vez cumpridos estes três objetivos surgiu, segundo a tradição

Vedantina, a necessidade de buscar a transcendência que é o tema dos textos Vedantinos (os Upanishads e o Srimad Bhagavad Gita).

Quanto aos três objetivos da vida mundana, a civilização Indiana, durante os diversos séculos criou verdadeiros tratados como é o exemplo do código de Manu e toda literatura dita não revelada (ou *Smṛiti*). Já quanto ao Vedanta temos basicamente os Upanishads e Bhagavad Gita como literaturas centrais e que tem como objeto de estudo a Transcendência (fazendo parte, portanto da dita literatura revelada, ou *Śruti*).

Dentro de nosso estudo, foi importante que levássemos em conta que o mestre Vedantino ao ter como objetivo transmitir conhecimentos sobre assuntos ligados à transcendência utiliza um método pedagógico e tem um ponto de vista e objetivos diferentes dos que ensinam sobre os tratados dos objetivos da vida mundana (o *tri-varga*) e foi justamente esse método pedagógico, ponto de vista e a relação desenvolvida entre mestre e discípulo no Vedanta que foram o Objeto de nossa pesquisa.

De acordo com o Vedanta (sobretudo o *Advaita*), neste estágio do aprendizado humano, que segundo esta civilização é o objetivo final de todo aprendizado, o conhecimento deixa de ser simplesmente transmitido pelo mestre a fim de ser reproduzido pelo discípulo, para ser, ao invés disso, realizado pelo mesmo. Dessa forma, o discípulo jamais pode ser visto como um reprodutor do conhecimento do mestre, mas um recriador de um novo conhecimento ou processo subjetivo de aprendizado, o que faz com que a relação mestre discípulo tenha obrigatoriamente que ser horizontal e jamais vertical ou hierarquizada, o que não quer dizer que não haja espaço para o desenvolvimento de uma disciplina por parte do discípulo, pois ela é essencial para a realização do conhecimento, contudo, esta não é imposta pelo mestre, mas é incitada pelo mesmo no sentido de que se desenvolva como autodisciplina respeitando o conhecimento prévio e capital cultural do discípulo.

## **5. Justificativa**

Desde o primeiro contato por carta com uma então amiga indiana de Hyderabad que fiz para aperfeiçoar meu inglês, senti grande atração pela cultura e referenciais filosóficos da Índia e a cada correspondência me

conscientizava de quanto era estereotipada a visão que tínhamos deste subcontinente assim como de outras regiões do mundo que não são tidas como fundadoras de nossa civilização, pois como mais próximos ao Ocidente, em nossa cultura os referenciais da dita cultura de consumo mundial predominante nas relações com outros países muitas vezes ajudam na consolidação desta visão estereotipada destas culturas que temos muitas vezes apenas como exóticas e distantes, apesar de leituras sobre especialistas em Oriente, muitas vezes esquecemos que estes autores, mesmo em se tratando de grandes indologistas também estão inseridos em um contexto histórico ou cultural que deve ser levado em conta na análise do que produzem. (o que nós mesmos, sem aqui ter a pretensão de comparar nosso trabalho ao destes autores, admitimos também deve ser considerada para a análise de nosso trabalho). Nem sempre, mas muitas vezes estas análises reforçam estes estereótipos que temos desta cultura. Muitos deles que vi cair ao ser acolhido por indianos de diversas correntes filosóficas e religiões na Índia, e que meu contato com eles até hoje faz com que passe a ver diversas semelhanças culturais, entre eles, e outras culturas tidas como exóticas em países pelos quais estive e nós brasileiros (classificados como ocidentais), na natureza intercultural e diversa de nossos países, o que facilita este diálogo igualmente intercultural entre nossas nações. Uma das justificativas da corrente pesquisa é que ela foi realizada com o intuito contribuir para o diálogo intercultural entre Brasil e Índia no que particularmente observei em semelhanças entre a natureza diversa das raízes brasileiras pelas várias regiões do Brasil nas quais estive e morei e pela nossa própria origem múltipla (da qual minha própria ascendência como legítimo brasileiro é uma prova) que nos aproxima de uma aceitação à diversidade que também se faz presente pelo o que observei nas diversas vezes que estive no subcontinente dentre as linhas filosóficas e religiosas autenticamente indianas na qual exemplifico na Figura de Sri Ramakrishna que foi um dos diversos exemplos históricos deste diálogo inter cultural e inter religioso presente no cotidiano dos indianos até os dias de hoje. Para tanto como nosso foco é o educacional, esta pesquisa poderá ter sua relevância aos que se interessam na análise de assuntos ligados a metodologias pedagógicas que se insiram neste diálogo intercultural.

## 6. Quadro Teórico

Sobretudo depois da Idade Média, período no qual a educação ocidental passa a ser ministrada por entidades religiosas que tinham como objetivo a manutenção de seu status, esta educação ministrada por estas instituições passa a estabelecer posições nas quais as relações de poder advindas do acúmulo de conhecimento eram determinantes no status social e intelectual dos indivíduos. Sendo assim, os mestres passam a não preparar mais os indivíduos para que desenvolvam seus estudos de forma autônoma ou que construam uma relação autônoma com o conhecimento, reproduzindo práticas pedagógicas que geram uma grande dependência entre mestre e discípulo as quais herdamos os resquícios até os dias atuais como sobressalta Gusdorf (1970), o que em última instância podemos encontrar traços desta dependência pedagógica desde os Gregos quando observamos Pieper (2003) quando cita a atitude dos discípulos socráticos perante a ele, apesar da postura de Sócrates, contrária à dependência pedagógica, como podemos notar na sua despedida de seus discípulos na Apologia de Sócrates.

Segundo a visão Vedantina *Advaita* e as práticas pedagógicas presentes na transmissão dos textos vedantinos como os Upanishads e o Gita, o objetivo do discípulo como nos mostra Vivekananda (1910) um dos nomes mais eminentes do Vedanta é superar o mestre já que, segundo a filosofia Vedanta *Advaita*, ou Monismo Puro, os seres são e devem ser tratados como consciência pura, de acordo com que nos mostram os Upanishads na interpretação de Sankaracharya, detendo já em si a capacidade de redescobrir e desvendar toda forma de conhecimento, em todos os níveis, sendo, o papel do mestre para Vivekananda (1910) e o historiador e indologista alemão Max Müller (1900) quando citado por Thatagathananda (2004) o de ensinar ao discípulo como desvelar este conhecimento e assim superar o mestre e tornar-se autônomo em relação ao saber.

A defesa e o resgate desta visão se faz cada vez mais necessária em nossos dias, na qual a sociedade necessita de seres críticos, criadores de novas tecnologias e práticas do saber, o que na relação de dependência atual, entre o professor e aluno, dificulta a evolução do quadro geral do saber,

tornando, na maioria das vezes, aqueles que não buscam esta autonomia em meros reprodutores como defende Gusdorf (1970).

Para complementar esta visão podemos afirmar que segundo a tradição Vedantina em todas suas três escolas como nos reafirma o Swami Indiano S. a quem tive a oportunidade de entrevistar e assistir a suas palestras, logo que retornou da sede da Missão Ramakrishna em Belur Math, na Índia, o homem tem normalmente quatro mestres durante a vida; o primeiro é a mãe, o segundo o professor, o terceiro o guru e o quarto a própria mente, sendo este último o principal dentre os quatro que se funde numa espécie de Mente coletiva onde estão armazenados todos os conhecimentos.

Este pensamento torna o indivíduo totalmente autônomo pedagogicamente em relação a seu mestre, já que a sua própria mente torna-se o seu mestre.

Segundo o Vedanta *Advaita* os indivíduos são capazes de acessar pela mente todo o conhecimento existente, basta se “reconectar” a este conhecimento tal qual como defende a teoria da reminiscência de Platão que dentre outros filósofos da antiguidade clássica ou moderna ocidental também são objetos de estudo de monges Vedantinos da Ordem Ramakrishna como Tathagatananda (2004) em suas pesquisas que correlacionam as filosofias do Ocidente com as da Índia, sobretudo com as escolas do Vedanta.

Neste contexto o processo de aprendizado torna-se um processo mais de redescobertas do que de descobertas, e que segundo o Vedanta *Advaita* tem a cada geração se acrescer.

Para tanto o mestre vedantino (dentro do *Advaita*) prepara seu discípulo para que o ultrapasse no caminho do conhecimento, para que se torne melhor que ele no contexto da realização do conhecimento transmitido, pois como faz parte de outra geração adquirirá todos os conhecimentos vigentes e criará outros que entrarão para o saber coletivo de sua época, enriquecendo – o e fazendo com que cada geração ultrapasse seus mestres o que gera o progresso intelectual da humanidade além desta superação ser necessária, segundo o *Advaita* Vedanta, para que o discípulo possa `realizar` em si o conhecimento até atingir a sua meta final que é a Consciência Pura, que é impossível de se realizar sem o desenvolvimento da mente autônoma.

Contudo o que vemos hoje em dia na educação clássica ocidental, inclusive no ambiente acadêmico, não é isso, mas o contrário, que são mestres preparando seus discípulos para terem uma relação de dependência a eles, o que faz com que o desenvolvimento do indivíduo pare então no segundo mestre, que é o professor, não chegando ao pleno desenvolvimento de sua mente autônoma imersa no conhecimento coletivo, que é o seu verdadeiro e último mestre, criando meros reprodutores do conhecimento já estabelecido.

Prova disso é que a maioria das descobertas tecnológicas e científicas em geral, se dá em campos de pesquisa no qual o autodidatismo e o estudo e esforço individual são determinantes para estas descobertas, não sendo diretamente pela orientação do mestre, mas pelo esforço individual que o progresso da civilização ocorre através das descobertas.

Para reproduzir o ambiente do *Advaita* Vedanta nada melhor que utilizar os próprios Upanishads, que são os objetos de estudo desta escola tradicional, para esta reprodução corroborando assim com o que fala Vivekananda quando diz:

“O que precisamos é de força, quem vai dar-nos força?

E os Upanishads são a grande fonte de força. Aí há força suficiente para dar vigor ao mundo inteiro, o mundo inteiro poderá ser vivificado, fortalecido e energizado através deles. Eles falarão pelas vozes dos mais fracos de todas as raças, castas, classes sociais, credos, para que possam se manter pelas próprias pernas. Liberdade, Física, Mental e espiritual são as palavras chaves dos Upanishads.”(p.25)

Vários são os autores que defendem o uso dos textos Vedantinos no Ocidente e podemos começar pelo historiador americano Thomas Berry (1971), citado por Swami Tathagatananda (2004) quando fala:

“Seja em qualidade, em quantidade, em significância para as vidas material, cultural e espiritual do homem, a literatura Vedantina em sua totalidade é insuperável entre todas as outras tradições literárias do mundo” (p.204)

Corroborando com o pensamento acima acrescentando que o sistema Vedanta colabora para a harmonia dentre vários sistemas filosóficos podemos citar novamente Tathagatananda (2004) quando cita que:

“O Vedanta está eternamente livre de uma visão estreita, idéias paroquiais que levam ao fanatismo que ameaça o mundo. Seu espírito de compreensiva simpatia por outras idéias e ideais leva à aceitação de todas as formas de fé e revelações elevadas da verdade em outras terras.” ( p.258)

A atualidade do sistema Vedantino pode ser totalmente compreendida pelo o que o mesmo autor quando cita o pesquisador de religiões Raimundo Pannikar, citado por Tathagatananda (2004) quando diz:

“A experiência védica não traz nada de estranho ao homem moderno, mas sim o ajuda a realizar sua própria vida e enfatiza um quase sempre negligenciado aspecto de seu próprio ser. Neste sentido os Vedas ocupam uma posição privilegiada na cristalizada cultura do Homem. Eles não são nem primitivos nem modernos. Não sendo primitivos eles apresentam uma profunda e critica abordagem da vida e uma sofisticação que não está presente pela maioria de antigas culturas. Não sendo moderna, eles exalam uma fragrância e apresenta uma abordagem e profundidade que os modernos não possuem.” ( p.35)

Dentre as diversas funções do Vedanta a que mais se encaixa ao nosso plano de estudo, Segundo Swami Tathagatananda (2004) é em sânscrito chamada mukti que em ultima instância quer dizer liberdade total das fraquezas e dependências e dessa forma para ele o Vedanta encoraja a liberdade de pensamento, pois a ignorância é a verdadeira fonte de sofrimento e a independência pedagógica defendida por ele define que o homem é o arquiteto de sua própria sorte.

Em suma, para Swami Tathagatananda a Universalidade dos Upanishads é notória, por seu apelo humanístico e universalista, o Vedanta atrai a atenção das mentes pensantes por que não requer submissão à autoridade, seja através de um profeta, professor ou escritura sagrada. O que corrobora com a natureza de autonomia pedagógica que deve estar presente na relação mestre discípulo nas práticas iniciáticas do estudo dos Upanishads segundo o *Advaita* Vedanta e que pode comprovar pessoalmente na transposição para as práticas de ensino dos professores da Missão

Ramakrishna na sua relação com seus alunos nos seus centros educacionais em que estive na Índia.

Por outro lado Gusdorf (1970) e Pieper (2003) nos falam da dependência do discípulo em relação ao mestre no Ocidente quando dizem ou demonstram que os mestres não preparam seus discípulos para se tornarem independentes ou para superá-los, o que coloca como alternativa a retomada da relação existente entre o mestre e o discípulo no Vedanta *Advaita*.

Para Vivekananda (1910) faz se extremamente notória a necessidade da introdução dos textos vedantinos neste processo quando ele declara:

“O que precisamos é força, quem vai dar-nos força?... E os Upanishads são uma grande fonte de força. Nos Upanishads há força suficiente para revigorar o mundo inteiro; o mundo inteiro pode ser vivificado, fortalecido, energizado através deles. Eles clamarão em alta voz aos mais fracos, os miseráveis, os caídos de todas as raças, todos os credos, todas as seitas para que se sustentem nas próprias pernas e sejam livres. Liberdade, física, mental e espiritual são as palavras chaves dos Upanishads.” (p.25)

Trazendo para uma perspectiva mais próxima do Ocidente, vemos na defesa da autonomia pedagógica Vedantina de Vivekananda elementos que se aproximam da teoria da reminiscência de Platão.

Contudo ele vai além do conceito de reminiscência platônico quando define que o conhecimento e o saber são inerentes à condição humana. Segundo Vivekananda e o *Advaita* Vedanta, os homens, sendo consciência pura inseridas em uma Consciência Geral Coletiva, necessitam apenas relembrar o que já fora aprendido anteriormente, tal como defende a teoria da reminiscência platônica.

A diferença é que, para Vivekananda e o Vedanta *Advaita*, esta Consciência Pura é a essência de nossa condição humana.

De qualquer forma por estarmos tratando aqui de um trabalho acadêmico e científico não estamos tentando comprovar os conceitos metafísicos tanto do Vedantismo quanto da teoria de Platão. O objetivo aqui é ressaltar que estas visões destas civilizações (tanto grega clássica através da teoria socrática platônica da Reminiscência quanto à visão *Advaita* vedantina indiana do Atman e da Consciência Pura) levam em conta no processo de

aprendizado e na relação pedagógica entre mestre e discípulo, os conhecimentos prévios e conseqüentemente o capital cultural dos seus discípulos assim como suas formações sócio-genética e micro-genética (que já estão mais próximas de ser objeto de estudo de um trabalho acadêmico), o que nem sempre é levado em conta no ensino tradicional dos dias atuais.

As idéias de Vivekananda foram defendidas nos tempos modernos por Mayor, em 1993, o então diretor geral da UNESCO que sobressaltou três fatores nas opiniões e no pensamento de Vivekananda: O comprometimento com o universalismo; a defesa aos mais fracos e a sua preocupação com o desenvolvimento humano estando ai presentes a ciência a cultura e a educação, como instrumentos desse desenvolvimento o que vem de encontro com as premissas da própria UNESCO de que a paz deve estar fundamentada sobre a solidariedade intelectual e moral da humanidade. O que marcou os 100 anos da participação de Swami Vivekananda no Parlamento Internacional das Religiões em Chicago em 1893 quando representou a Índia e mais precisamente o Hinduísmo frente às demais autoridades religiosas mundiais da época.

Para a Missão Ramakrishna, a discussão entre o iniciático e o escolar está presente desde a fundação de sua primeira instituição educacional há mais de 100 anos e ainda se faz até hoje segundo pude presenciar nas diversas visitas que fiz pessoalmente a seus centros educacionais por diversas cidades da Índia, sobretudo em Hyderabad, no centro Ramakrishna Math, onde foquei a maior parte da pesquisa, nas vezes em que estive na Índia para este propósito.

Outra preocupação constante que tivemos na escolha da Instituição a ser pesquisada foi quanto à fidelidade da mesma junto a uma das seis correntes filosóficas da Índia baseadas nos Vedas, ou *Sat Darshanas* (literalmente: Seis Visões, que são as seis escolas tradicionais do Hinduísmo e que se baseiam nos Vedas) e se dividem em três blocos que se complementam e por sua vez são: 1. *Vaisheshika e Nyaya*; 2 *Samkhya e Yoga*; 3. *Mimansa* ( Purva Veda – Veda antigo ) e *Vedanta* (Veda – anta – Final do Veda ). Cada uma das seis *Darshanas* subentende por sua vez o estudo e interpretação dos Vedas a partir de determinados textos básicos e comentários de seus fundadores e que por sua vez são: 1.1 – *Vaisheshika – Vaisheshika*

*Sutra* de seu fundador Kanada; 1.2 – *Nyaya- Nyaya Sutra* de seu “fundador” Gautama; 2.1 *Samkhya – Samkhya Pravachana Sutra* de seu fundador Kapila; 2.2 *Yoga – Yoga Sutra* de seu fundador Patanjali; 3.1 *Mimansa – Mimansa Sutra* de Jaimini seu fundador, que serve de guia para o estudo e interpretação dos textos mais antigos dos quatro Vedas (Purva – Veda = Veda antigo); 3.2 Vedanta – tem como base o estudo dos Upanishads que por terem sido os últimos textos incorporados aos Vedas são, portanto considerados como os textos centrais do Vedanta (Veda – anta, final do Veda) e que também tem o Vedanta Sutra (ou Brahma Sutra) de Vyasa (seu fundador) como texto de base. O Vedanta por sua vez tem três intérpretes importantes e que tem suas correntes filosóficas reconhecidas na Índia como as três linhas legítimas e que são: Sankaracharya (Vedanta *Advaita* ou Puro Monismo) e Ramanuja (monismo Qualificado) e Madhava (Vedanta *Dvaita* ou Dualismo).

Além destas linhas filosóficas baseadas diretamente nos Vedas também existem outras que não são baseadas nos Vedas e que tiveram seu papel de destaque dentro do contexto histórico da Índia, como são exemplo o Jainismo de Mahavira, o Materialismo de Charvaka (um dos pioneiros do pensamento materialista entre todas filosofias do mundo) e o Budismo de Sidharta Gautama.

O estudo das *Darshanas* é extremamente rico e interessante, contudo por não serem o tema central da proposta deste trabalho, indico aos interessados a se aprofundar na questão, a leitura do riquíssimo *Filosofias da Índia* de H. Zimmer, que apesar de nunca ter posto os pés no subcontinente, consolidou-se indubitavelmente como um indologista maior. Na obra indicada, poderão ser encontradas referencias em relação a todas as filosofias acima citadas, assim como as relações que existem entre si.

Contudo, como o trabalho se foca nas práticas dos monges do *Advaita* Vedanta tenho que explicar alguns dos seus princípios básicos.

O Vedanta *Advaita* ou o Monismo Puro defende a idéia central, que se define nesta filosofia como Consciência Pura, como sendo o objetivo final e realidade transcendente, colocando a realidade mundana como relativa e estabelecendo uma realidade não dual na qual essa Consciência Pura pode ser tanto identificada com o Atman (a Alma individual) como com Brahman (Essência de toda vida e realidade Final). O *Advaita*, por sua natureza não

dual, questiona a validade do sistema de castas como legítimo desde a época de Sankaracharya.

A Missão Ramakrishna é tida em toda Índia atualmente como um dos representantes mais legítimos do *Advaita* Vedanta devido suas práticas iniciáticas, publicações e ciclo de estudos dos Upanishads comentados por Sankaracharya, às quais tive a oportunidade de participar nas diversas vezes que estive em seus centros em toda Índia, sobretudo no Centro Ramakrishna Math de Hyderabad por onde participei por mais de uma vez de um mês inteiro de um ciclo de estudos dos Upanishads, assim como continuo meus estudos em *Advaita* Vedanta com o auxílio dos *Swamis* da Missão Ramakrishna no Brasil.

Além de ser autenticamente reconhecida em toda a Índia por sua fidelidade aos preceitos da *Darshana* do Vedanta, dentro do *Advaita*, pelo estudo direto dos textos de seu fundador, a missão Ramakrishna é reconhecida por sua visão progressista e atuante socialmente, o que pode ser exemplificado por Vivekananda que em uma das suas obras sobre Educação, que faz parte da bibliografia deste trabalho, defendia já antes de 1900 a integração das mulheres indianas ao mercado de trabalho e aos ambientes escolares, acadêmicos e à participação política, isso sem falar na sua pioneira, renomada e premiada defesa pela tolerância religiosa, que tem suas raízes na biografia de seu fundador, onde tem seus centros. Algo que me chamou atenção no contexto do dialogo intercultural a que também me propunha neste trabalho é que a Instituição Ramakrishna ao mesmo tempo em que é legitimamente indiana desde sua fundação e que ao mesmo tempo em que pode ser classificada como tradicional e fiel a uma escola filosófica tradicional legitimamente hindu, por se guiar fundamentalmente pelo pensamento de Sankaracharya, sua fundação teve um papel central dentro da Historia contemporânea da Índia do que se chamou o Renascimento Hindu do século XIX e mesmo sendo tradicionalmente hinduísta, foi pioneira e se mantém aberta ao dialogo intercultural e inter-religioso e à tolerância às mais diversas correntes filosóficas, religiosas e Científicas do Ocidente e Oriente o que legitima o reconhecimento de seu trabalho missionário e educacional como promotor não somente da tolerância como também da interculturalidade por organizações de renome internacional como a UNESCO. A sua origem

legitimamente indiana, solidez, autenticidade renome e reputação institucional assim como de seu trabalho missionário e educacional pois suas sete universidades estão entre as dez melhores da Índia, assim como seu referencial filosófico (presente desde o significado de seu símbolo) defende o equilíbrio de conceitos ou relações disciplinares (dentro do trabalho educativo) ou devocionais (dentro do trabalho missionário), com racionais e éticos (em ambos os âmbitos de trabalho) o que a tornam fortemente aberta ao diálogo com o mundo acadêmico e científico e que possibilita que suas instituições sejam referência em toda Índia neste sentido. Portanto foram estes os fatores que nos fizeram escolhe-la como objeto de nossa pesquisa de campo. Creio que é importante este aviso para situar ao leitor quanto ao referencial filosófico e institucional escolhido (fiel ao *Advaita* Vedanta e com sede na Índia) e outros movimentos, sem querer desmerecer seus propósitos, mas que conhecemos como legítimos representantes do pensamento hindu e que por mais tradicionalistas que sejam não deixam de ser baseados no Ocidente. Contudo não quero dizer que a Missão Ramakrishna foi a única instituição que preencheu os requisitos dos critérios de escolha que expusemos acima, pois existem várias outras instituições com sede na Índia, com maior ou menor grau de projeção no exterior, reputação institucional, renome internacional ou reconhecimento de seus trabalhos por organismos internacionais, e até mesmo que são recentes em relação à Missão Ramakrishna, a qual teve um papel central no processo histórico da Índia Moderna no que foi chamado o Renascimento Hindu do final do século XIX, que nem por isso deixam de ser igualmente claramente fiéis a uma das *Darshanas*, sobretudo ao Vedanta (Seja ele o Puro Vedanta *Advaita* de Sankaracharya, o Monismo Qualificado de Ramanuja ou o Dualismo de Madhava), e que podem dizer que abrigam o diálogo entre o iniciático e o escolar em suas instituições educacionais ou trabalhos sociais, dentro do contexto de autonomia pedagógica, que passamos a defender a partir da observação das práticas iniciáticas e educacionais da missão Ramakrishna na Índia. A escolha da Missão Ramakrishna se dá, além destes critérios objetivos, por uma questão de afinidade pessoal com a defesa deste principio de autonomia pedagógica na educação, segundo os preceitos do *Advaita* Vedanta, por parte de um de seus principais expoentes, que é Swami Vivekananda (conhecido, até os dias atuais, por todos os hindus,

Vedantinos ou não, como *Swamiji* ou o *grande Swami*, desde que representou a Índia e conseqüentemente o Hinduísmo em um dos primeiros encontros inter-religiosos mundiais que se realizou em Chicago no final do século XIX, no qual as então grandes autoridades religiosas do Mundo se encontraram para discutir suas relações) que me fora introduzido por uma indiana de Hyderabad (com quem quase cheguei a me casar) e que foi responsável por meu envolvimento com o *Advaita* Vedanta e início de minha pesquisa, ao me introduzir a leitura das visões progressistas de Vivekananda e ao me levar ao Centro Ramakrishna Math em Hyderabad, onde entrei em contato tanto com o trabalho monástico quanto educacional e social da ordem indiana, que por sua vez me inspiraram a escolher a Pedagogia como carreira acadêmica, justamente por poder testemunhar, tanto pelas práticas pedagógicas dos *Swamis* da Ordem quanto dos professores de uma das mais centenas de escolas da Missão Ramakrishna que o diálogo entre o iniciático e o escolar era um diálogo possível dentro do contexto da autonomia pedagógica. O que dissipou a visão preconceituosa e arrogante de ocidental, que não podia conceber tal diálogo a partir apenas das referências que achava ser o pensamento hindu vista através de visões que temos no ocidente a partir da idéia que temos por algumas instituições, na realidade ocidentais, onde o diálogo intercultural ou inter-religioso são inexistentes. Considerava, como muitos, esta visão, que na verdade constatei que na Índia atual é pouco relevante no cotidiano dos hindus, como representante legítimo e único do pensamento filosófico de toda Índia. Isso antes de ir pra Índia e conhecer in loco o ambiente criado pela real diversidade e riqueza de suas correntes filosóficas que são objeto da obra de H. Zimmer quando escreveu, dentre outras obras, o maravilhoso *Filosofias da Índia*. A quem particularmente admiro o por seu pioneiro e livre uso dos textos sagrados, sobretudo os Upanishads e outros textos de *Shruti* para expor suas visões sobre as Filosofias da Índia e obras de outros autores ocidentais como Schopenhauer. Autor, que como tantos outros ocidentais, tiveram obras inspiradas em textos vedantinos como nos narra exhaustivamente Swami Tathagatananda (2004) da ordem Ramakrishna na sua obra *‘The Journey of the Upanishads to the West’* e que certamente as visões intolerantes (normalmente exóticas para a maioria dos hindus, pois os mesmos costumam se orgulhar de que sua religião, em linhas gerais, é um exemplo de convivência

de diversas visões, como temos exemplos nas próprias *darshanas* que se relacionam e complementam entre si) que não podem conceber nenhuma outra interpretação ou leitura destes textos e nem podem enxergá-los sendo usados em outro contexto autenticamente veriam como válida, apropriada ou oportuna, uma aproximação entre o que mesmo Schopenhauer fez com a obra de Kant e os Upanishads ou como fez ou faria qualquer outro autor ocidental desde a antiguidade clássica até os dias atuais, conforme nos expõe Swami Tathagatananda (2004) ,em seu trabalho memorável, através dos diversos exemplos de aproximação dos Upanishads e outras correntes filosóficas e literaturas Sagradas da Índia (Vedantinas ou não) e autores Ocidentais, que por pertencer a uma instituição que se orgulha de ter tido um papel central no contexto histórico da Índia dentro do Renascimento Hindu e portanto no diálogo inter cultural e inter religioso que seu fundador, pode conduzir devido sua defesa pioneira pela tolerância religiosa, a partir de seu contato direto com as mais diversas correntes tanto filosóficas quanto religiosas, não classifica nenhuma aproximação do Ocidente aos textos Vedantinos (desde Platão aos movimentos mais recentes de filosofias, psicologia ou literaturas ocidentais) como desrespeitosa, inoportuna ou inválidas ao diálogo intercultural, apesar de por sua autoridade de Swami de uma Ordem monástica renomada e legitimamente hindu e indiana, também considerar todos os textos da literatura revelada (*Shruti*) como sendo sagrados e inclusive no papel de autoridade responsável por processos iniciáticos dentro da linha do *Advaita* Vedanta, em uma instituição na qual há um diálogo claro entre estes processos e o educacional, há mais de um século, inserida no contexto da autonomia pedagógica, motivo pelo qual é uma das bibliografias centrais de referencia deste trabalho.

## **7. Metodologia de Pesquisa e Fontes**

Há doze anos, desde a primeira vez que estive na Índia, e mesmo antes de ingressar na Universidade de São Paulo, venho acumulando material para esta pesquisa.

Desde o início deste processo tive grande preocupação quanto à credibilidade e à reputação das instituições que me forneceriam material para

este trabalho e onde desenvolveria a pesquisa de campo. Devido a isso escolhi como instituição a ser pesquisada a Missão Ramakrishna por se tratar de uma instituição com sede na Índia (Belur Math, a beira do Ganges) desde sua fundação no final do século XIX e que além de seu trabalho missionário e religioso reconhecido na Índia e em todo o Mundo, onde tem centros espalhados pelos cinco continentes, também tem um trabalho social e educacional sólido (em seus centenas de centros educacionais e sete universidades que estão entre as 10 melhores da Índia e tidos como exemplo de excelência em todo subcontinente, além dos seus trabalhos sociais e educacionais desenvolvidos em todos os países do mundo no qual está presente).

A metodologia de pesquisa para tal projeto se deteve, em um primeiro momento, na leitura e identificação das práticas metodológicas de superação do mestre, e em entrevistas com monges da ordem vedantina do Brasil e da Índia, sobre a transmissão de conhecimento no Vedanta. Assim como na análise de documentos como os Upanishads e a leitura e análise de livros, sites e periódicos que tratam do assunto através de diversos enfoques e fontes bibliográficas de diversos países do Oriente e Ocidente. Como referências Orientais foram utilizadas sobretudo as obras de monges da Missão Ramakrishna da Índia, principalmente Swami Vivekananda que é um dos seus principais autores. Já como referências ocidentais utilizei obras de alguns indologistas que são recomendados em livros de missionários da missão Ramakrishna no que tange à análise de determinados pontos de vista Vedantinos.

Inspirado nas aproximações entre o pensamento filosófico do mundo clássico e o Vedanta, analisados nas obras dos mais diversos estudiosos, por Swami Tathagatananda em seu `Journey of the Upanishads to the West` (2004) também utilizei Platão e sua teoria da Reminiscência assim como a transmissão do conhecimento pela maiêutica em diálogos aporéticos de seu Sócrates, tal qual o Menon, para fazer um paralelo com teorias vedantinas que vêm de encontro com sua dinâmica de pensamento. Da mesma forma tentamos fazer um paralelo entre os objetos transicionais da teoria psicanalítica de Winnicott com o papel dos Mestres do Vedanta, assim como seu objeto de estudo, para desta forma fundamentar a defesa do conceito de autonomia

pedagógica que é um elemento central neste trabalho assim como nas relações mestre discípulo segundo o Vedanta, por meio da qual propusemos o resgate nos dias atuais, através desta pesquisa.

Na segunda fase do projeto foi ministrado um curso na UMAPAZ- Universidade Livre do Meio Ambiente e Cultura da Paz que se voltou para educadores da rede pública e universitários das áreas de humanas no qual, além da aplicação da metodologia de transmissão do conhecimento dos monges da Escola do Vedanta aplicada a partir textos vedantinos e da discussão permanente dos papéis do mestre e do discípulo, foram realizadas oficinas, no formato de espaços de criação fazendo se um paralelo entre o conteúdo do curso e o papel dos mestres no Vedanta e nos Vedas (Mãe, Professor, Guru, Mente) e os objetos transicionais da teoria de Winnicott com foco na experimentação da aplicação direta ou indireta dos textos vedantinos na Educação nos dias atuais, sobretudo na formação de professores.

Segundo a tradição vedantina, cada um dos seus textos (que foram trabalhados no curso da Prefeitura) tem uma proposta pedagógica e dinâmica de transmissão, que por sua vez foram objetos de observação durante o projeto de extensão para fundamentação da pesquisa presente.

A cada texto exposto foram analisados seus métodos de transmissão, para que a partir dos mesmos, os alunos pudessem inspirar-se na criação de suas próprias metodologias de ensino ou estudo a partir da proposta presente em cada texto vedantino.

Para entender melhor a proposta é necessário citar que, segundo a teoria dos objetos transicionais de Winnicott, na infância substituímos nossa mãe por objetos que substituam seu papel, e segundo a mesma teoria temos a tendência de continuar substituindo o mesmo, inclusive durante nossa vida adulta por elementos, presenças ou objetos com os quais desenvolvemos alguma afinidade, que se transformam em objetos transicionais.

Um dos objetivos do educador que leva em conta este conceito, na construção de seus Espaços de Criação ou metodologias, é estar sensível às reações de seus alunos quanto à afinidade que desenvolvem quanto a metodologia ou objeto de estudo em questão.

Uma vez estabelecida esta afinidade, seja com a metodologia, com o mestre ou, sobretudo com o objeto de estudo, estabeleceu-se aí o objeto transacional.

Citando se os Vedas temos, segundo eles que temos na vida quatro mestres que são: a mãe, o professor, o guru e a própria mente individual que está inserida em um contexto coletivo e fazendo se um paralelo entre a Teoria de Winnicott e os Vedas podemos propor que estes mestres dos Vedas podem servir como objetos transicionais em si mesmos, pois segundo esta tradição a sua alternância é natural.

Segundo esta proposta, quando estabelecemos um paralelo entre Winnicott e os Vedas temos como proposta central, nesta perspectiva híbrida, que os objetos transicionais que se alternam como nossos mestres nos devem conduzir à autonomia pedagógica uma vez que nosso mestre último é nossa própria mente e a função dos objetos transicionais tem em si uma função igualmente transitória e não permanente.

De acordo com a mesma perspectiva e proposta, a alternância natural destes objetos transicionais, segundo a visão dos Vedas, por conduzir à autonomia pedagógica tem como resultado final evitar que o aluno se torne um reproduzidor do conhecimento pré-estabelecido, uma vez que, nesta proposta, a alternância entre os objetos transicionais no papel dos mestres (mãe, professor, guru) conduz até a própria mente que se consolida com auxílio de referências (que são em parte adquiridas dos objetos transacionais anteriores e são os três primeiros mestres) mas torna se apto a reconstruir o conhecimento a partir de elementos da própria experiência desenvolvida por esta mente autônoma.

A experimentação destas teorias com elementos híbridos, assim como, a observação do estabelecimento de afinidades entre os alunos e os objetos de estudo e metodologias na criação de objetos transicionais para respectiva criação de metodologias próprias de ensino ou estudo, por parte dos alunos, durante desenvolvimento das exposições e espaços de criação, a partir dos textos vedantinos, foram os elementos centrais que guiaram a metodologia de Pesquisa deste trabalho durante o Curso de extensão na Prefeitura com educadores, universitários e interessados em geral.

A metodologia de pesquisa se deteve, a partir da observação de como os alunos lidavam com o objeto de estudo do curso assim como sua relação com seus mestres enquanto objeto transicional no auxílio para a construção de suas metodologias de ensino e estudo e como isto se relacionava com seu conhecimento prévio nesta dinâmica.

Segundo a dinâmica de sucessão dos mestres segundo o Vedanta, relacionados com objetos transicionais, o educacional é anterior e preparatório ao iniciático (pois o professor é um mestre anterior ao guru) e podem perfeitamente estabelecer relações entre si, como pude observar na missão Ramakrishna quando conceitos básicos dos professores da instituição educacional se inspiram nos mesmos princípios fundadores da iniciação monástica na instituição religiosa.

Para exemplificar melhor como se dá este diálogo, é necessário que nos atenhamos ao que Swami Vivekananda define no próprio símbolo da Ordem que equilibra os princípios do Karma Yoga (Yoga da Ação), Bhakti Yoga (Yoga da Devoção) e Jnana Yoga (Yoga do conhecimento).

Dentro das práticas iniciáticas, para a prática do Karma Yoga são centrais os princípios éticos, para o Bhakti Yoga os princípios (auto) disciplinares e para o Jnana Yoga os do discernimento racional necessários para o estudo, que são transpostas como premissas básicas das práticas pedagógicas dos professores da Ordem quando se refletem na sua incitação aos seus alunos à autodisciplina, ao desenvolvimento de conceitos éticos e ao espírito crítico. Fatores que aproximam as metodologias utilizadas nos dois universos dentro da Missão e da Ordem como pude observar.

Na metodologia, dentro da observação, no curso na Prefeitura, de como os alunos se apropriavam dos conhecimentos, dentro dos espaços de criação, que eram objeto de estudo, também se observou em cada caso específico, de acordo com o conhecimento prévio de cada um dos alunos, com quais destes três fatores (auto-disciplinares, éticos ou racionais) havia mais afinidade para que o objeto de estudo fosse consolidado como sendo um objeto transicional assim como que a relação com o professor também se consolidasse da mesma forma para que servisse como ponte para, segundo o que diz a tradição vedantina, pudesse se reproduzir o exercício do desenvolvimento à mente autônoma.

Portanto, nesta transposição de conceitos do iniciático ao educacional durante o curso na Prefeitura, a partir das instruções de sua orientadora, foi necessária ao autor, nesse processo da extensão de seu projeto de pesquisa, a sensibilização, segundo o conhecimento prévio, capital cultural e formação sócio e micro genética de seus alunos, a quais inclinações particulares às três formas de diálogo transposto do iniciático ao educacional (auto-disciplinar, ético ou crítico) que cada um de seus alunos estabelecia preferencialmente, para que pudesse auxiliá-los afim de que tentassem buscar um equilíbrio entre as três formas, contudo respeitando estas suas inclinações predominantes, e que a partir delas pudessem consolidar sua relação com os mesmos, assim como ao objeto de estudo como um objeto transicional que os auxiliasse em suas práticas pedagógicas de ensino ou estudo, dentro do que foi visto segundo a prática vedantina que tem na sucessão dos mestres o objetivo de conduzir à mente autônoma (que no contexto iniciático do *Advaita* Vedanta é uma condição prévia para a realização da Consciência Pura e se reflete no contexto educacional na autonomia pedagógica) .

Outro ponto importante a se ressaltar segundo esta visão vedantina dos quatro mestres, é que o autor, durante o curso, no papel de segundo mestre, que é o professor, tentou trazer através do trabalho nos três conceitos básicos, inspirados na transposição do iniciático para o educacional, elementos para que tanto ele quanto o objeto de estudo, depois de consolidados como objetos transacionais, pudessem inspirar os alunos na sua relação com o seu terceiro mestre (que segundo a tradição vedantina seria o guru, mas que na transposição a outras realidades culturais é aquela figura que assume o papel de responsável pela linha filosófica, ideológica ou mesmo religiosa que embasam o pensamento do discípulo) para que pudesse recriar nesta relação um processo que consolide o terceiro mestre igualmente como objeto transicional a partir do desenvolvimento dos três conceitos básicos citados anteriormente, e que inspirada na relação com o segundo mestre não seja ,desta forma, uma simples absorção dogmática de conceitos afim de apenas reproduzi-los o que é contrária ao conceito de autonomia pedagógica produzida pelo equilíbrio entre os três elementos que devem estar presentes no processo iniciático no *Advaita* Vedanta segundo Swami Vivekananda (Karma, Jnana e Bhakti) e que inspiram o processo educacional (ética, discernimento crítico e

auto- disciplina), e que se não evoluírem ou pelo menos se mantiverem do segundo para o terceiro mestre (segundo sua natureza) impediriam a conseqüente formação da mente autônoma que é na realidade, segundo a prática Vedantina, o último mestre.

Para reforçar a colocação acima segundo o conceito do Vedanta e que inspirou este procedimento do autor durante o curso na UMAPAZ, Swami S. em entrevista, quando lhe perguntei sobre o papel dos três mestres no desenvolvimento da mente independente como quarto e último mestre, me afirmou que os três primeiros têm o papel de indicar caminhos e treinar a mente para que ao final, no seu processo sucessório, a mente autônoma se consolide como o último mestre.

Na mesma entrevista, dentro deste processo, perguntei como deveria ser a atitude do mestre em relação ao que é transmitido ao discípulo ao que Swami S. respondeu que o mestre deveria querer sempre que o que ele ensinou cresça no discípulo e até mesmo para este fim incentivá-lo indicando que este pode vir a superá-lo, o que me inspirou igualmente na relação com meus alunos no curso da UMAPAZ assim como na metodologia didática e de pesquisa que relacionou esta posição do mestre e do objeto de estudo como sendo objetos transicionais.

## **8. Principais Resultados.**

Na Primeira fase da pesquisa, nos ativemos às relações entre mestre e discípulo no Vedanta e no Ocidente.

Baseando-se nas leituras de textos e obras indianas e de autores ocidentais e palestras dos *Swamis* sobre Vedanta no Centro Ramakrishna de São Paulo, este ano, assim como no ciclo de palestras sobre Vedanta que tive oportunidade de acompanhar durante um mês inteiro em 1997, no Centro Ramakrishna de Hyderabad, na Índia assim como na segunda fase da pesquisa, (que ocorreu a partir do curso que tive oportunidade de ministrar na Prefeitura) foi possível chegar a determinadas conclusões e resultados.

Alguns resultados e conclusões se dão de forma geral a partir das observações durante o curso como um todo, sobretudo no que diz respeito ao

estabelecimento dos objetos transicionais, a partir da afinidade de alguns alunos com o objeto de estudo.

Já outras conclusões e resultados podem ser observados de acordo com cada um dos textos estudados, e que exemplificarei por um deles.

### **8.1- Observações Gerais**

Segundo o Mundaka Upanishad existe uma diferença entre saber e conhecimento na visão Vedantina. Segundo o Upanishad, saber é ser versado nos quatro Vedas, nas matemáticas, na gramática, etimologia e tudo o que podemos comparar com o que conhecemos no Ocidente como Ciência, já o Conhecimento é fazer a experiência com o Eterno que é o Objetivo Final da Vida segundo a Metafísica Vedantina. Segundo o mesmo Upanishad e segundo as entrevistas com os monges vedantinos da Ordem Ramakrishna no Brasil e Índia assim como as afirmações de Swami Vivekananda em sua obra (Education – 1910) o saber é intrínseco ao conhecimento e dessa forma toda a ciência já existe dentro da Mente humana o que vem de encontro com a teoria platônica da Reminiscência.

Dentro da pesquisa presente, o que estas informações têm de relevante é que esta sociedade leva em conta o conhecimento prévio do aluno na construção do conhecimento como já dissemos anteriormente.

Na observação durante o curso na Prefeitura foi possível comprovar que quando estes conhecimentos prévios são levados em conta os resultados são muito mais enriquecedores do que na simples exposição que impõe uma visão alheia ao conhecimento prévio, capital cultural ou formação sócio genética dos alunos.

Fazemos esta afirmação a partir do resultado observado de que os alunos que tinham já algum contato com os assuntos ligados ao tema do curso puderam estabelecer muito mais afinidade com os objetos de estudo do curso assim como transformá-los em objetos transicionais que tiveram uma aplicação pragmática em suas metodologias de estudo ou ensino.

Além disso, puderam auxiliar os outros alunos que não tinham o mesmo contato prévio com os temas do curso fornecendo elementos para que os mesmos estabelecessem seus próprios objetos transicionais durante as dinâmicas do curso de acordo com o desenvolvimento das afinidades pelas

metodologias e objetos de estudo e assim consolidar sua própria autonomia pedagógica segundo o que é proposto na a proposta deste trabalho.

Levar em conta o conhecimento prévio, formação sócio genética e capital cultural destes alunos foi essencial no enriquecimento do tema assim como na "inclusão" de outros alunos na proposta em questão.

As observações a seguir sobre a metodologia exposta em um dos Upanishads analisados foram possíveis graças à observação da forma à qual os alunos reagiram durante o curso às metodologias propostas pelos textos vedantinos assim como aos resultados das dinâmicas e dos espaços de criação realizados na UMAPAZ durante o curso e que se embasa na bibliografia teórica da pesquisa presente.

#### **8.1.1- A função do verdadeiro mestre é libertadora.**

Para iniciar com um autor ocidental, segundo Gusdorf (1970), o verdadeiro mestre é aquele que liberta os seus alunos de seu jugo ou de quaisquer relações de dependência. Na mesma obra, o encontro do mestre, na verdade, reflete uma auto-descoberta que se dá de acordo com o grau de maturidade do discípulo na busca de uma determinada verdade.

Sendo desta forma conclui se que até mesmo no momento da descoberta de sua vocação, que se dá pelo encontro do mestre, deve estar presente o princípio de autonomia.

Isto pode ser simbolizado dentro do Vedanta pela atitude de Krishna e Arjuna no Bhagavad Gita.

É interessante que citemos a atitude dos protagonistas desta obra milenar para exemplificar este fato. Na obra Arjuna ao ver que terá que enfrentar parentes e conhecidos no campo de batalha, se recusa a lutar, contudo fora Arjuna que propôs a Krishna para que fosse seu guia e companheiro de batalha e conseqüentemente mestre.

Contudo, apesar de ter sido eleito por Arjuna seu mestre, Krishna não rebate os argumentos de iniciais de Arjuna e somente mostra o verdadeiro

caminho para Arjuna quando esse lhe pede. E este caminho é a essência de toda a obra.

Em suma, o primeiro passo no aprendizado e na relação entre mestre e discípulo é do discípulo e se reflete basicamente na vontade deste. Somente dessa forma a função do mestre será libertadora.

O simples encontro com o mestre desperta essa vontade, pois como nos define Gusdorf (1970) encontrar o mestre é encontrar a própria vocação e consagrando se a um novo questionamento da existência. De acordo com o citado teórico, reconhecer um mestre para si é identificar a si mesmo, é aceitar a nova obrigação de procurar a plena realização na perspectiva bruscamente descoberta. Assim sendo, o encontro com o mestre é o desvendamento de uma verdade por interposta pessoa.

Dentro do Vedanta é exatamente essa a proposta e o que se passa no exemplo do Bhagavad Gita na relação entre Krishna e Arjuna quando esse segundo reconhece no primeiro o seu mestre.

No exemplo do Bhagavad Gita, Krishna expõe todos os conceitos que acredita que Libertarão Arjuna da ignorância em que se encontrava, contudo ao final deixa a ele a decisão de seguir ou não o Caminho proposto. Neste fato reside o elemento libertador na conduta do mestre, que é o de jamais oprimir consciências constrangendo as a agir de acordo com o que considera ser a verdade.

## **8.2 Upanishad uma experiência pedagógica.**

A razão pela qual escolhi estes textos Vedantinos a fim de recriá-los em espaços de criação não é devida ao seu conteúdo metafísico (que particularmente tenho grande prazer pessoal em estudar), mas antes de tudo é por representarem e sugerirem em si mesmos experiências pedagógicas alternativas ao que é desenvolvido na educação e inclusive no ambiente acadêmico e de desenvolvimento da pesquisa da atualidade, com objetivo ao menos de sensibilizar os mestres e discípulos atuais para que reflitam sobre suas práticas e métodos de ensino e aprendizado a partir das práticas e metodologias sugeridas por estes textos.

Para entender melhor sua proposta pedagógica devemos nos ater ao significado etimológico de Upanishad em Sânscrito que significa aproximar se

do mestre ou sentar-se ao redor do Mestre, ou ainda como nos define Gilles Farcet (1985) trata-se de uma aproximação de um conhecimento a ser vivenciado, e experimentado mostrando bem claramente seu caráter de experiência pedagógica, e que apesar de serem tratados sobre metafísica sua metodologia pedagógica de transmissão pode ser transposta e utilizada para o aprendizado de outras ciências que não as metafísicas.

Dos mais de 108 Upanishads, foram trabalhados nos espaços de criação do curso da UMAPAZ nove dos 12 principais, e a partir da exposição dos seus conteúdos foram recriadas suas metodologias e conteúdos pedagógicos através de espaços de criação.

Para melhor exemplificar uma destas metodologias discorrerei as propostas pedagógicas de um destes nove Upanishads estudados durante o curso ministrado com extensão ao projeto de pesquisa.

### **8.3 A maiêutica, a teoria da Reminiscência e os Seres como consciência pura no Vedanta. A refutação Socrática e o Neti- Neti Vedantino . A autonomia pedagógica.**

Vemos nos exemplos dos Upanishads, estudados durante o curso na Prefeitura, uma relação entre mestre e discípulo semelhantes à maiêutica socrática se tentarmos aproximar estes exemplos de relação mestre-discípulo do Ocidente.

Este item que complementa o item anterior se reforça quando Gusdorf (1970) afirma que a partir da teoria platônica da reminiscência, mesmo que encontremos o mestre podemos esquecê-lo, pois o mestre é apenas uma causa ocasional na relação com a verdade, o saber e o conhecimento que é o tema fundamental da existência humana. Segundo a Reminiscência<sup>[1]</sup> na visão de Gusdorf (1970) a idéia final em toda pergunta é que o interrogado possui no fundo a verdade e a alcançará por si mesmo e que a informação e o ensino que vem de fora, só podem produzir um efeito graças à presença antecipada, em cada um de nós, de um conhecimento prévio.

Temos exemplo desta teoria da Reminiscência claramente, no papel do escravo no diálogo platônico entre Menon e Sócrates, na visão ocidental e é o que nos mostra exatamente a atitude de Bhringu no Taittiriya Upanishad dentro da proposta do Vedanta.

Vivekananda (1910) em seu discurso sobre filosofia da educação nos expõe claramente esta idéia, dentro da proposta do Vedanta quando diz:

*“Educação é a manifestação da perfeição no homem.*

*O Conhecimento é inerente ao homem, nenhum conhecimento vem do exterior, ele está todo no interior. O que dizemos que um homem sabe, deveria em estrita linguagem psicológica ser o que ele descobre ou desvela. O que um homem aprende é realmente o que ele descobre retirando as coberturas da sua própria alma, que é uma mina de infinito conhecimento. Nós dizemos que Newton descobriu a gravidade. Ela estava situada em algum lugar em uma esquina esperando por ele? Ela estava em sua própria mente. O mundo externo é simplesmente uma sugestão, que leva você a estudar sua própria mente. O cair da maçã deu a sugestão a Newton e ele estudou sua própria mente. Ele reordenou todas as correlações prévias de pensamento em sua mente e descobriu uma nova correlação entre elas, o que nós chamamos de lei da gravidade. Ela não estava na maçã nem em nada no centro da terra.*

*Todo conhecimento, portanto, secular ou espiritual, está na mente humana. Em muitos casos ele não é descoberto e mantém-se coberto e quando a cobertura está sendo lentamente retirada, nós dizemos nós estamos aprendendo e o avanço do conhecimento é feito pelo avanço de seu processo de descobrir – se e desvelar-se. O homem o qual este véu está sendo retirado é o mais sábio homem; o homem no qual este véu não se retira é ignorante; e o homem o qual ele é inteiramente retirado, tudo sabe e é onisciente. Como fogo em um pedaço de pedra, o conhecimento existe na mente; a sugestão é a fricção que o traz para fora. Todo conhecimento e todo poder estão no interior. Todo conhecimento vem da alma humana. O homem manifesta o conhecimento, descobre-o dentro dele mesmo, que é pré-existente, através da eternidade.*

*Ninguém é realmente ensinado por outro. Cada um de nós é que nos ensinamos. Os professores externos oferecem apenas a sugestão que leva o professor interno a trabalhar para entender as coisas. Dessa forma as coisas se tornam mais claras para nós pelo nosso próprio poder de percepção e pensamento, e devemos enxergá-las em nossas próprias almas. O conjunto de uma grande figueira que cobre hectares de solo estava em uma pequena semente que não é talvez maior que um oitavo do tamanho de uma semente*

*de mostarda. Toda esta massa de energia estava ali confinada. O Grande intelecto , nós sabemos , permanece abrigado em uma célula protoplasmática. Isto pode parecer um paradoxo, mas é verdade. Cada um de nós veio de uma célula protoplasmática, e todo o poder que temos estava aí contido. Você não pode dizer que veio do alimento, pois fazem se montanhas de alimento e que poder vem disso?A energia estava aí potencialmente, sem dúvida, mas ainda estava aí. Assim é infinito o poder da alma humana, conheçamos o ou não. Sua manifestação é apenas uma questão de se estar consciente disto.” (p.6-9)*

Podemos notar no discurso acima segundo o que discuti com Swami S. em entrevista, a semelhança entre o conceito platônico da reminiscência e o conceito vedantino da Consciência pura. Como já houvera dito anteriormente, meu objetivo não é discutir ou querer comprovar cientificamente os elementos metafísicos destas teorias, mas sim ressaltar a importância de elementos que são objeto de estudo científico na Educação que são os conhecimentos prévios, o capital cultural e a formação micro genética e sócio-genética dos educandos nos processo de aprendizado sugeridos por estas visões como experiências pedagógicas, e suscitar sua reflexão em confronto com os métodos pedagógicos e relações professor aluno atuais.

O resgate destas visões que sugere um método criativo de construção do conhecimento (ao invés da simples transmissão para reprodução do conhecimento) pode ser extremamente útil para que cada mestre reflita sobre a importância destes fatores (conhecimento prévio, capital cultural e formação micro-genética e sócio-genética) na construção de como deve ser sua relação com seus alunos e discípulos.

Segundo esta visão o mestre deve estar consciente, sobretudo da importância do conhecimento prévio dos seus alunos mesmo quando este conhecimento prévio deva ser desconstruído (no caso de conceitos prévios preconceituosos, sexistas, ou que sejam apologias à violência ou a relações opressivas) para que, a partir da reflexão dos alunos sobre seus conhecimentos prévios, a serem ressaltados ou desconstruídos e confrontados (a partir da reflexão) os alunos possam reconstruir (e não apenas assimilar) o conhecimento que lhes é transmitido pelo mestre, para que possam dessa

maneira se apropriar do mesmo, tal qual ocorre no método pedagógico no qual discípulo vedantino que realiza em si o conhecimento dos Upanishads.

Em entrevista, Swami S., quando questionado sobre qual seria a perfeita relação entre o mestre e o discípulo segundo o Vedanta, respondeu que o professor é apenas um indicador, pois o aluno (segundo esta escola tradicional como também está no texto de Vivekananda) já tem o conhecimento dentro de si (que se aproxima, conforme defendemos, do conceito de Reminiscência Platônica presente, por exemplo, no diálogo Menon). O mestre seria segundo o que nos definiu Swami S., um segundo pai (o que nos aproxima do conceito deste como objeto transicional) e segundo o que ele nos afirma, referindo se a literatura Vedantina: - “Aquele que ensina pra mim somente uma palavra é considerado professor”.

Segundo a mesma linha do Vedanta, temos nos Vedas (1500 AC) que o homem tem na vida quatro mestres: o primeiro é a mãe; o segundo é o professor; o terceiro é o guru; e o quarto e verdadeiro mestre é a própria mente.

Por essa razão, o mestre deve preparar seus discípulos para que o ultrapassem e reconheçam em si o verdadeiro mestre que é a sua própria mente. Dessa forma não é papel do verdadeiro mestre, segundo o Vedanta subjugar os seus discípulos.

Swami S. em entrevista concedida nos reforça esta visão quando perguntado, quando me refiro à obra de Vivekananda, que por sua vez afirma que é essencial que se desenvolva uma relação de autonomia do discípulo em relação ao mestre e que não vemos na educação escolar ou acadêmica ocidental, afirma que mesmo na maioria das escolas e universidades indianas isto também não existe, e se trata de uma idéia básica da linha Vedantina *Advaita* que defende que o guru ou o mestre deve apenas indicar o caminho, pois uma relação de dependência ao mesmo não pode se justificar devido ao conhecimento já ser intrínseco ao discípulo e cabendo ao mestre (tanto professor quanto guru) ajudá-lo a desvelá-lo. Este ponto se reforça quando Swami S. afirma que, segundo o Vedanta *Advaita*, a autoridade do mestre como tal se legitima naturalmente na sua experiência e portanto o aluno ou

discípulo entende (pelo princípio da auto-disciplina) que a autoridade vem naturalmente do conhecimento não havendo assim espaço para relações opressivas entre mestre e discípulo (que cria as condições exatas para o desenvolvimento da autonomia pedagógica).

Voltando ao Ocidente, encontramos em Santo Agostinho, citado por Gusdorf (1970, p. 23), um exemplo interessante dessa autonomia pedagógica que deve ocorrer devido à teoria da reminiscência que o influenciou, quando diz:

“Mas esses homens enganam-se ao chamar mestres àqueles que não o são, porque, na maioria das vezes, entre o instante da palavra e do pensamento não há intervalo algum, pois apenas advertidos pela palavra exterior, imediatamente recebem o ensino interior, e julgam tê-lo recebido daquele que, de fora, os advertia”

A diferença básica entre a reminiscência de Platão e o conceito Vedantino de Consciência Pura que é o Atman, é que no primeiro caso há a possibilidade de ter se adquirido este ensinamento remanescente de uma fonte externa e já no segundo que veio influenciar as palavras de Vivekananda e é o ensinamento Central do Chandogya Upanishad afirma que todo conhecimento é inerente à essência humana.

Contudo, em ambos os casos o papel do mestre vedantino ou socrático é desvelar ao discípulo este conhecimento interior ou remanescente que no nosso caso de pesquisa científica usamos a observação destes elementos nestas civilizações para sugerir que o mestre leve em conta o conhecimento prévio dos seus alunos na assimilação, reconstrução conseqüentemente na apropriação do conhecimento que se deseja transmitir.

Portanto ao observar e adotar esta atitude o mestre deve estar preparado para perder o controle e o domínio do conhecimento ao permitir que o seu discípulo o reconstrua para que desta forma se aproprie dele de acordo com o seu conhecimento prévio, capital cultural e formação micro e sócio-genética o que faz com que a relação entre mestre e discípulo não possa jamais ser opressiva, pois inclusive como temos exemplo no Vedantismo ou em sociedades orientais budistas (tanto no Budismo Hinaiana quanto Mahaiana

que também tem suas origens na Índia) a disciplina que não deixa de se impor surge por necessidade autônoma no exercício de apropriação e reconstrução do conhecimento e muito menos por imposição de um poder heterônomo, aproximando-se assim mais do seu significado etimológico original que faz com que disciplina signifique condição de discípulo. (ao invés de imposição de mestre).

Outro ponto relevante na comparação entre estes textos se dá quando comparamos o Taittiriya Upanishad que utiliza um método de construção de conhecimento parecido com o método socrático de refutação utilizado na maiêutica. No Vedantismo esse método é chamado Neti- Neti que traduzindo-se do Sânscrito quer dizer “Não é isto, Não é isto”. A grande semelhança entre este método e texto Vedantino quando comparado com os diálogos aporéticos do Sócrates de Platão é que eles não definem o objeto em si, mas negam o que não pode ser utilizado na construção do conhecimento ou definição do objeto central (método que pode perfeitamente ser transposto do objeto metafísico para o científico em uma metodologia de pesquisa ou aprendizado).

Ao não definir, mas sim negar o que não pode ser o objeto de aprendizado o mestre deixa para o discípulo a construção da definição (o que muda também a relação de poder do mestre sobre o conhecimento) e assim é o discípulo que reconstrói (ou constrói no caso da pesquisa científica) o conceito a ser estudado.

## **8.6 Isha Upanishad – Concentração, Prática e Espírito Crítico no Aprendizado.**

Vou usar este texto para exemplificar uma das dinâmicas das aulas no curso na Prefeitura.

Como qualquer texto Vedantino o Isha Upanishad trata de assuntos ligados à realização do conhecimento dito Absoluto (Metafísico), contudo o que nos importa aqui como assunto central é a metodologia de realização do conhecimento (aprendizado) sugerida na assimilação e reconstrução do conhecimento neste texto Vedantino.

De qualquer forma, para entender este processo devemos explicar algumas questões ligadas ao texto em si: Isha em Sânscrito quer dizer Cem e

se refere à vida dita centenária e resumidamente trata de questões ligadas ao equilíbrio entre o Absoluto (Metafísica) e o Relativo (cotidiano) que deve se espelhar no equilíbrio existente entre meditação e ação para atingir o objetivo final da vida segundo a filosofia Vedantina. É necessário segundo esta filosofia realizar na vida prática o que se aprende na meditação. Para tanto deve haver dedicação e entrega total tanto do mestre quanto do discípulo neste processo.

Fazendo uma transposição pragmática para a metodologia de aprendizado contida na transmissão do conteúdo deste texto me ative no espaço de criação do curso ministrado na Prefeitura de São Paulo sobre esse assunto em reproduzir como se dá este processo de realização prática do conhecimento teórico que é o que nos interessa em termos de relação mestre discípulo.

Ao Estudar este Upanishad e realizar o que ele fala no caminho da iluminação que é o objetivo do Vedanta utilizamos princípios ativos de três Yogas, o da Meditação, o da ação e o do conhecimento. ( Raja, Karma e Jnana) e podemos transpor essa metodologia a outros objetivos, já que o objetivo do curso não era conduzir ao samadhi e nem em primeira instância a iluminação segundo o Vedanta.

Para transpor ao conhecimento formal estes conceitos pedagógicos, segundo a metodologia sugerida pelo Upanishad o mestre deve em primeiro lugar, como faz o exercício deste texto, incitar os discípulos à concentração (princípio ativo do Yoga da Meditação- Raja) fazendo o focar em objetivos precisos de onde deseja chegar.

O segundo passo é que eles realizem no dia a dia e vejam a utilidade do conhecimento para que esta realização do conhecimento seja mais facilmente operada (utilizando o princípio ativo do Yoga da ação – Karma).

No lugar do Yoga do conhecimento deve se incentivar seu princípio ativo que é o espírito crítico e de investigação para que o discípulo possa construir por si mesmo o conhecimento de forma autônoma. (Conhecimento- Jnana)

Dessa forma a construção e consolidação do conhecimento se dá por três vias.

- A Concentração (inspirada no princípio ativo das práticas do yoga da meditação)
- A ação (inspirada no princípio ativo das práticas do Yoga da ação)

□O questionamento (inspirada no princípio ativo das práticas do Yoga do Conhecimento)

È importante ressaltar que, segundo esta metodologia, antes do questionamento cabe ao mestre instruir o discípulo para que tenha contato com a prática ou ação, para que haja a interiorização necessária do assunto em questão afim de que se desenvolva o pensamento autônomo. Desenvolvendo o questionamento necessário e autônomo sobre o assunto em questão diversificam se e enriquecem se as visões sobre o mesmo assunto, pois assim trazemos o conhecimento para o mundo subjetivo do discípulo e o fazemos saborear e vivenciar o fato para que possa criar novos elementos em cima daquele conhecimento e evitando assim que a educação forme meros reprodutores do mesmo conhecimento.

De qualquer forma, apesar da contribuição que o mestre pode dar a partir do relato de sua experiência pragmática no seu processo de apropriação do conhecimento em questão o modelo utilizado pelo discípulo para reconstruir e apropriar se do mesmo conhecimento vai ser muito subjetivo e enriquecerá também ao mestre no processo de observação (que nesta visão é contínuo).

Em resumo, segundo a observação da relação mestre discípulo no Vedanta na apropriação do conhecimento através da metodologia sugerida por este Upanishad leva em conta princípios ativos de elementos que a Civilização Indiana chama de os quatro Yogas que são Bhakti (a devoção, que inspira a dedicação tanto do mestre quanto na autodisciplina do discípulo que é condição prévia para assimilação do conteúdo), Raja (Meditação-Concentração- que inspira a busca de foco central na transmissão por parte do mestre e concentração por parte do discípulo), Karma (Ação – que inspira a demonstração prática ou pragmática para melhor transmissão do conteúdo por parte do mestre assim como a aplicação e realização prática do discípulo no processo de reconstrução do conhecimento em questão) e Jnana (Conhecimento – Visão Crítica e discernimento que inspiram o mestre no questionamento da permanência da teoria descoberta pelo discípulo e no espírito crítico necessário ao discípulo no processo de reconstrução constante do conhecimento) que seguem esta seqüência na assimilação do conteúdo metafísico do Isha Upanishad e podem ser aplicadas a qualquer processo de

aprendizado na educação formal segundo exercitamos em espaço de criação no curso da UMAPAZ com os alunos.

## **9. Considerações Finais**

Baseando se novamente em um autor ocidental, segundo Gusdorf (1970), o verdadeiro mestre é aquele que liberta os seus alunos de seu jugo ou de quaisquer relações de dependência. Na mesma obra, o encontro do mestre, na verdade, reflete uma auto-descoberta que se dá de acordo com o grau de maturidade do discípulo na busca de uma determinada verdade.

A partir destas leituras de base, entrevistas com os monges vedantinos assim como do curso ministrado na Prefeitura no qual foram realizados os espaços de Criação, a partir dos trabalhos realizados pelos alunos nos mesmos tivemos como resultado na perspectiva da Psicanálise de Winnicott que trata dos objetos transacionais, que aqueles alunos que se identificaram com o tema proposto o transformaram em um objeto transacional e conseguiram aplicar em suas dinâmicas de ensino ou estudo o que é proposto segundo a Escola Vedantina Indiana no que diz respeito dentro da relação mestre discípulo o conceito de autonomia pedagógica assim como a importância do conhecimento prévio, capital cultural e formação sócio e micro genética do aluno para o desenvolvimento de novos aprendizados, o que se baseia no Vedanta na teoria do Atman ou Consciência Pura o que encontra um correspondente próximo no Ocidente na Teoria platônica da Reminiscência que também fora tratado durante o curso de extensão.

A partir destas experiências conclui se como trata Gusdorf (1970) em sua obra que até mesmo no momento da descoberta de sua vocação, que se dá pelo encontro do mestre, deve estar presente o princípio de autonomia.

Ainda citando a experiência das Oficinas conclui se que os alunos que se identificaram com a proposta educativa dos textos da Escola Vedantina e os transformaram em objetos transacionais conseguem desenvolver e compreender melhor este conceito de autonomia pedagógica proposto por esta pesquisa e estão aptos a sensibilizar seus alunos a desenvolver a partir do conceito dos objetos transacionais (que segundo Winnicott substituem o papel da mãe que em contraposição com a visão dos Vedas é o primeiro mestre)

com objetos de estudo que lhes sejam afins e da evolução do mestre do Vedanta (mãe, professor, guru, mente) atividades que os possibilitem a desenvolver o conceito de mente autônoma para que não sejam meros reprodutores de conhecimento transmitido em uma relação de mestre discípulo opressiva criando assim lugar para a superação dos mestres e criação de novos mestres. Um dos principais resultados deste trabalho é que alguns alunos a partir de sua identificação com o tema como objeto transacional hoje (seis meses após o curso na prefeitura) dão palestras realizam estudos autônomos e espaços de criação sobre o tema recriando o mesmo a partir de sua própria experiência e superando assim o seu mestre e atingindo, dessa forma, o objetivo deste mestre e de todos os que o orientaram neste trabalho.

Cabe dizer que segundo o Advaita Vedanta , a superação do Mestre não implica em uma disputa de conhecimentos que alimentem egos ou vaidades pessoais, e é um dos objetivos do Mestre que seus discípulos, a partir do que por ele fora passado , realizem algo por si próprios da mesma maneira que a subjetiva realização do Ser Supremo por seus discípulos é um objetivo do mestre Vedantino , não sendo esta uma disputa, mas sim um dever deste Mestre concorrer para que esta superação ocorra. Para que seus discípulos possam caminhar por próprios passos realizando seus próprios ideais com a partir do que fora transmitido por este mestre, a partir do conceito de autonomia (pedagógica no caso do professor) não sejam meros reprodutores de conhecimento. A auto realização de seus discípulos é uma das funções dos mestres que se inspiram no Vedanta.

Transcrevo abaixo um trecho do Chandogya Upanishad onde poderemos analisar melhor isto.

#### *Trechos extraídos do Chadogya Upanishad*

*Na Índia antiga a vida era dividida em quatro etapas , a do brahmacharin , o estudante dos Vedas: a do grihastha , o chefe de família que vive neste mundo; a do vanaprastha , o eremita retirado na calma da floresta e a do sannyasin , o sábio vagabundo que ensina através do país . Segundo a tradição , o homem que cumpriu plenamente com as exigências próprias a cada uma das etapas atinge a libertação no fim de sua existência .*

*“ Era uma vez um rapaz chamado Svetaketu , filho de Uddalaka Aruna . Seu pai lhe disse um dia : “ Meu filho , tu tens hoje doze anos é tempo que partas para estudar os ensinamentos sagrados como exige nossa tradição familiar , que requer que todos entre nós entreguem se ao estudo dos Vedas afim de tornar se um autêntico Brahmane “*

*Quando completou vinte anos Svetaketu retorna para sua casa após ter estudado o conjunto de todos os Vedas > vaidoso e cheio de arrogância , ele imaginava tudo saber*

*“ Svetaketu” , lhe diz seu pai , “ você é vaidoso e arrogante ; você se acha muito sábio mas você já pediu para receber o conhecimento supremo, aquele que permite ver o invisível , escutar o inaudível , conhecer o impossível de se conhecer ? “*

*“- Qual é esse conhecimento meu pai ??? “ pergunta o filho*

*“Veja meu filho , se você conhece a substancia de um único punhado de terra conhece a essência de tudo o que é terra , pois somente no plano do nome e da forma que estes objetos diferem . Se você conhece a substância de uma única pepita de ouro , conhece a essência de tudo o que é ouro , pois somente no plano do nome e da forma que eles se diferem . Se conhecer a substância de um único pedaço de ferra , conhece a essência de tudo o que é ferro , pois somente no plano do nome e da forma que estes objetos se diferem . Assim meu filho , quando alcançar este conhecimento , receberás a essência de todo o saber . “*

*“- Meus veneráveis mestres nada sabiam disto , senão não deixariam de me ensinar . Mas você , meu pai querido , pode me explicar ?” pede Svetaketu .*

*“ Claro , meu filho .No início era o Ser puro , sem um igual . Alguns porem , crêem que somente existia o não-Ser, sem um igual e que o não-Ser ocasiona o nascimento do Ser . Mas como poderia ser dessa forma ? Como o Ser poderia ter nascido do não – Ser? Não , meu filho . Primeiro era o Ser puro , sem um igual que existia no início . O Ser puro se diz : “ Que eu possa me multiplicar , tomar forma, e cria a sua luz . A luz diz a si mesma : que eu me multiplique , que eu tome forma , e ela cria as águas, que dizem a si mesmas*

: “ que possamos nos multiplicar e tomar forma e assim criam a terra .É assim que todo o Universo nasce do Ser puro . Este Ser que é a essência da mais sutil de toda a criação , a realidade suprema , o Ser de tudo o que existe , VOCÊ É ISTO , Svetaketu .

- Meu pai , eu vos peço , que me diga mais sobre este ensinamento “  
Pede Svetaketu

“ – Claro meu filho . Quando as abelhas misturam néctar de várias flores para fazer um único mel, nenhum destes néctares tem consciência ainda de provir de tal ou tal flor . Da mesma forma , meu filho , todas as criaturas perdem totalmente a consciência de seu eu quando elas emergem do Ser criando assim uma nova consciência de individualidade . o tigre , o leão , o lobo , o javalis , o verme , a mosca , a pulga , ou até mesmo o mosquito , todos tornam se eles mesmos ( encontram se em uma única individualidade ) . Este Ser que é a essência mais sutil de toda criação , a Realidade Suprema , o Ser de tudo o que existe , TU ÉS ISTO Svetaketu .

- Meu pai , eu te peço que me fale mais sobre este ensinamento” ,  
pede o rapaz.

“ – Claro , meu filho . Se você ferisse , com seu machado , a raiz desta grande árvore, ela perderia um pouco de sua seiva , mas não morreria. Se ferisse os galhos , perderia um pouco de sua seiva , mas não morreria. A seiva é a energia vital da árvore , seu alimento . Enquanto ela estiver impregnada em suas partes , ela se sustenta : irriga se com a seiva para manter – se . Mas se a seiva se retira de um galho , este galho apodrece. Se ela se retirar de uma segunda parte , esta apodrece . Se retira-se de uma terceira parte , esta apodrece . E quando se retira de tudo , ela apodrece e morre inteiramente . Da mesma forma , meu filho , quando o Ser se retira do corpo , o corpo morre, mas o Ser continua a viver . Este Ser , que é a essência mais sutil de toda a criação , a Realidade Suprema , o Ser de tudo o que existe , VOCÊ É ISTO , Svetaketu .

- Meu pai , eu lhe peço para que me diga mais sobre este ensinamento  
“ pede o rapaz

“– Claro meu filho. Vá colher figo em uma figueira ,

- *Aqui está , meu pai .*
- *Abra e me diga o que há dentro .*
- *Muitos grãos pequenos , meu pai*
- *Pegue um desses grãos , abra o e diga me o que vês dentro .*
- *Nada , meu pai “*

*O pai então lhe diz :*

*“- A essência mais sutil do figo lhe aparece como um vazio , mas creia em mim , meu filho , é deste vazio que brotou esta imponente figueira . Este Ser que é a essência mais sutil de toda criação , a realidade suprema , o Ser de tudo o que existe , VOCÊ É ISTO , Svetaketu .*

*- Meu pai, eu lhe peço que me diga mais sobre este ensinamento “ pede o rapaz*

*“-Claro , meu filho . Pegue este sal , coloque o em um copo d’água e venha me rever amanhã de manhã”.*

*Svetaketu obedeceu e na manhã do dia seguinte , seu pai lhe diz : “- Me traga o sal que misturou à água ontem à noite . “*

*O rapaz procurou o sal e sem conseguir vê-lo , pois estava dissolvido . O pai lhe disse então:*

*”-O copo está cheio . Beba um gole e diga me que gosto tem esta água.*

*- Ela está salgada , meu pai .*

*- Jogue um pouco fora até que esteja pela metade , beba um gola e me diga se esta água tem o mesmo gosto .*

*- Ela continua salgada , meu pai .*

*- Jogue mais um pouco até que fique somente um pouco no fundo do copo , beba um gole e me diga se tem o mesmo gosto .*

*- Ela continua salgada , meu pai*

*- Agora jogue o resto e venha aqui “*

*O rapaz obedeceu dizendo :“- A última gota ainda é salgada - Da mesma forma , meu filho , o Ser puro impregna a tudo , perceba- o ou não . Este Ser que é a essência da mais sutil de toda a criação , a realidade suprema , o Ser de tudo o que existe , VOCÊ É ISTO , Svetaketu . - Meu pai , eu lhe peço que me diga mais sobre este ensinamento “ suplica o rapaz“- Lógico , meu filho . Imagine um homem com os olhos vendados e levado para longe de seu lugar e finalmente abandonado na floresta . Ele errará daqui para lá sem esperança gritando : - “ me vendaram os olhos e me abandonaram aqui “ . Mas se alguém lhe retirar a venda dos olhos e lhe indicar a direção de sua casa , ele chegaria lá utilizando-se de sua inteligência e perguntando o caminho de vila em vila . Da mesma forma , aquele que achou um mestre capaz de lhe mostrar o caminho da liberação , este sabe que está em um bom caminho e que acabará atingindo a iluminação . Pois este Ser puro que é a essência mais sutil da criação , a Realidade Suprema, o Ser de tudo o que existe , VOCE É ISTO , Svetaketu .*

Na beleza do poema do Chandogya Upanishad, sem querer analisar a questão metafísica do TAT TVAM ASI ( Você é aquilo ) e suas implicações espirituais , me ateno ao método e à postura do Mestre. Não há nenhuma concorrência ou disputa nesta relação. Pela refutação de posições lógicas , tal qual na maiêutica socrática , se constrói o conceito e se chega no objeto e objetivo do ensinamento. Não há portanto nenhuma relação de opressão por parte do mestre que ao conduzi-lo à auto-realização deixa que o discípulo realize por si mesmo o conhecimento , desta forma superando este Mestre que com isso atinge seu objetivo.

#### IV- A EXPERIÊNCIA RAMAKRISHNA

Conforme vimos no trabalho de pesquisa acima, uma das minhas principais experiências quanto a formação dos indivíduos, reside no fato da conciliação entre os Yogas e as inclinações dos indivíduos no processo de aprendizado:

Karma Yoga – inclinações éticas

Jnana Yoga – inclinações ao espírito crítico

Bhakti Yoga – inclinações a auto-disciplina.

Contudo , além destas inclinações a serem trabalhadas pelo Mestre em seu conjunto de discípulos, falamos:

- da questão do conhecimento prévio dos alunos na construção do conhecimento.

- da autonomia pedagógica, -

- Assim como no trabalho das relações entre Mestre e Discípulo inspiradas pelas dinâmicas destas relações dentro do Vedanta .

Podemos nos ater a estas questões como centrais nesta pesquisa proposta acima. Contudo, além destes pontos gerais na educação Vedantina, há um outro ponto central específico da minha experiência de observação das instituições educacionais da Fundação Ramakrishna que se faz também objeto de estudo não somente dos que se interessam por assuntos que relacionem a educação e instituições religiosas ou filosofias específicas e que é atualmente objeto de minha pesquisa na pós graduação na USP.

Nesta observação, sobretudo na escola de idiomas da Fundação Ramakrishna de Hyderabad, houve algo que me chamou a atenção sobremaneira e que diz respeito não somente a instituições educacionais religiosas, mas que se faz como sendo um diferencial importantíssimo no questionamento e construção de alternativas ao determinismo sociológico de alguns autores centrais no mundo acadêmico da pedagogia que nos influencia no Brasil ( e no mundo ).

Em suma, observei elementos importantes referentes à afirmação cultural e identitária no processo de apropriação da linguagem como geradora de alternativas a determinação do espaço escolar como reprodutor das desigualdades sociais.

A minha inquietação com este tema da afirmação identitária e cultural no processo de apropriação da linguagem começou na primeira viagem que fiz à Índia em 1997. Visitei, na ocasião, instituições educacionais da Fundação Ramakrishna em Hyderabad

(tema de minha pesquisa acima) e entre estas havia um centro de ensino de línguas estrangeiras com uma metodologia que valorizava a cultura e identidade indianas no processo de aprendizado de línguas estrangeiras.

Isto me chamou muito a atenção e passei a aplicar seus conceitos no meu próprio processo de aprendizado de novas línguas estrangeiras, com êxito, sobretudo no tempo em que vivi na Europa, assim posso dizer.

Ao ingressar na graduação da Universidade de São Paulo, foi inevitável o confronto desta experiência com as teorias sociológicas de Althusser(1992) e

Bourdieu(1998) Obras como Sobre a Reprodução(1992), Os Aparelhos Ideológicos do Estado(2000) de Althusser e A Reprodução: elementos para uma teoria de ensino(2010), O poder simbólico(2000), Economia das trocas simbólicas(2005), Economia das trocas lingüísticas(2010) de Bourdieu, todas com seu cunho sociológico determinista confrontavam diretamente com minha experiência observada na Índia e alguns dos outros 22 países nos quais visitei instituições Educacionais. Estas obras determinam o ambiente escolar como reprodutor das desigualdades sociais, no qual o método e as condições para apropriação da linguagem são fatores centrais nesse processo de reprodução. Ao ter contato, ainda na Universidade de São Paulo, com o trabalho de Bernard Lahire presente em obras tais como: *l'invention de l'illettrisme*(2008), *La culture des individus*(2005), *Le travail sociologique de Pierre Bourdieu: dettes et critiques*( 2001) e sobretudo *Sucesso Escolar nos meios populares: as razões do improvável* (2002), vi ser questionado este determinismo sociológico que aposta na função do ambiente educativo como mero reprodutor das desigualdades sociais que não abre espaço para que se tenham alternativas para reversão deste quadro que estão presentes nas obras de Althusser e Bourdieu. Dessa forma, a partir deste questionamento, foi aberta a possibilidade de encontrar um quadro teórico que pudesse ajudar a explicar minha experiência na Índia e em outros países. O contato com a obra de Lahire(2002) deu sustentação sociológica para minhas observações sobre a importância da afirmação identitária e cultural no processo educativo e permitiu que pudesse prosseguir com meus estudos investigativos no que esta importância se relaciona com o processo de apropriação da linguagem.

#### 1- Determinismo Sociológico – Bourdieu e Althusser.

Uma das obras mestras de Pierre Bourdieu , *A Reprodução*, nos fala dentre outras coisas da instituição escolar como principal responsável pela reprodução das estruturas sociais e coloca o processo de apropriação da linguagem como um dos principais responsáveis por este processo.

Afirma que o padrão da linguagem culta e escolar é mais próxima do Habitus lingüístico da classe dominante o que faz com que esta tenha mais probabilidade de sucesso escolar e as outras classes maior probabilidade de fracasso escolar.

Fala ainda do conceito de violência simbólica, que determina a imposição da cultura (incluso linguagem) da classe dominante sobre as outras classes como se fosse a única ser considerada.

Bourdieu e Althusser são pessimistas quanto a possibilidade de reversão deste quadro e herdamos deste pensamento predominante em nosso ambiente acadêmico ocidental este pessimismo.

## 2 - Afirmação Identitária Observada na Fundação Ramakrishna.

Na Índia, para se ter acesso a determinada produção cultural, é necessário se dominar, além do padrão culta língua predominante da província em questão, o padrão culto da língua inglesa. Não raro, vemos em escolas de línguas estrangeiras no Brasil a tentativa de além de passar o padrão culto da língua a ser aprendida, as suas características culturais dos países nas quais é língua oficial, ignorando totalmente todo o universo simbólico já existente na cultura de origem dos alunos. Isto cria, de certa forma um processo parecido com o que nos expõe Bourdieu no que se refere ao habitus lingüístico (de uma língua estrangeira no caso).

O que pude observar no caso da escola de línguas de Hyderabad da Fundação Ramakrishna é que no processo de apropriação do padrão culto das línguas que ali eram ensinadas, primeiramente se valorizava a afirmação cultural e identitária dos alunos, ressaltando suas características culturais próprias e levando em conta e tendo como auxiliar neste processo de ensino do padrão culto de uma língua estrangeira, o seu universo simbólico de origem.

Na região se fala o Telugu e na metodologia de ensino do inglês, por exemplo, não se tenta “britanizar” ou “americanizar” os alunos neste processo de apropriação do padrão culto desta língua.

A idéia central é que a partir da valorização do próprio universo cultural, os indivíduos enriqueçam de tal forma seu universo simbólico que a apropriação de um outro código simbólico se torne mais fácil. Por isso, segundo esta metodologia, não se deve desprezar o capital cultural de origem dos indivíduos no processo de apropriação de outros códigos simbólicos. Isto tanto

pode se aplicar ao aprendizado de uma nova língua, como a apropriação de códigos simbólicos dos padrões cultos da própria cultura.

Desta forma , podemos tecer alternativas para este determinismo sociológico no processo de apropriação da linguagem no meio escolar , para que este possa não mais ser o responsável principal para a reprodução social a partir da instituição escolar. Educar para além da reprodução, este foi o objetivo que observei nas Instituições Educacionais da Ordem Ramakrishna na Índia.

### **Referências Bibliográficas**

#### **Textos de Vedanta e Vedantismo**

DUARTE, Rogério. Bhagavad Gita (Tradução Sânscrito-Português da Canção do Divino Mestre e comentários do autor desta obra no contexto do Mahabharata). São Paulo: Cia das Letras. 1999

FARCET, Gilles. Les Upanishads (Traduction vers le français des 12 Upanishads Majeurs avec commentaires de l'auteur). Paris: ALTESS. 1985 (Tradução do francês pelo autor dos trechos utilizados em citação)

SATPRAKASHANANDA, Swami. Methods of Knowledge. Calcuta.: Ramakrishna Math. 1975

TATHAGATANANDA, Swami. The Journey of the Upanishads to the West. New York: Ramakrishna Math 2004 (tradução do inglês pelo autor, dos trechos utilizados em citação)

VIVEKANANDA, Swami. Education. Madras (Chennai):Ramakrishna Math. 1910 (tradução do inglês pelo autor dos trechos utilizados em citação)

VIVEKANANDA, Swami. Complete Works. Madras(Chennai):Ramakrishna Math 1920 (tradução do inglês pelo autor dos trechos utilizados em citação)

#### **Indologistas**

BERRY, Thomas. Religions of India. New York :Columbia University Press1971(tradução do inglês pelo autor dos trechos utilizados em citação)

MULLER, Max. What can Índia Teach us? London .:Book Tree1900 (tradução do inglês pelo autor dos trechos utilizados em citação)

PANIKKAR, Raimundo. The Vedic Experience.London: Motilal Badarsidass, 1979 (tradução do inglês pelo autor dos trechos utilizados em citação)

ZIMMER,Heinrich: Les Philosophies de L'Índe. Paris: Payot, 1953.

### **Educação, Psicologia e Filosofia Ocidental**

ABADI, S. Transições: o modelo terapêutico de D. Winnicott. SP. Casa do Psicólogo, 1998.

BIARNÈS, Jean. Universalité, Diversité, sujet dans l'espace pédagogique. Paris: L'Harmattan, 1999.

BOURDIEU, Pierre- A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, Vozes. 2010

\_\_\_\_\_ - Escritos de Educação. Petrópolis. Vozes. 2010

\_\_\_\_\_ - O Poder Simbólico. Rio de Janeiro . Bertrand do Brasil . 2010

\_\_\_\_\_ - Economia das trocas simbólicas, São Paulo. Perspectiva. 2005

\_\_\_\_\_ - Economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer, São Paulo , EDUSP, 2008

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

GUSDORF, Georges. Professores para que? São Paulo: Moraes 1970

LASCH, C. O Mínimo EU: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo, Brasiliense, 1990.

PLATÃO. Diálogos. Porto Alegre.:Editora Globo 1962

POLI, Ivan da Silva- Antropologia dos Orixás: A Civilização Yorubá a partir de seus Mitos, Orixás e suas Diásporas. São Paulo. Terceira Margem, 2011

SILVA, N. Da. Exclusão Social : Espaço de Criação como uma alternativa educacional. São Paulo, I Editora, 2002.

WINNICOTT, D. O Brincar e a Realidade. RJ, Imago, 2002.

\_\_\_\_\_. Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas. RJ, Imago, 2000.

\_\_\_\_\_. A Natureza Humana. RJ, Imago, 1990.

#### Webgrafia

[www.baghavad-gita.org](http://www.baghavad-gita.org)

[www.bharatadesam.com](http://www.bharatadesam.com)

[www.hottopos.com.br](http://www.hottopos.com.br) ( artigo de J.Pieper de 2003)

Institut Universitaire de Formation de Maitres de Reunion . Artigos do jornal eletrônico Mathématiques, site

[www.iufm.reunion.fr/dep/mathematiques/seminaires/](http://www.iufm.reunion.fr/dep/mathematiques/seminaires/) theme1.html

[www.ramakrishna.org](http://www.ramakrishna.org)

[www.vedanta.org.br](http://www.vedanta.org.br)